Carioca

CARMELIA ALVES

CR$ 4,00
N.º 981
24-7-1954

DIRETOR
HEITOR MONIZ
GERENTE
OCTAVIO LIMA

Não arrisque a beleza natural de sua pele!

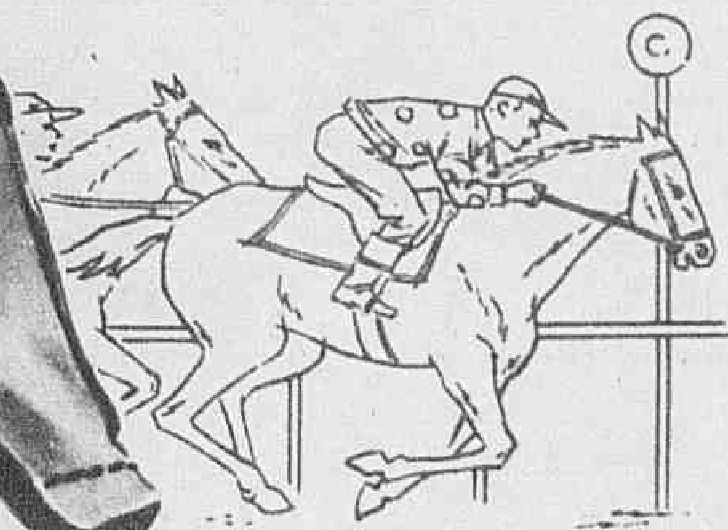


Proteja sua cútis pela vitalizante

Massagem de Beleza

com a ação medicinal do

LEITE DE COLONIA



É o tratamento de beleza mais simples e econômico!

Molhe o seu rosto com bastante água. Sem enxugá-lo, friccione algodão embebido de Leite de Colonia, em movimentos circulares de baixo para cima. É o quanto basta!

O viço... o colorido... a juventude de sua pele não são coisas que possam ser substituídas. Sua cútis, portanto, merece todo o cuidado! Para conservar o frescor e a maciez de sua pele, faça diàriamente a tonificante "massagem de beleza"... pela manhã e à noite... com a penetrante ação medicinal do insubstituível Leite de Colonia. Revigorando os tecidos da pele, Leite de Colonia evita a flacidez... remove manchas, sardas, espinhas, que antes você tentava, inùtilmente, esconder com a maquilagem excessiva. E nada melhor que Leite de Colonia para a completa limpeza da pele, sejam quais fôrem os preparados que você use em seu rosto. Adote agora Leite de Colonia para ter a pele sempre jovem... por muito mais tempo!



Insista com

Leite de Colonia

É preparado pelo médico Dr. Arthur Studart

1.117
Charles A. Ullmann

Carioca

DIRETOR
HEITOR MONIZ
GERENTE
OCTAVIO LIMA

EMPRÊSA A NOITE
PRAÇA MAUÁ N.º 7
ANO XIX — N.º 981

CARTA DA PROVINCIA

LEONOR TELLES

JÁ há alguns dias respiro o ar da província portuguêsa, nesta vila ensolarada e calma.

Entroncamento é um lugar pequeno e simples, mas tem para mim o sabor do desconhecido e êstes campos verdes, cobertos de oliveiras, onde reinam a paz e o silêncio — esta paz e êste silêncio sonhados pelos que labutam nas grandes metrópoles.

Os habitantes da vila levam uma vida rotineira e tranquila. Há a estação ferroviária, entroncamento para diversas regiões de todo Portugal, "quebrando a monotonia", como dizem alguns. Há, também, o cinema, situado na rua principal, paralela à linha férrea, e onde as crianças e adolescentes vão à "matinée" aos domingos. Creio que o domingo é mais das crianças do que de nós, adultos; sinto o domingo como sua propriedade, e creio que será assim em todos os países, aqui em Portugal, no Brasil e em tôdas as regiões do mundo, há a "matinée" cinematográfica das crianças. Não tive oportunidade de visitar o "Cine Entroncamento", ainda, mas parece-me bom. Pelo menos, a Irene, uma garota ribatejana minha vizinha, refere-se a êle, com entusiasmo:

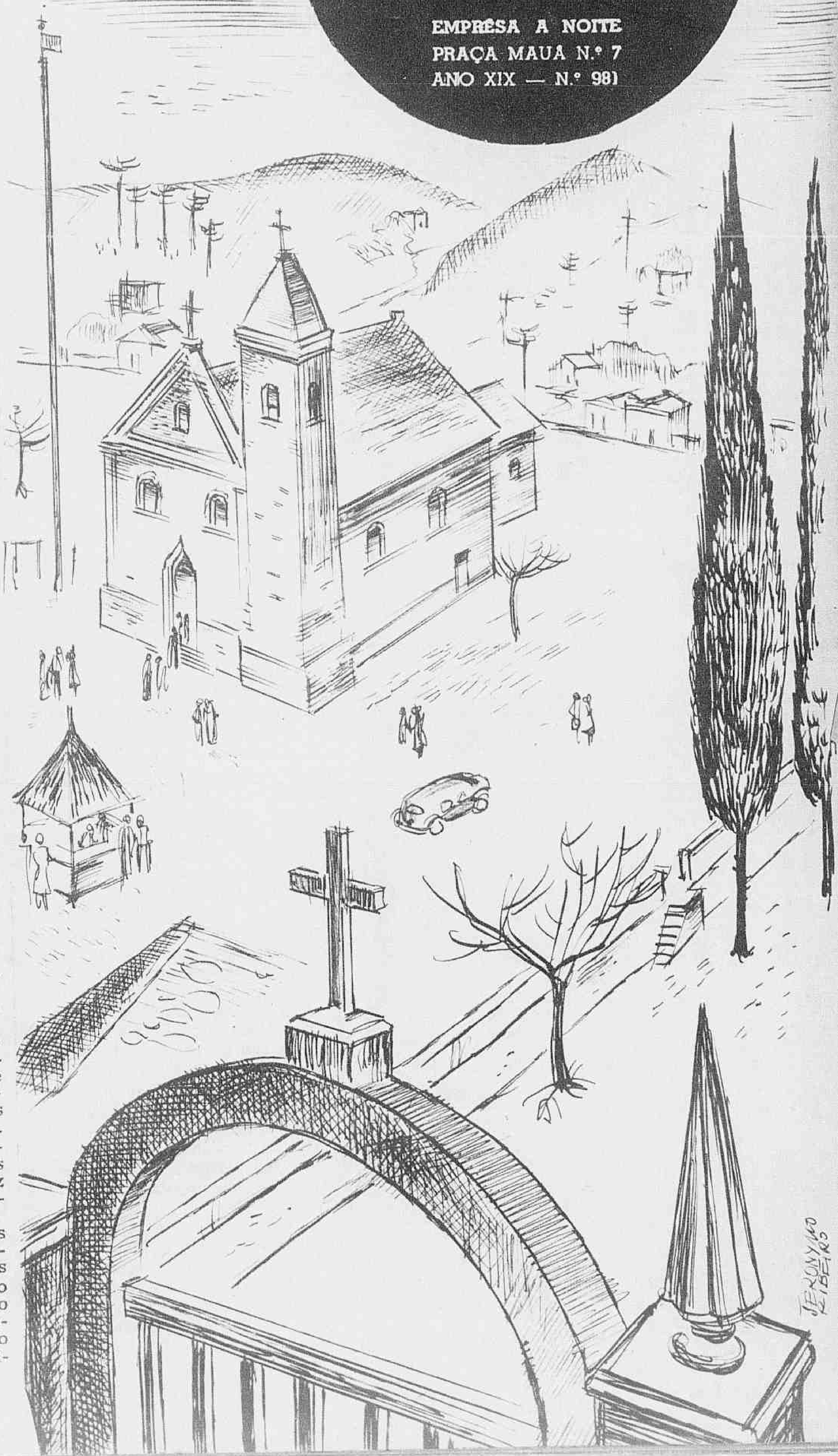
— Nada mais há para se ver, dona Leonor. As distrações da vila são poucas: o cinema, as "soirées" do Grêmio — nosso clube esportivo — o rinque de patinação e o jardim.

Há, ainda, um grande e bem montado café, onde os homens vão trocar idéias, à noitinha, enquanto as senhoras fazem o seu serãozinho, à luz do candieiro, quando a luz elétrica tarda.

Tudo isto é pitoresco e diferente, mas sinto-me ambientada, como se houvesse vivido aqui todos os anos de minha vida. E nesta adaptação fácil, ainda assim, quanto proveito, quanta coisa aprendo, coisas profundas que eu gostaria de transmitir a todos; sobretudo — nós que vivemos na cidade, servidos pelos últimos e aperfeiçoados maquinismos do progresso, numa contínua ansiedade de viver a vida, a lutar desde o nascer do dia até o regresso ao lar, sempre correndo, sempre tentando "chegar", não podemos saborear a vida — "aos pedacinhos" — como os da província, nem sabemos sentir o valor real das coisas que nos cercam, e nem mesmo nos é dada aquela hora calma, velada pelo silêncio da noite, quando a nossa alma se debruça para dentro de si mesma e rememora, monologa e sonha...

Qual viverá a verdadeira vida — a metrópole agitada ou a província tranquila? E qual será a verdadeira vida? Talvez Katherine Mansfield — a sensibilíssima escritora da Nova Zelândia — respondesse à minha pergunta, se viva fôsse. Entretanto, parece-me adivinhá-la, sentindo êstes sítios tão cheios de sua presença espiritual. Algumas vêzes, posso até imaginá-la, caminhando entre as oliveiras — as oliveiras que são árvores de folhas de prata, à luz do luar... Kathie descreveria assim as oliveiras:

"Com os seus troncos e ramos estendidos para a frente, parecem árvores que caminham... À noite, sob os raios do luar, seus ramos são prateados e formam um cenário de sonho, de encontro ao azul profundo do céu, onde há, também, a luz das estrêlas... Como tudo isto é lindo! E como tudo isto é "nosso", e de quantos o queiram contemplar!...".



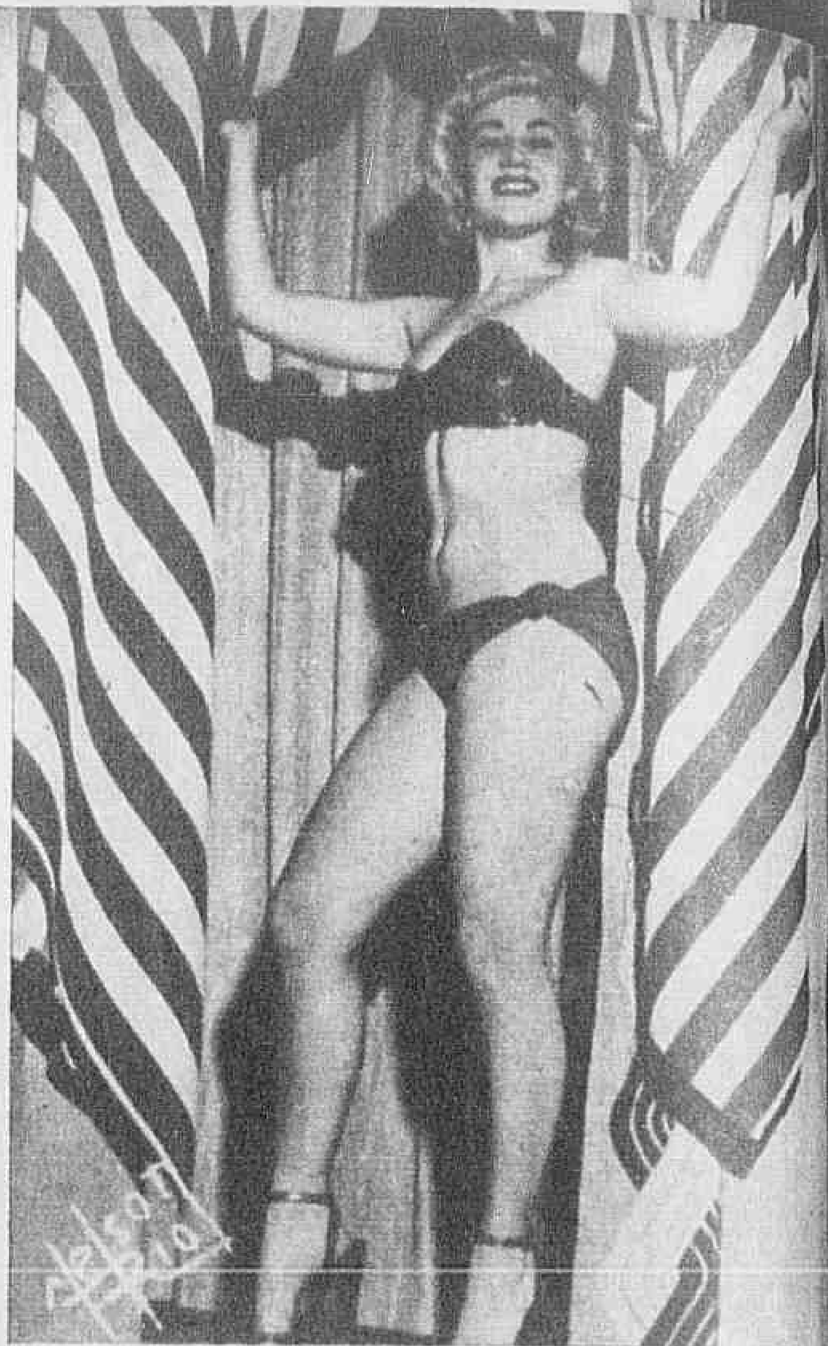
MARGOT MOREL,

"O BROTINHO LOURO DO RADIO"

A "estrela", sua vida e suas atividades radiofônicas — A "Diana" de "Almas em conflito", fez sucesso com Alda Garrido, no Teatro Rival

Reportagem de GRACIETTE SANT'ANNA

Fotos de NELSON SANTOS



As aparições de Margot têm merecido os aplausos dos telespectadores cariocas



O brotinho louro venceu em tôda a linha. E com muita justiça, sem dúvida



Neste "close" de Nelson Santos, observa-se a harmonia dos traços faciais da "estrelinha"

ENTRE as baianas de babados e brincos de argolas, com seus tabuleiros repletos de cuscuz, acarajé e vatapá, em plena cidade do Bom-Fim, em São Salvador, nasceu a loiríssima estrêla da TV-Tupi, cinema e teatro: Margot Morel.

Desde muito pequena, demonstrou uma tendência tôda especial para a arte de representar, e principalmente para a dança. Gostava também de desenhar, de cantar e declamar em festas familiares. Nos tempos de colégio, foi a primeira aluna em declamação. Dizia versos com muita graça e sentimento, dando uma interpretação fiel à mais difícil poesia. Fêz o seu curso primário na "Escola Jesus Maria José" e o curso colegial no Instituto Feminino da Bahia, terminando no Rio seus estudos de humanidades no "Colégio Mario Cavalcanti".

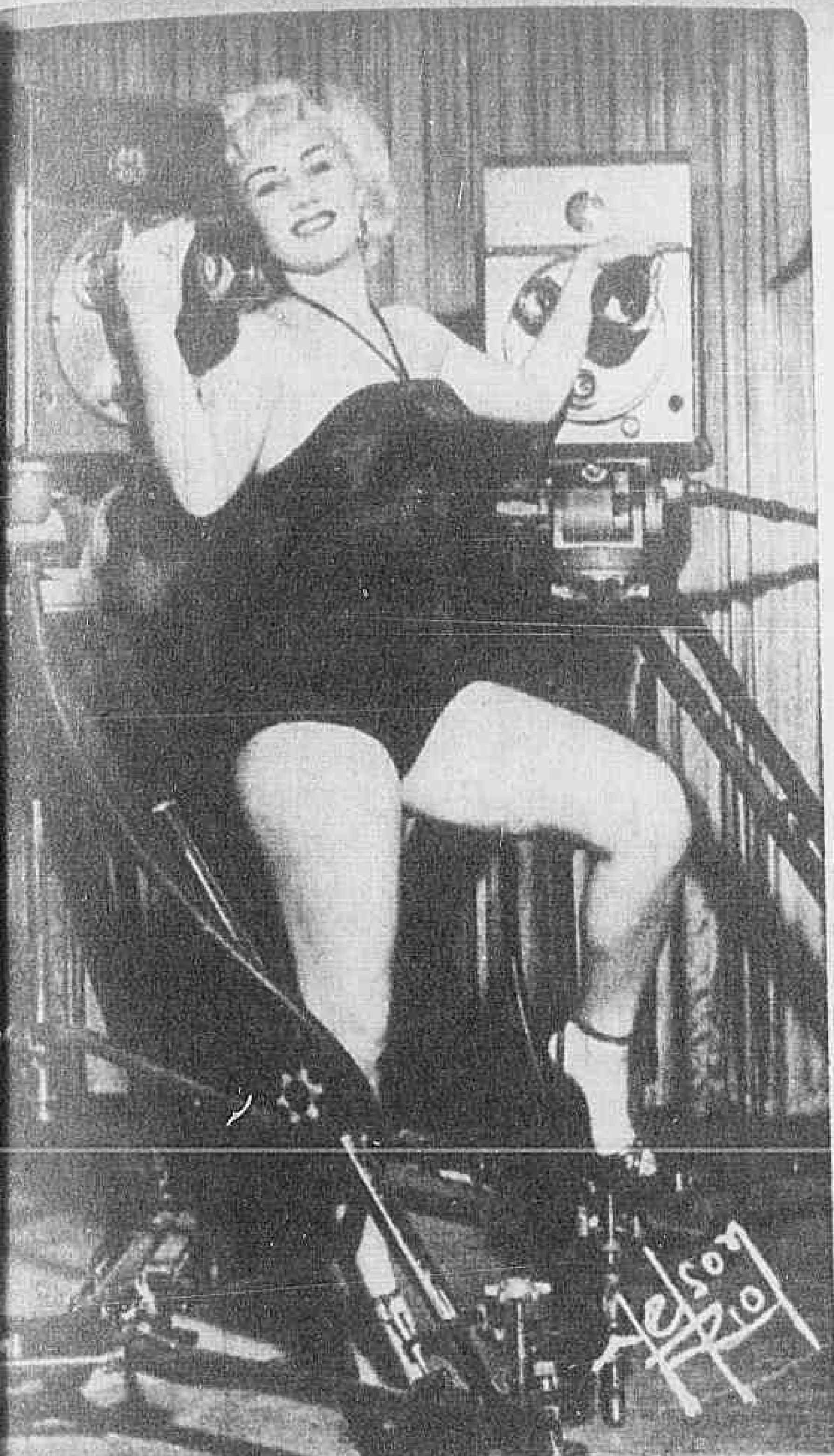
Em 1948, veio residir, juntamente com sua família, num dos melhores bairros do Rio, onde daria início à etapa gloriosa de sua carreira artística. Embora desejasse ardentemente se dedicar à arte, Margot não se decidia a começar sòzinha a carreira, sem o amparo de alguém. A graciosa garota trabalhava num escritório comercial, com um salariozinho simples. Passava horas inteiras sonhando com um futuro glorioso como artista de rádio, esperando que surgisse um dia, no seu caminho, uma oportunidade. Certa vez, ia andando distraidamente com a sua mãe pela Cinelândia, quando encontrou com um amigo que a convidou para atuar nos programas da TV-Tupi. Radiante de alegria, a pequena sonhadora aceitou logo o oferecimento e estreou com grande sucesso, permanecendo até hoje como uma das principais estrêlas da TV-Tupi. Com Luiz Gonzaga, andou pelos bairros cariocas, cantando e dançando.



A TV já não tem mais segredos para ela. Daí seu jeito de absoluta confiança no futuro

Foi eleita a "Rainha do Xaxado". No programa Silveira Lima atuava como locutora e dançarina, agradando muito. A convite de Joana D'Arc, entrou para o teatro de revistas, fazendo sua estréia em "A Bomba da Paz", no teatro João Caetano. Por intermédio de Ary Barroso, entrou para a buate, sendo uma das principais atrações do Casa Blanca, depois Monte Carlo, etc... Anunciamos aos fãs da linda lourinha que a querida "vedette" será uma das principais atrações de uma das maiores buates cariocas e ainda será a estrêla de "Almas em Conflito", da Sacra Filmes. Nesta película, interpretará o papel de Ilda. Para os ouvintes de casa comunicamos que a querida estrêla está na Rádio Tamoio, trabalhando em "Vesperal das moças", com o Chacrinha, todos os sábados, no horário das 15 às 18 horas.

Margot Morel foi candidata ao título de rainha das atrizes, sòmente não vencendo o famoso pleito devido a uma demora de sua gloriosa temporada em Recife, onde recebeu o aplauso sincero de um público numeroso que a elevou muitíssimo como grande artista profissional. Hoje ela é a princezinha das atrizes e possui um lugar de destaque na radiofonia nacional. Uma boa novidade para os leitores, que admiram a plástica de Margot: é que ela estreará em breve no programa de Silveira Lima, na Rádio Mayrink Veiga, ganhando a PRA-9, assim, mais um elemento de real valor, para abrilhantar ainda mais o seu já selecionado "cast" artístico.



Graças a esta complicada aparelhagem, a linda garota chega à tela dos receptores de TV



Uma pose sofisticada para a objetiva de CARIOCA

JANTAR ÀS OITO

Conto de L. S. Howart

ESTA noite jantamos com nossos amigos Henry e Eliane Pewder. Esperam-nos às oito e são já sete e meia.

Estou pronto. Gravata-borboleta, sapatos de verniz e carteira no bolso. Pus o gato na rua, apaguei o rádio e as luzes, salvo as de que necessitamos, e revistei as portas, certificando de que estão bem fechadas.

Expliquei a Gluck, nosso pequinês, que vamos sair e chegaremos um pouco tarde.

Estou pensando numa frase amável e ao mesmo tempo espirituosa para dirigir a Eliane quando chegarmos e procurando lembrar as duas anedotas que ouvi hoje à tarde e que certamente farão Henry rir com vontade.

Consulta o relógio.

— Sete e meia, querida ! — previne a Hilda, da escada.

Não responde. Ouço um ruido de água. Evidentemente, não ouviu.

Subo e bato à porta do quarto de banho.

— Sete e meia, querida ! — repito.

— Estou tomando banho — responde. Não vais querer que me apresente em casa dos Powder como se acabasse de sair de uma carvoaria, não achas ?

— Não creio que estejas «tão» suja, querida — protesto. E sabes que levamos mais de dez minutos daqui lá.

— Não resmungues — replica Hilda. Nada tão deselegante e que seja ao mesmo tempo incômido para os donos da casa que uma visita chegar antes da hora marcada.

Volto ao andar de baixo. Recordo as duas anedotas e mais outra a respeito de um provinciano que se apresenta no Paraiso. Não é uma anedota muito engraçada, mas, depois do primeiro coquetel Henry a achará divertidíssima.

Consulte novamente o relógio.

Dois minutos depois ouço abrir-se a porta do quarto de banho.

— Roberto !

É Hilda que me chama. Subo as escadas.

— Faltam vinte para as oito, querida — digo. Procure dar à voz um tom natural, para que não sôe à censura.

Hilda está vestida num «peignoir» rosa cheio de bolinhas. Tem um aspecto encantador. Mas, tenho que admitir que isso não implica de forma alguma que esteja pronta para sair.

Aparentemente não consegui meu intento de não deixar transparecer uma censura em minha voz.

— Penso — diz-me, com altivez — que não te oporás a que me vista com um pouco mais de apuro para sair contigo.

Estou de acôrdo em que não pooeria sair para jantar fora vestida num simples «peignoir»...

— Bem — exclama. Que ?...

— Que.. e que ?... — pergunto-lhe naturalmente.

— Que ponho ?

Sugiro um vestido, meias, sapatos e o que quer que acompanhe essas coisas.

— Estúpido ! — replica. Estou-te perguntando que vestido ponho !

Pergunto-lhe quais são os vestidos dentre os quais tem que escolher.

— O verde claro — responde. O ouro velho, o «vilux rose» ou o preto que vesti no banquete dos Darrieux. Ah, sim, quem sabe o azul turquesa ?...

Confesso que minha cabeça começa a girar quando procuro imaginar cinco

(Conclui na página 58)



Joanne Patino, "née" Joanne Connody, tornou-se a **figura central do mais recente** escândalo social, **ao fugir de seu marido, o rico herdeiro boliviano,** apenas dois mêses após o casamento. Joanne foi considerada, em 1948, a mais bela debutante norte-americana.



A "estrêla" cinematográfica Lynne Baggett aqui aparece em atitude aflita, ao ser prêsa pela polícia de Los Angeles, como principal responsável pela morte de um menino de nove anos, em consequência de violenta colisão de automóveis. O carro dirigido por Lynne pertence ao ator George Tobias.

HISTORIA DOLOROSA

Conto de A. BAZAN

SOUBERA pelos jornais que Max Nottinger fôra internado num hospital de doentes mentais. Pobre Max, fazia mais de um ano que não o via... Sempre elegante, risonho, amável, polido. Achei que era um dever de minha parte fazer-lhe uma visita, e dirigi-me à casa de saúde.

— O Sr. Nottinger ?

— Um momento. Quer ter a bondade de dar-me o nome ? — disseram-me na portaria.

Minutos depois, introduziram-me numa saleta arrumada com muito gôsto e meticulosidade. Uma bandeja de prata com cartões, uma mesinha com um bule de chá, biscoitos, cigarros, licores, fotografias com dedicatórias afetuosas, enfim, algo que me fez duvidar que estivesse na sala de espera de um doente mental.

Súbito, abriu-se a porta do aposento contíguo e surgiu Max, um tanto magro e pálido. Supreendeu-me vê-lo mais elegante que nunca. De casaca, com uma flor na lapela, parecia vir de um casamento. De braços abertos, encaminhou-se para mim, satisfeito, muito amável.

— Que prazer ! — exclamou. Como me sinto feliz por vert-te ! Senta-te... Penso que aceitas uma xícara de chá, um vinho do Pôrto ou, pelo menos, um cigarro. Que tens feito ? E como vão os teus ?

— Bem — respondi, um tanto desconcertado.

— Que satisfação ! Tens jogado muito bridge ? Aqui, jogamos tôdas as tardes. Precisas aparecer um dia.

Houve um intervalo. Max ergueu-se para oferecer-me uns biscoitos.

— Experimenta. Foi a Virgínia que me mandou. Tão simpática ! Imagina que se casa sábado próximo. Mandei-lhe um presente. Estou certo de que vai apreciálo. Um jôgo de xícaras de café, verdadeira preciosidade, para ela que recebe tanto...

— Tens lido muito ? — perguntei-lhe com o propósito de levá-lo para outro terreno.

— Qual, não tenho tempo para nada. Os compromissos, as relações, as visitas me têm ocupado constantemente. Ainda agora estou organizando um baile para amanhã. Estou quase louco com os convites.

— Tu que és feliz, Max — disse, erguendo-me. Deixo-te porque tenho um compromisso às seis em ponto, porém não queria deixar de vir verte hoje.

— Oh, como te agradeço ! Breve irei retribuir-te essa fineza. E Max acompnhou-me até à porta da saleta.

— Que coisa estranha... — murmurei já na portaria. Êle está perfeitamente bem. Mais correto e amável que nunca. Apenas noto que parece pensar que está em casa... Que estranho !

Não podendo sair dali sem ter uma informação precisa do seu estado, dirigi-me ao gabinete do diretor, o Dr. Vielo.

— Que há realmente com o Nottinger ? Acho estranho...

— Algo muito interessante — respondeu-me. Você o conhece bem. Sabe que veio diretamente do Canadá como representante da British Machinery Company. Pois bem, êste rapaz quando chegou não conhecia senão a Universidade de Toronto, onde passou tôda a mocidade. Ali se distinguiu por seus estudos comerciais e a Universidade premiou-o com um contrato com a British Machinery Company. Sei que seus pais são de origem alsaciana, que é gente muito honrada porém modesta. Max tinha um ordenado magnífico como representante daquela Companhia na América do Sul. Não estava aqui senão de passagem, mas o destino quis que ficasse conosco... Max apaixonouse por Frances Villatonga.

— A gorduchinha ?

— Sim, a mais moça — respondeu Dr. Violo. O noivado foi rápido e agitado, porque a família devia embarcar para a Europa e o casemento deveria realizar-se antes. Parece que a mãe ia submeter-se a uma operação... O fato é que o pobre Max durante três mêses não pôde nem respirar. Aperesentações a pessoas desconhecidas, convites de todos os lados, solicitações para aqui e para ali, um sem acabar de compromissos sociais que devia atender com os Villatonga... Max se sentia num mundo incompreensível e agradável. Ia a chás, coquetéis, jantares, bailes e banquetes como um autômato sorridente. E tinha um êxito imenso entre as amigas de Frances. Logo foi o casamento. Os irmãos de Frances ofeceram-lhe com seus amigos um jantar de despedida da vida de solteiro. Êle teria preferido ficar aquela noite em casa com Frances. Por sua vez, as amigas desta lhe fizeram uma grande surpresa. Mas a surpresa o foi na realidade para Max. Não compreendia o porquê daqueles cantos e danças em que procuravam imitar seu sotaque inglês e em que riam dêle. A profusão de presentes chegou a atordoar o rapaz. "Que significava aquilo ?" — perguntava ao ver chegar tantos e tantos, centenas de presentes de grande valor. Presentes que de tantos se repetiam.

A primeira manifestação estranha

(Conclui na página 58)





PERNAS, BRAÇOS E AXILAS SEM MÁCULA

LIVRES DE PÊLOS QUE TANTO AFEIAM E ESTRAGAM COM O SUOR OS SEUS VESTIDOS

"Racé" elimina os pêlos com incrível rapidez, não irrita a pele e evita que os pêlos tornem a crescer mais vigorosos

Use "RACÉ" e fique certa de que os pêlos jamais quebrarão a envolvente sedução do seu corpo.

"RACÉ" vende-se nas principais perfumarias

Peça folhetos gratis — Pedidos do interior são atendidos no mesmo dia

LABORATÓRIO VINDOBONA

Rua Uruguaiana, 104 5.º andar — RIO

Queiram enviar-me o folheto explicativo referente ao depilatório Racé". R. C. 7-54

NOME.......................................

RUA...

CIDADE....................................

ESTADO....................................

Cravos e Espinhas

Tratamento definitivo dos cravos, espinhas e seborréia. — Extração radical e sem marca dos pelos do rosto, verrugas e sinais

Dr. Pires

(Prát. hosp. Berlim, París, Viena, N. York)

Rua México, 31-15.º — Rio de Janeiro

Peça informações sem compromisso

Nome ....

Rua ....

Cidade .... Estado ....

ESTUDE

Contabilidade ou contador, com diploma, por correspondência no INST. RIO BRANCO. Gratis a todo aluno: 1 cart. de identidade, 1 pasta, mat. estudos, etc. Procure-nos s/compromisso.

CAIXA POSTAL, 5.215 — SÃO PAULO

O GRANDE SUCESSO DA
MUSICA BRASILEIRA NA ARGENTINA

Coroou-se do êxito mais brilhante a missão artística que levaram à Argentina a querida «estrêla» Carmélia Alves, o cantor Jimmy Lester e os seus companheiros de «tournée». Tôda a imprensa de Buenos Aires registrou, nos termos mais expressivos, o sucesso dos artistas brasileiros, que receberam ali verdadeira consagração. «La Época», «Radiolândia», «Mundo Radial», e vários outros jornais e revistas da Argentina publicaram reportagens destacadas sôbre Carmélia e Jimmy, ressaltando o que êles significam como intérpretes da música popular.



Carmélia, Jimmy e os seus companheiros de «tournée», grande êxito da música brasileira na Argentina.



A «estrêla», no aeroporto, cena agradecendo a recepção carinhosa que lhe foi feita.







Lidando com o fogão e as panelas, Isaurinha não se atrapalha...



Eis sua primeira gravação. Hoje, elas se contam às centenas

ISAURINHA GARCIA,

Reportagem de CARLOS MARIA



Os vestidos são tantos, que a escolha se torna difícil...

SÃO PAULO — Há dias, Isaurinha Garcia convidou o repórter para um almôço em sua casa. "Está aceito o convite" — dissemos — "contanto que nos autorize a fazer uma reportagem". Vêzes sem conta tinhamos pensado em apresentar Isaurinha aos leitores, como dona de casa, e a ocasião, por conseguinte, não podia ser mais oportuna.

Isaurinha vive num moderno apartamento (de sua propriedade), numa das ruas mais bonitas de S. Paulo. Ela mesma deu palpites para a decoração de sua casa e, sem lisonja lhe dissemos que se um dia quisesse de ser cantora poderia (e com êxito) ser decoradora. "Não. Se eu deixar de ser cantora não quero ser mais coisa alguma. Nasci para cantar eu acho e a gente não muda de carreira tão fàcilmente". Acreditamos nesta declaração de Isaurinha porque todo mundo sabe que ela é uma mulher de convicções firmes e fiel aos seus amigos: a primeira vez que cantou em rádio, o fez na Record. E desta estação não saiu nem sequer pensou em sair, a despeito dos convites os mais tentadores que tem recebido de todo o país, ao longo dos seus quinze anos de cantora de rádio. Fez questão de nos mostrar, em sua casa, três coisas pelas quais



Em um recanto aprazível do apartamento, com o querido "Chano"



De "slacks", respondendo à enorme correspondência dos fãs

GRANDE CARTAZ DA RECORD

Fotos de C. IADELUCA

tem grande estima: sua máquina de escrever — "porque é onde eu bato as minhas cartas, em resposta as dos meus fãs"; o disco, que guarda com imenso carinho, e que foi o primeiro que ela gravou em sua carreira (Isaurinha gravou, até hoje, para mais de trezentos discos), e um gatinho, que ela chama de "Chano".

Passeamos pelo apartamento de Isaurinha, e vimos tudo: desde os quadros de Pancetti (seu tio), um dos maiores pintores brasileiros de todos os tempos, ao imenso guarda-roupa da cantora. "Sabe, eu tenho êstes vestidos todos porque devo aparecer constantemente em festas e bailes, mas, agora, de minha predileção, só êste vestido, que eu própria desenhei e fiz, e uns "slacks", que logo vestirei para você ver como são (bonitos" (eram, de fato, e a fotografamos para vocês verem).

Perguntamos a Isaurinha quando é que ela apareceria numa estação carioca (sabemos que a Mayrink a tem convidado), mas parece que isso será difícil nestes tempos mais próximos. "Só nas minhas férias e as últimas no mês findo as passei no Recife". Oxalá que, mesmo só por uns dias, ela consiga vir antes ao Rio, para alegria dos seus fãs cariocas.



Há sempre um momento para a leitura, nas horas de descanso



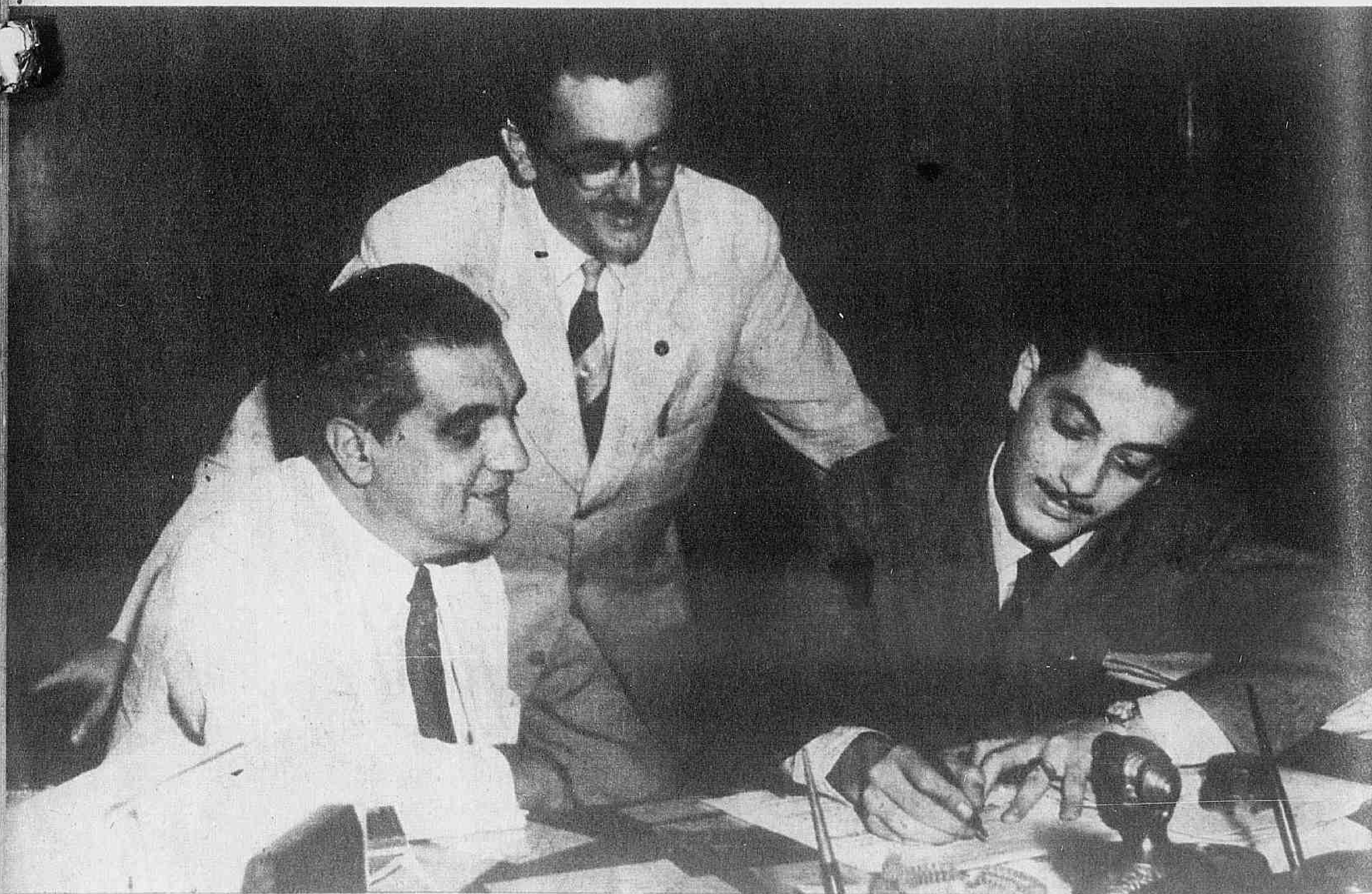
Coquetel para comemorar a estréia de Lucio Alves na Rádio Splendid

LUCIO ALVES: "VOU ANDAR MUNDO"

Da vantagem de ser da Rádio Nacional — Gravará em dueto com Dick Farney — "Meu romance com Vera Lucia não existe" — Um "long-play" só com músicas de sucesso — Do Ford de bigode ao Cadillac — Os últimos discos

Reportagem de MIGUEL CURI

Fotos de HELIO PONTES



Saint-Clair Lopes e Ciribelli, irmão de Lucio, por ocasião da assinatura do contrato do cantor

— Quer jantar comigo?
— Não, obrigado. Quero uma entrevista.
— Pois não. Então, sente aí e peça um uisque.
Vieram o uisque do reporter e o filé minhon de Lucio Alves. Este havia chegado de uma viagem a São Paulo. Perguntamos-lhe como iam as coisas.
— Bem, graças a Deus.
— Satisfeito com a Nacional?
— Bastante. Aqui, qualquer artista melhora e consolida a sua situação, vendendo mais discos, sendo mais ouvido e prestigiado. Estou muito contente, mesmo.
— E as novidades?
— Várias. Vou gravar, em dueto com Dick Farney, o samba de A. Jobim e Billy Branco, "Teresa da Praia", e a toada de minha autoria, "Casinha Pequena" — só prá mostrar que cantamos de maneira diversa. Acaba de sair a gravação de "Valsa de uma cidade", de Antonio Maria e Ismael Neto, e "Nós Dois", samba de Carolina Cardoso de Menezes e Antonio Fernandes. Pouco antes, lancei "Blue Gardenia", "Por que, Meu Amor?", "Buenos Aires" e "Odio ou Amor", êste, samba de um argentino, C. Cabral.

Nesse momento, Mario Lago se aproxima e entrega a Lucio os versos de uma futura composição, a ser musicada por Lucio. Observação de Mario: "Alguém já tirou cópia só prá ficar com os versos no bolso e ler". De passagem: Mario é um poeta.

Sôbre gravações, Lucio refere-se, ainda, ao "long-play" que fará só com melodias de sucesso, como "Faceira" e "Baixa do Sapateiro", de Ari Barroso, "Nem Eu" e "João Valentão", de Dorival Caymmi, "Se Eu Morresse Amanhã", de Antonio Maria, "Ternura", de Lirio Paniçalli e Amaral Gurgel, "Aconteceu", de Johnny Alf, e "Baião de Copacabana", de Lucio e Haroldo Barbosa.

"VOU VIAJAR"

Dos nove aos quinze anos de idade, Lucio cantava sozinho, formando, depois, o conjunto "Namorados da

(Conclui na página 60)



Na Seção de Correspondência da PRE-8 com um gesto que diz: "Estou aqui outra vez"



O casal Orlando Silva é muito amigo de seu amigo Lucio Alves



Olivinha Carvalho com a faixa («Rainha do Fado» do Brasil) e as flôres que lhe foram oferecidas.

FESTA DE OLIVI

Manifestações de aplauso e simpatia à "Rainha do Fado" no Brasil

Fotos de Nelson Santos

OLIVINHA Carvalho — essa graciosa brasileirinha que alcançou popularidade e uma invejável posição no nosso rádio cantando fados — viveu momentos de intensa e justa satisfação, com a festa que lhe ofereceram, no auditório da Mayrink Veiga, durante a irradiação do programa «Trem da Alegria».

Possuidor de reais méritos artísticos, desde criança Olivinha se iniciou na carreira que haveria de lhe proporcionar o sucesso. Aos cinco anos já cantava fados, e aos dez estreiou no teatro, aparecendo ao lado de Oscarito, no Recreio. Muito cedo, também, aos quatorze anos, experimentou o cinema, surgindo no filme «Pif-Paf», estrelado por Marlene. De lá para cá, sua atividade no terreno da arte se intensificou cada vez mais e várias emissoras cariocas apresentaram a seus ouvintes a notável garôta que, apesar de bem brasileira, interpretava o fado como verdadeira portuguesinha.

Seu primeiro contrato, aliás com a própria Mayrink Veiga, foi assinado quando a cantora contava dezessete anos. Mais tarde, em 1951, tornou-se exclusiva da Rádio Nacional, onde até hoje se encontra. Por tudo isso, a que se



Eis a cantora, feliz, durante as manifestações de que foi alvo no auditório da Mayrink Veiga.



Yara Sales cumprimenta a homenageada, aparecendo ainda duas fãs da graciosa «Rainha do Fado».

...NHA CARVALHO NO AUDITORIO DA MAYRINK

...ode acrescentar, ainda, trabalhos em «shows» de «boites» e aparições em alguns outros filmes nacionais, bem como excursões por numerosos Estados e gravações das mais aplaudidas, Olivinha Carvalho se fez merecedora, sem dúvida, das homenagens que o «Trem da Alegria» e os fãs acabam de lhe prestar. Foram momentos de carinho e confraternização, que devem ter feito sentir a Olivinha a simpatia de que muito justamente goza entre os colegas e os rádio-ouvintes.

Aproveitando a oportunidade destas referências, damos a seguir as letras de duas das últimas páginas musicais lançadas pela «Rainha do Fado» no Brasil:

CARTAS D'AMOR

Fado de Alves Coelho Filho

Como jurei
Com verdade o amor que senti
Quantas noites em claro passei
A escrever para ti
Cartas banais
Que eram tôda a razão do meu ser

(Conclui na página 59)



Chocolate, Lamartine Babo, Cauby Peixoto e Vitinho associaram-se às homenagens a Olivinha.



Olivinha retribuiu as manifestações cantando uma de suas mais bonitas páginas.



Olivinha não esconde sua satisfação ante o entusiasmo com que as fãs a assediavam.



O «brotinho» mineiro, na Rádio Nacional, entre o reporter e Paulo Roberto.

HÁ uma emoção de amadorismo na profissão de Célia Vilela. Dir-se-á que, nela, o diletantismo é remunerado. Ser cantora assim é bom, conforme se percebe na exuberância de gestos e no riso franco da menina de 16 anos incompletos.

— Sou cantora por temperamento e gosto de sê-lo, talvez porque nenhuma necessidade premente ou imperiosa m'o obrigue. Isso, todavia, não invalida minha enorme vontade de vir para o Rio, contratada por uma emissora. Êste, aliás, é o meu sonho dourado. O Rio me fascina.

Célia é cantora da Rádio Guarani e Rádio Mineira, as «Associadas» de Belo Horizonte. Já ganhou e usou um «slogan» — «Rainha do Baião de Minas». Hoje, prefere que a chamem de «brôto». E que «brôto»! Começou aos quatro anos, bailando mais que cantando. Seu primeiro contrato, como cantora, foi-lhe dado pela Rádio Inconfidência, da qual saiu, um ano, depois, em 1950, por ser menor de idade. Voltou para a Rádio

(Conclui na página 56)

CELIA VILELA: "MEU SONHO E' CANTAR NO RIO!"

Está estudando bailado e acordeon — Começou aos quatro anos e está com 16 — O problema é a idade — Conversa com a "estrelinha" mineira

Reportagem de M. C.

Fotos de NELSON SANTOS



Lúcio Alves é um dos seus cantores prediletos.



Linda Batista fazendo as honras da casa.



O sorriso feliz das dezesseis primaveras.

VALE A PENA SER MODELO!

GAROTAS EM DESFILE — O CAMINHO MAIS CERTO PARA O ESTRELATO!

Por CARLOS FERNANDO



Barbara Drake, um caso sério em qualquer concurso de beleza



Ei-las numa cena do filme da RKO, "Um Romance em Paris"

AS lutas de classes estão em evidência... Não resta a menor dúvida de que tôdas procuram, de uma forma ou de outra, a elevação de seu nível. Há uma classe, porém, que não necessita desses entrechoques para vencer, dado que as suas componentes ganham sempre qualquer questão com um mínimo de esfôrço, desde que suas "qualidades" sobressaiam à primeira vista.

Quero me referir às modelos, àquelas garotas que, pela beleza de linhas, de formas e de atitudes, deslumbram a todos que as vêem num desfile, ou nas capas coloridas dos modernos magazines. O fato é que elas compõe uma classe privilegiada. Estão sempre aparecendo, envoltas em permanente aureola de publicidade. Praticamente, não há desajustamentos financeiros para as modelos, já que sempre haverá quem pague mais para ter o seu concurso, pois os grandes costureiros não regateiam salários diante de um manequim capaz de lhe vender, desde um caríssimo casaco de peles, ao menor biquini.

Por outro lado, a profissão de modêlo já constitui, por si só, um passo certo em três caminhos, que seguem quase paralelos, no mesmo rumo, com o mesmo objetivo — a fama! Um deles, porém, está desde logo intimamente ligado à característica básica dos modelos, pois se trata igualmente de desfilar, com "charme" e elegância, diante de platéias exigentes. Referimo-nos aos concursos de beleza, que comumente oferecem fama e vantagens outras às vencedoras.

O segundo caminho requer um pouco de sacrifício, se a candidata não desejar permanecer em meio à trajetória do sucesso:* o teatro. No palco, a carreira torna-se um tanto



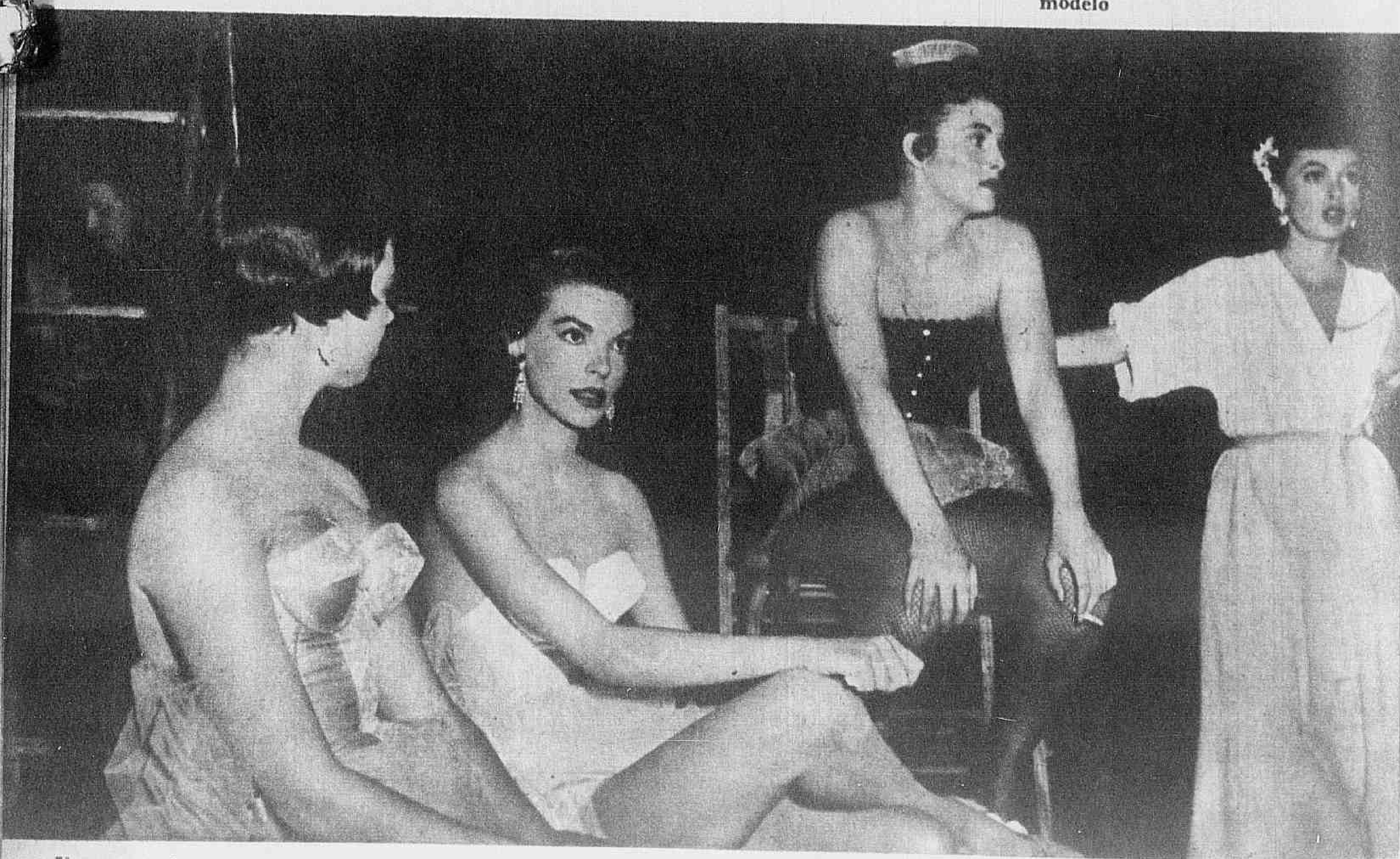
Barbara Dobbins conquista a todos com seu semblante angelical



Outra componente dessa linha de elegância é Mary Rodman



A elegância de Barbara Darrow é digna de um perfeito modêlo



Um grupo de modelos descansa, enquanto espera a ordem do diretor para entrar no "set" de "Um Romance em Paris"



Jean Moorhead é uma figurinha pra lá de interessante...

mais difícil para aquelas que almejam o drama e, mesmo, a comédia. Se não houver um estudo preparatório, uma qualidade inata a ser desenvolvida, então o melhor mesmo é enveredar pela dança, pois a fama poderá estar à sua espera no fim dos sucessos que por ventura encerrem as grandes revistas musicais.

Finalmente, o último e mais importante de todos os caminhos é aquele por onde são conduzidos todos os cartazes que logram aparecer através dos outros dois: O cinema. Por conseguinte, trata-se da última etapa da carreira artística de qualquer categoria. Quando não "descobre" as suas próprias "estrêlas", vai procurá-las nos concursos de beleza, nos "shows" teatrais, ou buscá-las nas capas coloridas dos magazines.

Assim é que os modelos têm noventa e nove por cento de possibilidades de se verem "descobertas" de um momento para outro, se por sua conta e risco não quiserem enfrentar outras maneiras de alcançar sucesso.

Inúmeras são as "estrêlas" atuais que saíram das capas de revistas, ou estavam até há bem pouco tempo perdidas no meio das coristas que se enfileiravam no palco, sob o foco dos refletores. Quantas delas são hoje famosas em todo o mundo, devendo sua "descoberta", seu lançamento, sua popularidade ao fato de se terem iniciado na luta pela vida empregando-se como modêlo?

Algumas vezes os produtores cinematográficos tomam a decisão de reunir um punhado dessas beldades numa úni-

(Conclui na página 60)

SEU DESTINO PERTENCE AO CINEMA!

RETORNA A TELA A MAIS POPULAR DAS "ESTRELAS" BRITANICAS, MARGARET LOCKWOOD!

De
JIMMY LLOYD



Sem dúvida, ela é uma das mais lindas representantes do cinema inglês.



Os fãs matarão as saudades quando a virem novamente, ao lado de Wendell Corey, fazendo valer o seu talento.



Fazendo dupla com Wendell Corey, Margaret brilha em «Torturada Pela Paixão».



DENTRE as «estrêlas» do cinema inglês, uma há que, sem dúvida, é a mais popular. Seu nome, quando surgiu no cenário cinematográfico, tornou-se desde logo um dos mais visados pela crítica e pelo público, dada a capacidade artística de pronto revelada. Trata-se de Margaret Lockwood, uma das primeiras «estrêlas» do elenco britânico e das que mais têm sido aproveitadas em filmes inglêses de boa qualidade.

Não obstante ter nascido em Karachi, no Paquistão Margaret é considerada súdita britânica, por ter sido registrada no consulado do país de seus genitores. Talvez em consequência do contato mantido com ordens religiosas, e tambem por conhecer profundamente a miséria das várias castas em que se divide aquele povo, surgiu em seu íntimo o desejo de se tornar missionária. Entretanto, quando seus pais se mudaram para a Inglaterra, teve a jovem que iniciar uma vida completamente diversa assim como se lançar à conquista de um novo ideal: o teatro.

O novo objetivo não foi difícil de ser conquistado. Sua vontade de vencer se encarregou de torná-lo mais ao seu alcance, assim como de amainar os obstáculos que o destino lhe apresentou. O fato é que, devido únicamente à brilhante «performance» que logrou obter nos vários papéis na ribalta, foi ela convidada a ingressar em um novo setor artístico — o cinema.

Naturalmente não se estranhou a sua aprovação nos primeiros téstes a que

(Conclui na página 59)

Ei-la em tôda sua elegância, tal como aparece em «Torturada pela Paixão».



Sua linha de elegância, é qualquer coisa de excepcional como se observa.



Durante um intervalo das filmagens de «A Espada de Damasco», Pipel prepara-se para o próximo «take».

O DESPONTAR DE

OITO mêses após assinar seu contrato cinematográfico, Piper Laurie lançou-se decididamente em busca do estrelato, o que foi conseguido em menos tempo que qualquer «estrêla» de sua categoria.

Piper tinha apenas dezessete anos, quando a Universal-International lhe entregou um contrato de sete anos para ser assinado. Embora os seus termos fossem incisivos, o documento sòmente entraria em vigor mais tarde, isto é, dois meses após o recebimento de seu diploma do curso ginasial. Por coincidência, sua colação de grau caiu exatamente quando a pequena completava dezoito primaveras. Três semanas depois, iniciou ela o trabalho do seu primeiro filme, «Louisa», no qual fez uma pequena «ponta». Poucos meses bastaram para que se elevasse ao «stardom», ganhando o principal papel feminino, ao lado de Tony Curtis (que, por sinal, também desempenhava o seu primeiro papel), no celulóide «O Príncipe Ladrão».

Nascida em Detroit, no dia 22 de janeiro de 1932, Piper é a segunda filha de Alfred e Charlotte Jacobs. Seu verdadeiro nome é Rosetta Jacobs.

Enquanto estudava no colégio em Detroit, um dos dez estabelecimentos em que esteve antes de sua família mudar-se para Los Angeles, Piper escreveu, produziu e dirigiu diversas peças teatrais. De comum acôrdo com a sua irmã, certa vez publicou um pequeno «jornal», que era vendido entre os moradores da redondeza. E as duas, por não terem nada que fazer, tentaram, ainda, formar uma agência de detetives, que ràpidamente entrou em colapsto, por falta de clientes...

(Conclui na página 56)



Rock Hudson e Piper Laurie saem alegres, depois de terem cumprido mais uma «tomada» no «set» de «A Espada de Damasco».

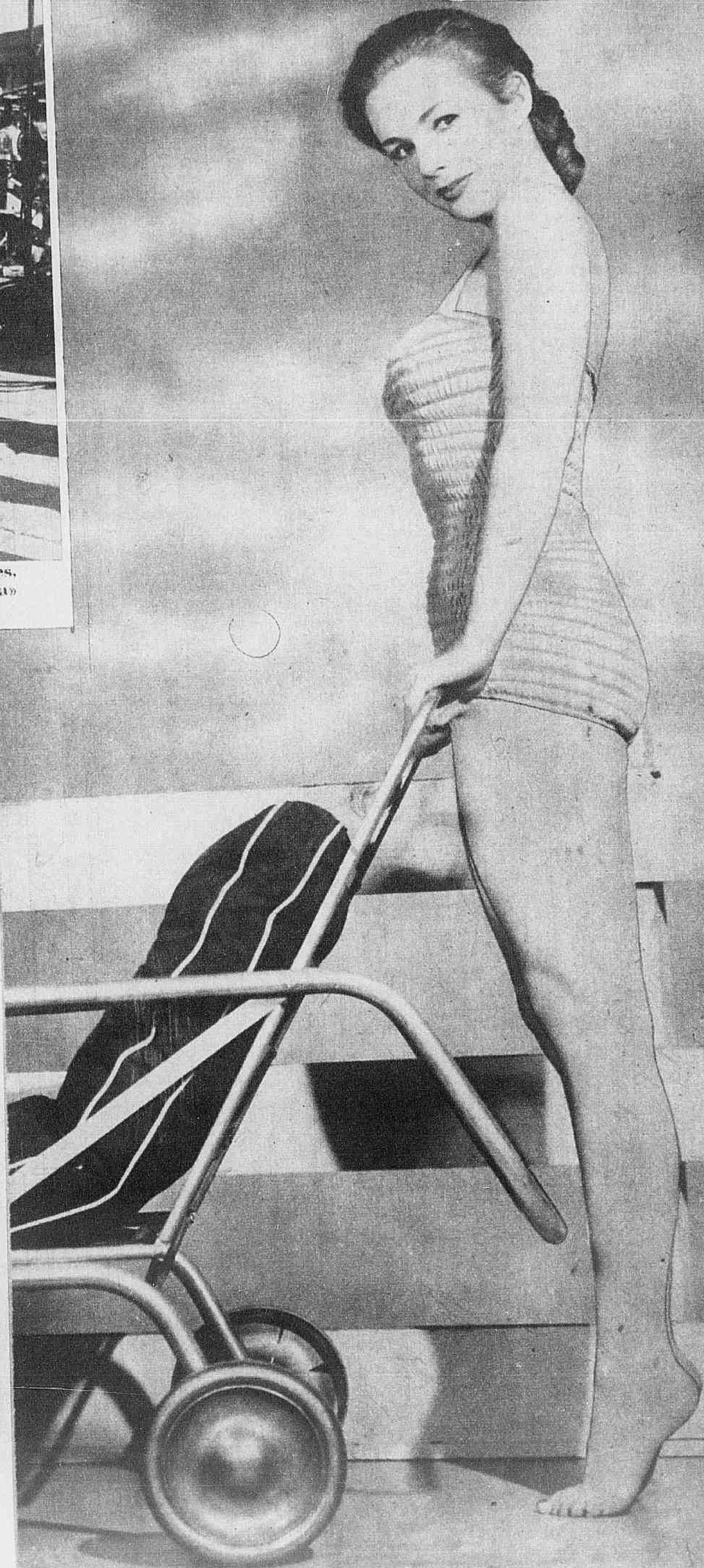
UMA "ESTRELA!"

Piper Laurie, finalmente, consegue surgir à tona — Uma decisão, uma vida atribulada, o sucesso, enfim!

De C. F.



Pipel Laurie, a «estrêla» que vem surgindo e se firmando cada vez mais no celulóide.



Além de talento, Piper possui uma plástica digna de admiração — concordam?

FILOMENA

Conto de L. Bengoechea

— Polícia? Polícia? — vociferava o hoteleiro, pelo telefone, quando entrei. Lembro-me bem, porque minha única idéia aquêle verão era desfrutar alegremente minhas férias, e causou-me aborrecimento pensar que um fato policial poderia perturbar a tranquilidade daquele hotel serrano, onde eu fôra esquecer a cidade, as máquinas e o asfalto.

— Polícia?... Ah, bem! — continuou o irascível hoteleiro. — Faça o favor de vir em seguida. Chamei o Roque para que fique comprovado que eu tenho razão... Aquêle velho é um desavergonhando...

Fui para o meu quarto, onde não ouvia a voz do hoteleiro. Mas não podia afastar o pensamento do ocorrido. Quem seria aquêle Roque? Por que o hoteleiro chamara a polícia? Que iria acontecer? Levada pela curiosidade voltei ao "hall", onde encontrei um agente de polícia e um ancião autênticamente serrano, com o chapéu enterrado até as orelhas e a vista cravada no chão.

— Veja, Roque — dizia o agente de polícia — comprovamos que a quinta dêste hotel está cheia dos rastos de sua vaca. Ela tem entrado aqui e feito muitos estragos...

— Não é vaca minha "Filomena", senhor — interrompeu com humildade o camponês. E' uma novilha, não mais. Por isso escapole e pula as cêrcas... Não vê que é muito novinha?

— Que novinha que coisa alguma — replicou o hoteleiro, a custo contendo a ira. Se você cuidasse mais dela, isso não aconteceria... E diga-me, quem vai pagar-me os estragos que me causou essa maldita vaca?

— Novilha, senhor — voltou a corrigir o homem, sempre humilde.

O hoteleiro ergue-se indignado.

— Faça o favor, Sr. agente, de comunicar no distrito que se êste animal voltar à minha quinta eu o liquidarei com quatro tiros.

O velho empalideceu.

— Bem — respondeu o polícia. Falarei ao chefe, senhor — e com um cumprimento, retirou-se.

O velho Roque pediu desculpas, pausadamente, e afastou-se em busca da sua "Filomena", que se achava perto da cancela do hotel. Saí atrás do ancião, levada pela curiosidade, e vi como passava uma cordinha em volta do pescoço de "Filomena", para levá-la.

Quando chegou a um sítio afastado, onde havia um rancho, deteve-se. Fiz o mesmo, pois estava resolvida a falar-lhe.

— Desculpe, senhor — disse-lhe, aproximando-me — mas como fui espectadora do sucedido, gostaria que me explicasse por que êste animal...

— Chama-se "Filomena" — interrompeu-me o homem, empurrando-a para que entrasse no terreno.

— Ah, sim... "Filomena"... Mas o que não compreendo, senhor, é por que se lhe dá tanto trabalho, melhor dito, aborrecimentos, não a vende e compra outra.

— Vendê-la? Isso nunca. "Filomena" é minha amiga — deteve-se, olhando-me com frieza, como censurando minha intromissão, e logo prosseguiu: — Criei-a desde pequenina. Ela me quer e eu a quero muito.

— Mas não pode prendê-la?

— Para que? Se logo ela mesma se prenderá...

O homem calou e eu lhe disse, confusa:

— O senhor há de achar que sou intrometida, mas me sinto muito intrigada com êste carinho seu por um animal. Sua vida deve ser estranha.

— Minha vida? Sou um pobre velho que vive sòzinho.

Não falou mais e tive que insistir:

— Não tem família? Filhos?...

— Sim, tenho um filho. — Fêz uma pausa, para logo acrescentar, pesaroso: — Anda pelo mundo, dando topadas. Saiu de casa muito criança... — E sem mais explicações, encaminhou-se pausadamente para o seu rancho.

Com um "boa-noite", retirei-me, caminho do hotel, resolvida a voltar e conhecer algo mais daquele homem tão bondoso e ao mesmo tempo triste e solitário.

Mas no dia seguinte, quando fui visitá-lo, já não o encontrei. Soube por uns vizinhos que saía muito cêdo para trabalhar na montanha.

Atraída pela beleza da paisagem e pelas excursões, logo esqueci o velho e dias depois voltei à cidade, onde a lembrança das minhas férias breve se afogou nas atividades da vida urbana. Todavia, meses mais tarde, quando, por ocasião das minhas férias, voltei àquêle lugar, ao achar-me diante do rubicundo hoteleiro com seus enormes bigodes, lembrei-me, súbito, do incidente do ano anterior e renasceu-me o desejo de ver o velho Roque e sua "Filomena". Que teria sido feito dêles durante o tempo transcorrido. Obedecendo a um impulso, corri para o rancho, embora começasse a cair a noite, e chamei à porta. O velho apareceu.

(Conclui na página 62)



ASSEGURE O SEU FUTURO

ESTUDANDO POR CORRESPONDENCIA

DESENHO ARQUITETONICO
DESENHO MECANICO e
DESENHO ARTISTICO

inclusive *desenho comercial e publicitario*

Confie na sua personalidade e ganhe respeito, admiração e uma posição social destacada. UM FUTURO BRILHANTE aguarda V. S. e uma vida cheia de possibilidades ilimitadas. Ajudá-lo-emos a desenvolver o seu talento, a ampliar a sua imaginação e a aplicar a sua capacidade construtiva e organizadora.

CONTABILIDADE

Ficará habilitado a ganhar os melhores ordenados.

CADA ALUNO FARÁ ESCRITURAÇÃO COMPLETA DE UMA CASA COMERCIAL.

O Brasil sente atualmente uma tremenda necessidade de técnicos em contabilidade e direção administrativa. V.S. poderá fàcilmente chegar a um dêstes postos almejados e realizar o sonho de uma vida brilhante.

CORTE E COSTURA
Tricô e Bordado

Centenas e centenas de moças e de senhoras tiveram a vida completamente transformada graças ao estudo pelo nosso método facil, rapido e eficiente. Em pouco tempo e com despesas insignificantes VIRÁ V. S. A SER UMA VERDADEIRA ARTISTA, perfeitamente capaz de executar todo e qualquer trabalho, inclusive trajes de casamento, lingerie fina, vestidos para esporte, etc., etc.

PORTUGUÊS
INGLÊS
AUXILIAR E CAIXA
CORRESPONDENTE
SECRETÁRIO
ESTENO-DATILOGRAFIA

Realise a sua independência econômica, melhorando o seu "standard" profissional e intelectual. A vida, em tôda parte, é dirigida pela lei biologica: vence o mais forte. Seja um dêstes, desenvolva sua inteligência, aumento o seu valor. UMA NOVA VIDA ABRE-SE NA SUA FRENTE. Não vacile e avance confiante, firme e orgulhoso de si mesmo.

. . . EIS O QUE CONSEGUEM OS NOSSOS ALUNOS, FELIZES E TRIUNFANTES . . .



Hoje costuro para todos de casa; aprendi a fazer as roupas do meu espôso, como camisa, pijama, etc.; agora, quando vejo um vestido, só de olhar sei onde está o defeito. Tudo isso consegui com o ensino dêsse Instituto.

Ligia Paes Corrêa
BELÉM
Est. do Pará



E com grande alegria afirmo-vos que já recuperei, em um mês, o dôbro do dinheiro empregado em meus estudos.

Manoel Batista Ferreira
JUAZEIRO DO NORTE
Est. do Ceará



Quando iniciei o Curso de Contabilidade, residia e trabalhava na roça, em serviços árduos e infrutíferos, sem nada conhecer de comércio.

Hoje trabalho numa grande firma, conheço todo o serviço e tenho boa prática de comércio; já encarreguei-me até de uma parte da escrituração da mesma.

Assim, espero jamais ser preciso voltar para a roça, uma vez que conheci o Instituto Universal Brasileiro.

Euclides Bento Silva
BEBEDOURO - Est. São Paulo



Graças ao Instituto Universal Brasileiro estou bem colocado com ótimo ordenado.

João Hilário Corrêa
CAMPOS GERAIS Est. Minas



O seu ensino de Corte e Costura é o único que poderia tornar-me a ESPECIALISTA EM CONFECÇÕES DE VESTIDOS PARA NOIVAS aqui no Distrito Federal. Graças ao seu Instituto, hoje tenho 10 alunas e habilidade para tôdas as peças.

Antonia R. Pereira
DISTRITO FEDERAL



Desde meados dos meus estudos já comecei a trabalhar. O que tenho ganho é muitas vêzes mais do que gastei, graças ao Curso realizado nosso Instituto.

Conceição A. de Jesus
SANTA RITA DE CARATINGA
Est. de Minas



Hoje sou militar e faço uso da profissão de "Contabilidade" mesmo no Exército, onde tenho tido êxito e eficiência graças aos ilustres professores do Instituto Universal Brasileiro.

Carmelo P. da Silva
PETRÓPOLIS Est. do Rio



Um curso por correspondência é tão ou mais eficiente que um dado pessoalmente. As explicações são simples e muito claras, não dando margem a dúvidas e permitindo aos alunos terem um perfeito conhecimento da matéria.

Dulce C. M. de Souza
LAVRAS - Est. de Minas Gerais

Desenho de aluno nosso, Sr. ULYSSES J. MARTINHO, Jundiaí - Est. de S. Paulo.





Imensamente satisfeito com o modo prático de ensino adotado por VV. Ss. afirmo que graças a êsse Instituto, estou hoje trabalhando na secção de contabilidade da Cia. Ferro Brasileiro S. A..

José Ricardo Leite
ESTAÇÃO DE JOSÉ BRANDÃO
Est. de Minas



O dinheiro que eu gastei com a escola, já recuperei. Tenho confeccionado vestidos de noiva, que foram do agrado de todos.

Luzia Braziolí
ARARAS Est. de S. Paulo



Tenho o prazer de comunicar-lhe que está sob minha responsabilidade o Cargo de ESCREVENTE JURAMENTADO do Segundo Cartorio do Registro Civil desta Comarca, no qual estou satisfeitíssima e ganhando um bom ordenado.

Djanira C. da Silva
ARASSOIABA
Est. Pernambuco



Acabo de empregar-me como desenhista de maquinas no Departamento Regional do SENAI, de Porto Alegre, Divisão Técnica, - Projetos e Engenharia, graças aos maravilhosos e eficientes ensinamentos que recebi dêsse Instituto.

Ary Alex Niedens
PORTO ALEGRE
Est. R. G. do Sul

não perca tempo

e mande-nos

HOJE

o coupon ao lado



1746

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO

CAIXA POSTAL 5058 — SÃO PAULO

Ilmo. Sr. Diretor: Peço enviar-me GRATIS o folheto completo sôbre

o curso de .... *por correspondência*
(indicar o curso desejado)

NOME ....

RUA .... N. ....

CIDADE ....

ESTADO ....

QUANDO ULTRAPASSAMOS A METADE DO ANO...

LUCIO FIUZA

ESTAMOS na primeira semana do mês de julho. Portanto, já estamos além da metade dos trezentos e sessenta e cinco dias que constituem o presente ano de 1954. Nosso teatro continúa mais ou menos estacionado. Nada digno de ser tratado com entusiasmo, nada de extraordinário ou de excepcional neste assunto tão humano e de tanta relevância para um povo.

Teatro, entre nós, continúa a ser a resultante do esfôrço de meia dúzia de lutadores, que se debatem com uma série de obstáculos, mas conseguem mostrar ao público um pouquinho de diversão, um vislumbre de arte.

De fato, tivemos, até o momento, num período de seis meses e dias, algumas iniciativas, quase os mesmos empreendimentos que estamos acostumados a apreciar nos anos passados. Naturalmente, nesta simples crônica, não iremos criticar espetáculos realizados, pelo contrário, temos o maior cuidado de mencionar as ocorrências artísticas, louvando-as e aplaudindo-as.



Consuelo Leandro, "estrêla" do teatro "Follies" e do "Night and day". Responsável por grandes sucessos.



Maria do Céu, uma das belas "vedettes" de "E' sopa no mel".

Com relação ao teatro de revista, fomos muito felizes na quantidade, até agora. E' verdade que estamos sentindo a falta das produções de Walter Pinto, todavia, poderemos mencionar os outros empreendimentos do gênero, a começar pela reaparição de Ferreira da Silva, presentemente ocupando o Teatro Recreio, ou seja o teatro de Walter. Tivemos ainda em outros teatros, diversos espetáculos do gênero musicado: no Glória, assistimos à Companhia de Colé; no República, ainda em comêço, a companhia de revistas de Freire Junior; no teatro "Follies", o empreendimento de Zilco Ribeiro, um primor de representação; e, no teatrinho Jardel, apresentam-se os dirigidos por Carlos Machado. Lamentamos que os responsáveis pelos convites dos espetáculos de Carlos Machado jamais se dignassem a nos enviar entradas para que tivessemos a felicidade de assistir a tão comentados espetáculos. Alguém já nos perguntou se éramos inimigos do produtor Carlos Machado, pois nesta nossa seção nunca havíamos feito referência às grandes obras de arte do dinâmico empresário. Respondemos que nunca fomos distinguidos com um convite para tais obras, que sabemos ser interessantes e artísticas. Contudo, Carlos Machado (pedimos desculpas de não usar o senhor, mas, em arte, o nome simplesmente tem mais grandiosidade) merece, de nossa parte, respeito e simpatia, uma vez que somos sabedores de que é realmente um valor na arte brasileira.

Temos ainda o teatro, em Madureira, de Zaquia Jorge. Ela, com entusiasmo, tem vencido todos os obstáculos e os madureirenses, orgulhosamente, contam com seu teatro de revistas.

Quanto ao que nos tem oferecido até agora o gênero comédia ou o teatro apenasmente declamado, devemos mencionar, em primeiro lugar, a Companhia Dramática Brasileira. E por que? Simplesmente porque apresentou espetáculos brasileiros. Originais indígenas. O regimento de tal companhia se propõe unicamente a montar peças de autores brasileiros, embora muita gente ignore isso e viva dizendo que a Dramática deveria também montar peças estrangeiras. Muito bem, a Dramática não montou nada de importante. Dois autores novos, e aí está o grande mérito da temporada e dois teatrólogos veteranos. Gastou-se muito dinheiro em espetáculos nada interessantes para o grande público. Êsses espetáculos, pagos pelo govêrno, devem servir a grandes massas, devem interessar à multidão, e não podem fugir à condição precípua de educar, divulgar a arte e divertir.

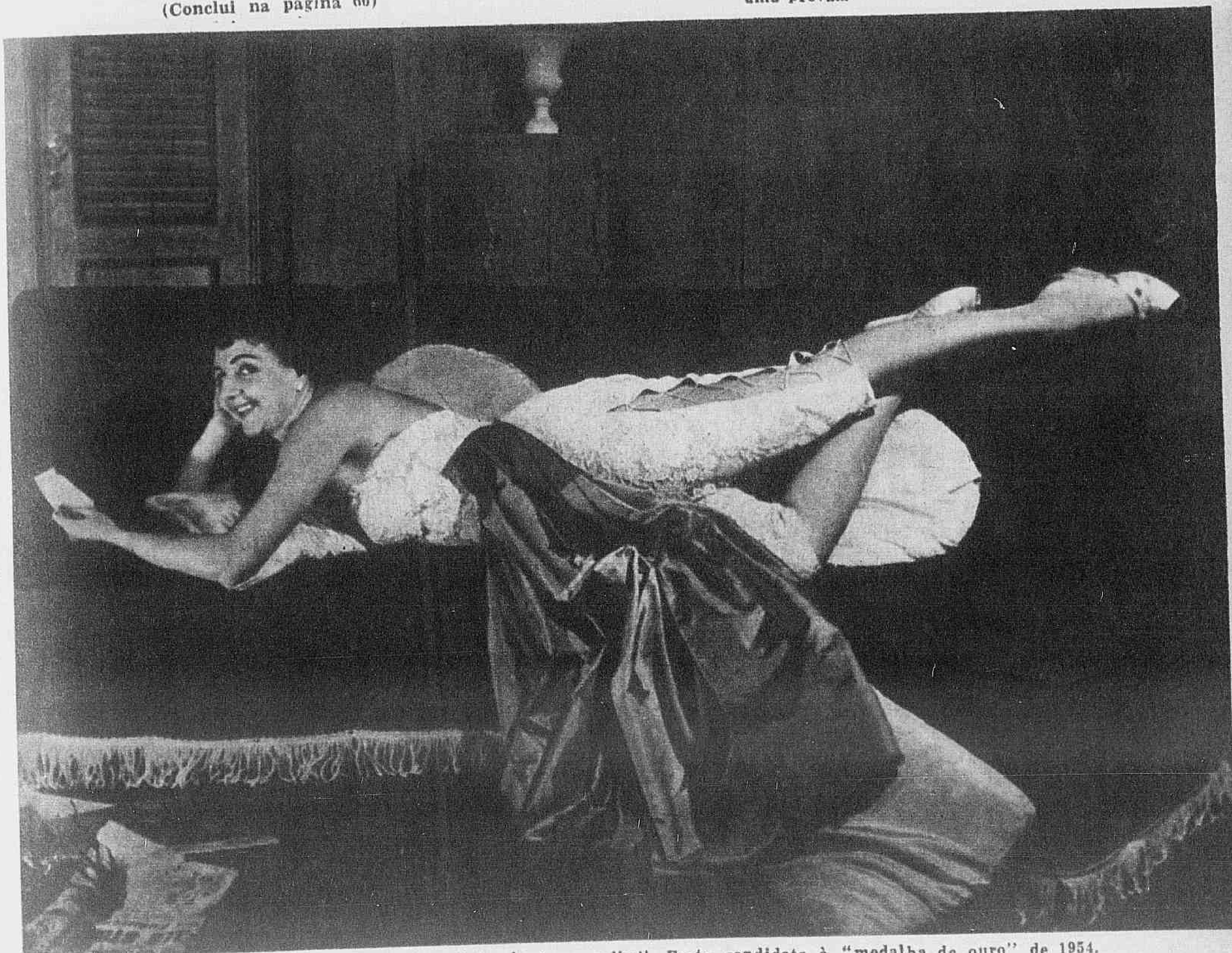
Tivemos ainda, nesta metade do ano, a continuação de "Dona Xepa", com Alda Garrido, no teatro Rival. Um original de qualidade, sobretudo pelos princípios humanísticos e que já vai resistindo a duas temporadas, o que constitui um recorde em nosso teatro.

Depois assistimos às peças: "A rainha do ferro velho", no teatro Serrador, obra que despertou grande interêsse aos fãs de "Eva e seus artistas"; "Uma mulher

(Conclui na página 60)



O teatro de Colé nos deixou saudades. Suas "girls" eram abafantes e aqui está uma prova...



Eva Todor foi notável em "A rainha do ferro velho". Forte candidata à "medalha de ouro" de 1954.



A nova dupla que surgirá na Rádio Nacional de S. Paulo. Uma pequena demonstração de suas qualidades artísticas à reportagem.



Em seu enlêvo, Homero e Sandra se descuidam da bebida. Teremos Whisky derramado.

DE SÃO PAULO

Homero Marques de malas prontas para uma viagem ao norte

UM POUCO DE SUA HISTÓRIA — GRANDE CARTAZ DA RÁDIO NACIONAL — SANDRA SAMARAH, SUA NOIVA E "PARTNER"

Reportagem de WALLY B. SAMY — Fotos de UBALDO TERRA



Observem a «linha» de Homero. E' um dos cantores-galãs preferido do rádio paulista.

ESTÁVAMOS trabalhando, quando recebemos um telefonema de Homero Marques, convidando-nos para ir visitá-lo no apartamento de sua grande amiga Carla Nell. Não o conhecíamos pessoalmente, porém sua voz alegre, do outro lado do fio, dava a real impressão de que falávamos com um velho conhecido.

Fomos recebidos, no 556 da Av. 9 de Julho, por Sandra Samarah, noiva de Homero. E o «bate-papo» se iniciou.

Homero, como alguns outros de nossos artistas, tem feito de tudo no terreno da arte. Come-



Homero Marques examina o bar do bonito apartamento de Carla Nell.



Sandra participa de todos os acontecimentos da vida de seu noivo.

çou no circo, como acrobata, passando-se depois para o teatro e, por último, em 1939, realizou seu grande anseio: cantor no rádio. Mas, por incrível que pareça, como naquele tempo ganhava apenas 20 mil réis por programa, era obrigado, também, a atuar no circo, simultaneamente. Ao resolver abandonar definitivamente o circo, foi a Rádio Kosmos que o contratou. Algum tempo depois, a Tupi, a Record, e, para se firmar duma vez na vida radiofônica, estava escrito que seria assim:

— Encontrava-me, ainda, na Record — relata-nos Homero Marques — e fui convidado para cantar na Exposição Internacional da Água Branca, isto é, na «boite» Umuarama. Certa noite, pediram-me para cantar numa mesa, pois alguém me queria ouvir «de perto». Fui. Havia nessa mesa um cavalheiro, uma senhora e uma senhorita. Depois que eu cantei, o cavalheiro apresentou-se como diretor da Rádio Bandeirante e convidava-me para visitá-lo no dia seguinte, em hora de expediente; havia gostado muito de minha voz: «garanto-lhe emprêgo nessa emissora», foi o que me disse. Fiquei atônito com tal convite, não vi a hora de poder entrevistar-me com aquele cidadão, segundo combinaramos. Entretanto, confiei, desconfiando.

★

Vamos interromper a entrevista, por alguns instantes, para apresentar a vocês,

(Conclui na página 62)



Não obstante Homero ser abstêmio, Maria pegou-o com «a bôca na botija».

Um espetáculo qu



José Lewgoy goza de uma grande popularidade na Bahia. Êle foi uma das figuras centrais do Festival, sempre aplaudido pelo público e procurado pelas fãs.



Gilda Valença não esperava ser tão conhecida em Salvador. E era. A graciosa «estrêla» fez grande sucesso no Festival.

Contacto direto entre artistas e povo — Grande entusiasmo pelos "astros" e "estrêlas" em Salvador — Filmes exibidos — Homenagens sociais e oficiais à delegação do Festival

TERMINOU o Festival de Cinema da Bahia, promovido pela Associação Brasileira de Cronistas Cinematográficos. Não há dúvidas de que o mesmo se revestiu de um êxito excepcional, ultrapassando de muito as expectativas mais otimistas que se pudessem fazer acerca do certame. Foi sobretudo, esta Segunda Semana do Cinema Brasileiro, uma festa do povo. Porque houve a sua participação direta e entusiástica em tôda a programação realizada em Salvador. Estabeleceu-se um contacto permanente entre o povo e os artistas, e foi êsse, à margem das comemorações sociais e oficiais, o ponto mais importante a fixar. A população baiana não poderia ter sido mais afetuosa, nem mais expansiva no acolhimento dispensado aos artistas. Em tôda parte êles eram esperados com interêsse e aplaudidos com vibração. Os «shows», em praça pública e os desfiles nos cinemas constituiram verdadeiros



Marly Sorel, Rainha do Cinema Brasileiro, cercada pelas fãs, em frente ao Hotel da Bahia, quando recebia a comunicação de haver sido fundado em Salvador um fã-clube com o seu nome. Na mesma ocasião a linda «estrêla» recebeu várias faixas.

empolgou a Bahia: a 2.ª semana do Cinema Brasileiro

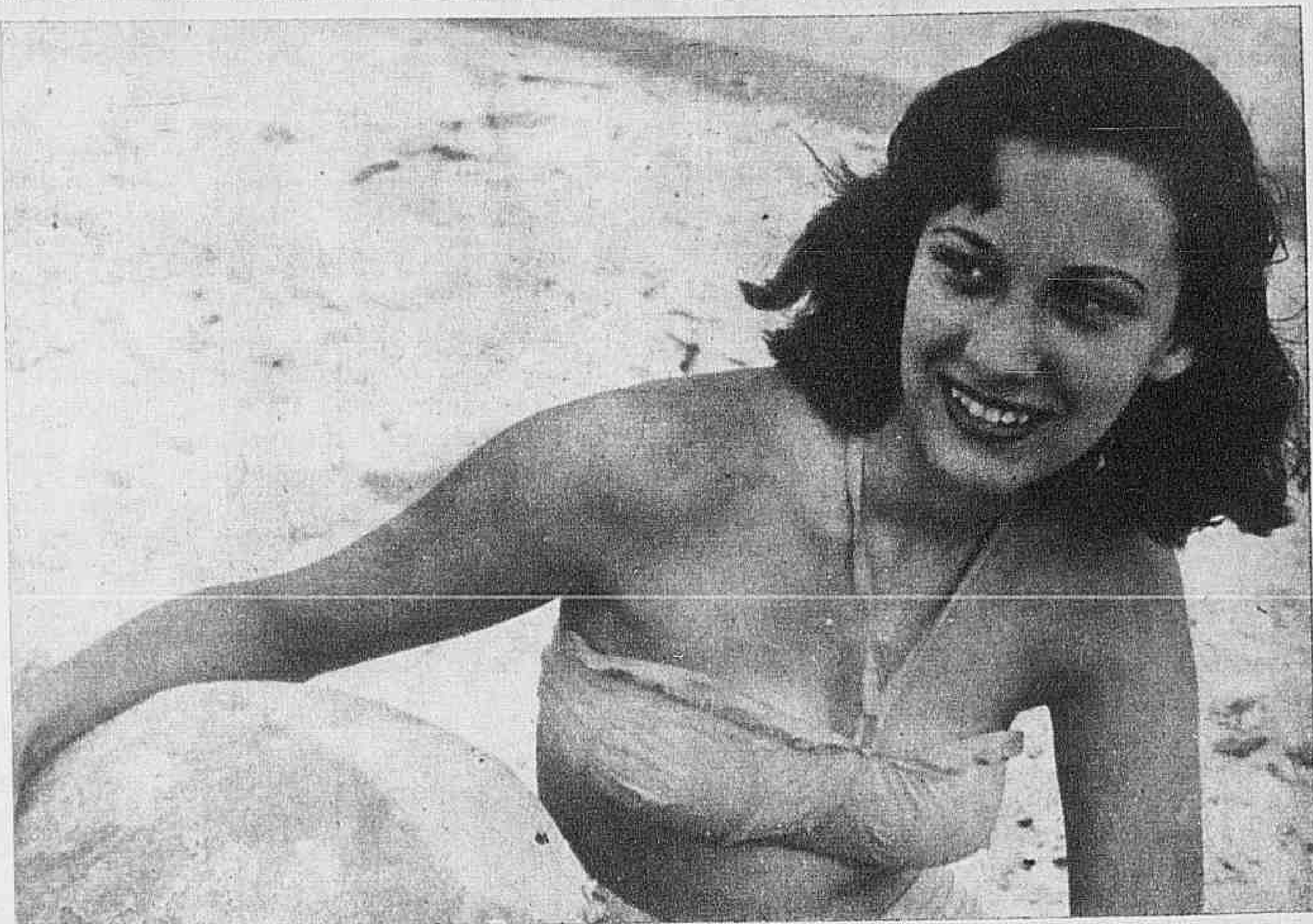
acontecimentos. A sociedade baiana e os poderes públicos manifestaram igualmente, em diferentes circunstâncias, a sua satisfação em ter sido escolhida a Bahia para o local da Segunda Semana Brasileira de Cinema.

OS ARTISTAS QUE FORAM A BAHIA E OS FILMES EXIBIDOS

Foram os seguintes, os elementos que constituiram a delegação do Festival de Cinema Brasileiro na Bahia:

Presidente: Joaquim Menezes, presidente da Associação Brasileira de Cronistas Cinematográficos; Artistas: Marly Sorel, Rainha do Cinema Nacional, Ilka Soares, Rosangela Maldonado, Gilda Valença, Miriam Moema, Fada Santoro, Cléo Teresa, Luiza Barreto Leite, José Lewgoy, Emilio Castelar, Anselmo Duarte, Alexandre Amorim. E ainda as seguintes pessoas: José Burle de Figueiredo, Jorge Ileli e Carlos Manga; jornalistas: Nelson Quadros, Salviano Cavalcante de Paiva, Van Jafa, Braga Filho, Luiz Alipio de Barros, Waldemir Paiva, Fernando Salgado; radialistas: Adolfo Cruz e Manoel Jorge; convida-

(Conclui na página 56)



A simpática Ilka Soares também compareceu ao Festival e foi aplaudida nos desfiles.



A moreninha Miriam Moema agradou muito na Bahia, desde o começo da Semana do Cinema.



Fada Santoro, integrante da delegação do Festival, uma figura que despertava atenção.

Uma faixa com a inscrição «Salve Marly Sorel, Rainha do Cinema Brasileiro, no Campo Grande. Várias outras faixas com o seu nome foram colocadas em direntes pontos da cidade.





DISCOTECA



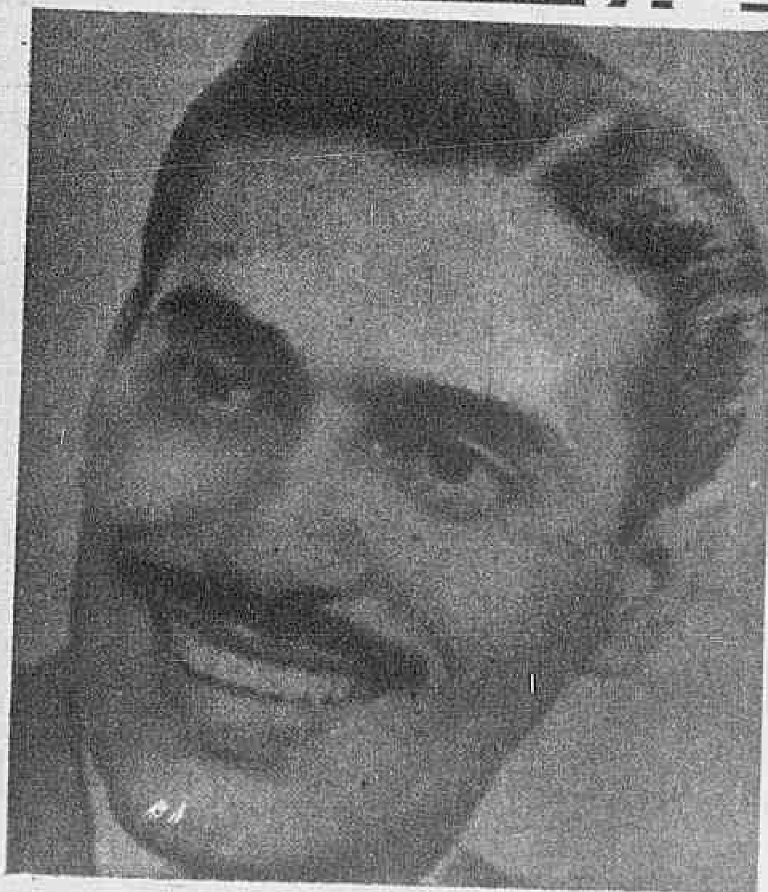
A JUVENTUDE DA ALMA

O espírito possui, sem dúvida, o dom mágico de jamais envelhecer. As caminhadas são longas, rudes — árduas e penosas — as missões; mas, desafiando o ciclo infinito do tempo, brilhando em tôda a sua intensidade, a lâmpada da alma continúa iluminando as noites densas de nossos ilusões! Por isso mesmo, estamos a rememorar acontecimentos idos, gratas lembranças escondidas pela cinza do passado. Cerramos as pálpebras, num instante, buscando a reconstituição do cenário. Era primavera, no Recife; nas praças e jardins públicos, pejadas de flores róseas e amarelas, as frondosas **acácias** engalanavam a paisagem. Do lado esquerdo, no belo e amplo Parque Treze de Maio, à entrada da Escola Normal, a folhagem espêssa e muito verde dos jambos do Pará, com as suas bonitas corólas avermelhadas, davam uma nota pitoresca e romântica ao ambiente. Num terreno enorme, ao centro, estavam armadas as inúmeras barracas da "Festa da Mocidade" e o seu teatro de variedades. Sòmente depois das dezoito horas, na despedida do sol, começava a vida contagiante dos entretenimentos. O espêlho mágico, a roda gigante, o trem fantasma, o chicote e o pôlvo. Dezenas de cadeiras, tôscas no formato, ocupavam a platéia defronte ao minúsculo palco. **Ary Guimarães**, cômico dos melhores que conhecemos, e apelidado de "Salomão", animava os espetáculos e fazia a apresentação dos cantores. Cursávamos, na ocasião, o último ano de ginássio. Não tinhamos as preocupações e responsabilidades de agora. Tratava-se, pois, de uma fase de vida estuante de energias e intensa euforia. Certa noite, fomos assistir, como de costume, ao "show" musical do mencionado teatrinho. Lá, surpreendeu-nos uma cantora, vinda do Rio de Janeiro, com brilhante atuação no rádio carioca e no mundo, fonográfico da época. Impôs-se, ao auditório, logo no primeiro número. Voz expressiva, ternos **vocalizes**, romântico filigranado sonoro na emissão do fraseado. Muita personalidade interpretativa. Era **Linda Rodrigues!** Escoaram-se os anos. O capricho do destino nos trouxe à Capital da República. Jornalista que sempre fomos, desde o início do ginásio, na cidade natal (Caruaru), também aqui prosseguimos no apostolado da imprensa. No ofício espinhoso da crítica especializada, viemos a conhecer, inesperadamente, a grande intérprete do rádio que visitara o Recife, atuando na "Festa da Mocidade". Sim, a excepcional cantora que não perdera a sua juventude espiritual e artística; a criadora de êxitos inesquecíveis, como "Lama", "Mesa de Bar", e outras belas páginas da nossa música popular. Agora, decorridos vários anos, já em 1954, ouvimos com emoção e contentamento novas e magistrais criações de Linda Rodrigues. "Fique em casa" (samba-canção) de Raimundo Olavo e Bené Alexandre, e "Farrapo de Calçada", também samba-canção, de autoria da própria Linda, faz jus a sinceros e calorosos aplausos. Aqui têm, seus fãs e admiradores, um disco magnífico em todos os sentidos. Arranjos de grande expressão vestem ambas as melodias, a par de acompanhamento instrumental irrepreensivel de Véro e seu Conjunto. Lembramonos, no ensejo, da notável gravação "Os dias que lhe dei", ouvindo a composição de estréia de Linda, "Farrapo de calçada". A direção artística da emissora soube reunir, esplêndidamente, dois sambas maravilhosos e a intérprete reeditou "performances" da mais alta classe. Poucas as cantoras, na atualidade, vivendo uma fase artística tão feliz quanto Linda Rodrigues e demonstrando, de forma irrefutável, que está cada vez melhor a juventude do seu espírito.

CLARIBALTE PASSOS



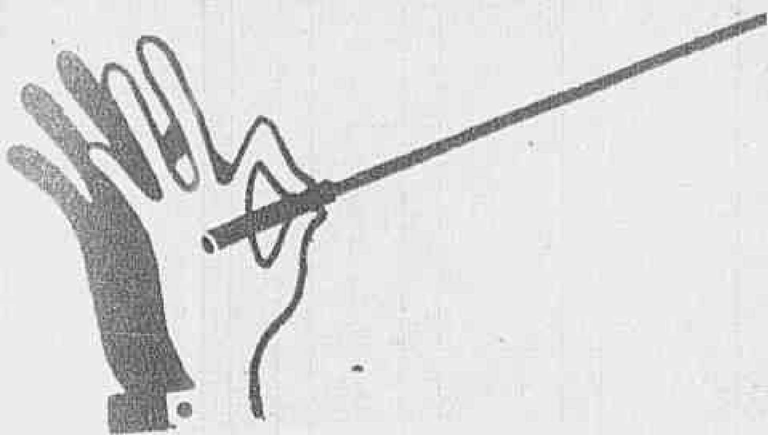
Linda Rodrigues.



Ernani Filho.

DISC JOCKEY "CARIOCA"

* Disco "Continental" (sêlo prêto), 78 RPM, etiquêta n.º 16.947, suplemento nacional, assinalando o reaparecimento do nosso mundo fonográfico do cantor romântico de páginas brasileiras e internacionais — **Ernani Filho. Na face A**, temos o samba-canção de João de Barro, "Maria da Penha". Essa composição oferece expressiva linha melódica; a letra, no entanto, é de feitio corriqueiro. Gostamos do arranjo e o discreto acompanhamento da orquestra liderada **por Cesar Siqueira.** Ernani atravessa uma fase delicada; sua voz peca, quase sempre, pela insegurança nos agudos. A vocalização foge à espontaneidade desejada. Sentimos, assim, o grande esfôrço do intérprete na conclusão do fraseado musical e no domínio rítmico. Sofrível, a criação apresentada. Tècnicamente, a gravação é ótima. Face B: — "Migalhas de Amor" (samba-canção) de José Batista e César Siqueira. Literàriamente, bem aceitável, êste samba é um tanto pobre de melodia. Também aqui, surgem idênticos deslizes da face anterior, no comportamento artístico do cantor. Cotação: Aceitável. — C.P.



OUTROS JULGAMENTOS

* Disco "long-playing", de 33 1/3 RPM (sêlo prêto) etiquêta internacional "Mercury", n.º MG-25120 prensagem de **matriz** original norte-americana, pela "Rádio Serviços, Propaganda Ltda.", em distribuição exclusiva da MOCAMBO, sob o título "Xavier Cugat". Êste é o segundo LP, do famoso "band-leader" Cugat, nosso velho conhecido do cinema e de atuações em "boites" no Rio de Janeiro. Gravações, tecnicamente, bem satisfatórias. As duas coletâneas, bem ao gôsto dos dançarinos, em criações instrumentais magníficas de Xavier Cugat e sua grande Orquestra. Na face A, desfilam: — "Green Eyes" — "Linda Mujer" — "Walter Winchell Rhumba" — "Brazil" (o clássico inesquecível, do nosso Ary Barroso). Tôdas essas páginas vestidas por lindos arranjos, com uma contagiante marcação rítmica, agradam plenamente. Na face B: "A Gay Ranchero" — "Cuca Racha Mambo" (esplêndida fantasia musical da conhecidíssima "La Cucaracha") — "Yours" (Quiere Me Mucho) — e, finalmente, o excepcional mambo "Jungle Flute". Artìsticamente, achamos "Jungle Flute" a mais notável criação instrumental dêste LP. Cotação: — Ótimo. — C. P.



Scarambone.

Roteiro das Novidades

* "Música de Chopin", em primorosas execuções instrumentais do **Quartêto Celeste**, reunindo os solistas — Francisco Scarambone (órgão), Léo Peracchi (piano), Hugo Tagnin (vibrafone), e Giani Fumagalli (harpa), eis o novo disco "long-playing" de 331/3 RPM, lançado pela "Musidisc".

—:—

* No suplemento "Continental", n.º 5, reaparece o cantor **Jorge Goulart**, com duas notáveis criações: "Maria das Dôres" (samba) de Ary Barroso, e "Graças a Deus ela não veio" (samba) de João de Barro.

—:—

* **Nora Ney**, a "Rainha do Disco Nacional de 1953", oferecerá proximamente, nesta mesma etiquêta: "Duas Lacráias" (samba) de João de Barro, e "Solidão" (samba) de Antônio Carlos Jobim, num belo arranjo de **Radamés Gnattali**.

—:—

* Na "Todamerica", a graciosa **Dóris Monteiro**, brinda os fãs com: "Basta Dizer Adeus" (samba), de Hilton Simões-Luiz Lemos-Humberto Pinheiro, e "Desejo" (samba), de Wilson Batista e Jorge de Castro.



Leal Brito.

NOTICIAS DIVERSAS

* Aos dançarinos, de todo o Brasil, indicamos os excelentes "long-playing" da "Musidisc", com **Leal Brito e sua Orquestra**; "Sob o céu de Paris", valsa, com solos de cavaquinho, pelo instrumentista Garôto; "Rio Antigo", maxime, em disco "Copacabana", com Altamiro Carrilho (flauta) e sua Banda; "Velhos Tempos" (chôro) de Luiz Bonfá, em etiquêta "Continental".

—:—

* Lemos, outro dia, num vespertino carioca, a notícia de que o popular sanfoneiro pernambucano **Luiz Gonzaga** decidira fixar residência no Recife, capital do seu Estado natal. Acrescentava-se, ainda, que o "Lua" afirmara estar decidido a "mostrar aos cariocas como era possível realizar certos empreendimentos..." A nosso ver, Luiz Gonzaga está errado; já esqueceu tudo o que deve ao rádio e imprensa do Rio de Janeiro. Agora, que está rico, depois de tanta propaganda dos jornais, revistas e emissoras da Capital da República, que muito contribuiram para a vendagem dos seus discos e da divulgação do baião, começa a "contar vantagens..."

—:—

* Despacho telegráfico do exterior anuncia que a célebre cantora peruana **Yma Sumac** acaba de ser detida pelas autoridades de imigração dos Estados Unidos, ao chegar, dia 6 do corrente mês, em Nova Iorque, sendo, logo após, confiada à guarda do cônsul geral do Peru. A notável intérprete de "Voice Of Xtabay", chegara acompanhada do seu espôso, o compositor **Moisés Vivanco**. As autoridades em aprêço não deram nenhuma explicação da medida tomada contra a artista.

—:—

* Também em telegrama, procedente de Hollywood, datado de 6 do corrente, informa-se ter sido ordenada a prisão do conhecido cantor argentino **Dick Haymes**, por desacato à Justiça. O atual espôso da estrêla cinematográfica Rita Hayworth, não comparecera a uma audiência, na qual devia tratar-se de uma reclamação de uma de suas ex-espôsas, Nora Eddington, por falta de pagamento de pensão alimentar.

SUCESSOS

* Há meses, observamos, com simpatia, a ampla e eficiente divulgação junto à crônica especializada da Capital da República, por parte do Departamento de Propaganda da gravadora "Copacabana", sob a orientação de **Edel Ney**. Gravando sempre com maior apuro, com arranjos simples e absolutamente comerciais, orientação artística eficiente, esta etiquêta está correspondendo à expectativa. Dentre os seus recentes sucessos, classificamos: "Valsa do Marinheiro", com a cantora internacional **Lolita Rios**; "Só desejo você", samba-canção de Di Veras, na voz de **Angela Maria**; "Mambo Charleston", com Waldyr Calmon e sua Orquestra; **Olivinha Carvalho**, cantando o "slow" de Alves Coelho Filho "Cartas de Amor"; **Jackson do Pandeiro**, nosso maior intérprete regionalista, com o "côco" "Boi Brabo".



Lolita Rios.

* Há meses, observamos, com simpatia, a ampla e eficiente divulgação junto à crônica especializada da Capital da República, por parte do Departamento de Propaganda da gravadora "Copacabana", sob a orientação de **Edel Ney**. Gravando sempre com maior apuro, com arranjos simples e obsolutamente comerciais, orientação artística eficiente, esta etiquêta está correspondendo à expectativa. Dentre os seus recentes sucessos, classificamos: "Valsa do Marinheiro", com a cantora internacional **Lolita Rios**; "Só Desejo Você", samba-canção de Di Veras, na voz de **Angela Maria**; "Mambo Charleston", com Waldyr Calmon e sua Orquestra; **Olivinha Carvalho**, cantando o "slow" de Alves Coelho Filho, "Cartas de Amor"; **Jackson do Pandeiro**, nosso maior intérprete regionalista, com o côco "Boi Brabo".



O agradecimento da "balisa" é simples e gracioso, dando tempo a que se observe a beleza de sua executante...



Êste "duo" fez sucesso, arrancando muitos aplausos do público.

ESPETACUL

OFERECEM AS "MAJORETES" DA MIAMI JACKSON SCHOOL

Reportagem de REGINA COELHO

Fotos de DOMINGOS PEREIRA

OS brasileiros, sempre ansiosos por novidades, aguardavam, com justificada expectativa, a apresentação dos jovens integrantes da "Miami Jackson School".

Além de uma excelente banda de música, composta de rapazes e moças, e de um corpo de exímias balisas, duas quipes de "rugby" traziam a responsabilidade de oferecer aos nossos desportistas um espetáculo para êles inédito, ou seja, o da apresentação do futebol americano.

O interêsse maior da festa realizada no Maracanã seria a apresentação das "Majoretes", ou melhor, da equipe de balisas constituída por lindas e adestradas jovens da "Miami Jackson School".

Realmente, em perfeita sintonização com a banda de música, e, depois, isoladamente, as moças americanas fizeram uma grande exibição.

A graciosidade de seus movimentos, o ritmo sempre harmonioso dos números executados, além da graça e da beleza pessoal das "Majoretes" constituiram uma cena à parte, no conjunto policrômico da indumentá-



A coordenação de movimentos é perfeita e nem parecem ser feitos por estudantes.

O DE RITMO E BELEZA

ria rica que mais ainda realçava a beleza do espetáculo.

Sabendo-se que atualmente nossos clubes trabalham no sentido de criarem um corpo de balisas para as suas festas em conjunto nos desfiles e paradas esportivas, não há como deixar de considerar proveitosas as exibições das estudantes americanas. Elas deram, no tapete verde do Maracanã, verdadeiras lições em suas graciosas evoluções em conjunto e nos números isolados.

Cada qual sabe como realizar os movimentos e o manêjo dos bastões, praticando cada um dêles com precisão matemática, sem perder a graciosidade, ao contrário, criando lindas figuras coreográficas de magnífico efeito.

Por certo, nossas jovens atletas não perderam a oportunidade de assistir à festa de ontem no colosso do Derby e, se perderam foi pena, pois deixaram de aprender muita coisa interessante.



"Alto lá", parece estar dizendo a segunda jovem dêste flagrante. Também, se não dissesse...

VARIEDADES MUSICAIS

Por DANIEL TAYLOR

N. 263

NOTICIAS DIVERSAS

CLAUDIO Santoro, apontado como uma das maiores autoridades em música, no nosso país, foi recentemente contratado pela gravadora dos discos infantis (Carroussell), a fim de realizar para a mesma uma série de gravações. Santoro já tem quase pronto seu programa de músicas, que está selecionando. Dentro de breves dias deverá iniciar a gravação do vasto repertório que prepara. —— O tenor Mario Lanza vem "se matando" para perder 22 quilos, o que lhe valerá um contrato com uma produtora cinematográfica... —— Já está nas cogitações da direção artística dos discos Mirim a aquisição do pianista Djalma Ferreira (que deverá atuar com seu "solovox", em fundos musicais, nos discos de historietas e contos), e, possivelmente, Pereirinha, acordeonista e cantor da Rádio Mayrink Veiga, artista que possui um repertório próprio para as crianças. —— Conhecido através de seus bonitos sambas, o compositor Adelino Moreira, apontado como um dos melhores da nova geração, já foi, há muitos anos atrás, um de nossos intérpretes da bonita música portuguêsa. E, agora, chega-nos a noticia de que, convidado por uma de nossas principais gravadoras, Adelino concordou em voltar a gravar. Portanto, nos seus discos futuros, interpretará os belos sambas-canções que compõe, muitos dos mais já consagrados. —— Alcides Gerardi, o aplaudido cantor-galã da Rádio Nacional, é, no momento, o artista mais prestigiado pela etiquêta do templo. Quase mensalmente, a Odeon tem lançado um novo disco do notável intérprete, sendo que todos êles vêm conseguindo ótimas vendagens. —— Dolores Duran atravessa, presentemente, a melhor fase de sua carreira. Cantora de reconhecidos méritos, está empenhada, agora, na seleção de um repertório de primeira, razão pela qual vem sendo prestigiada pelos nossos melhores compositores. —— Das mais notáveis obras do fabuloso repertório de Ludwig Van Beethoven, nome êste que está ligado definitivamente à história da música, pôsto que êle exerceu notável influência no mundo das harmonias, marcando uma



Além de cantor e compositor, Adelino Moreira é, também, autor de várias peças teatrais e gosta de representar, como amador.



Cantora de cartaz já comprovado, Dolores Duran possui, contudo, apenas três discos gravados, até agora: "Outono", "Tradição" e "O amor acontece".

época e assinalando, com sua presença, a passagem de um gênio pela terra, destaca-se a "Sinfonia n.º 6", que nesta gravação é executada pela Orquestra Filarmônica de Londres, dirigida por Erich Kleiber, um dos mais famosos dirigentes contemporâneos.

LETRAS SELECIONADAS

Com absoluta exclusividade para todo o Brasil, apresentamos a letra do fox de Jack Elliott e Lew Quadling, "Do you care", gravado por Vaughn Monroe e sua Orquestra:

Do you care
Is there a chance for me
Do you care
I wish I knew
Won't you try to confess
That you find happiness
In a tender caress
The way I do
Do you care
That I am so in love
Please be fair
You know it's true
And just supposing I should say
That I've heart to share
Would it matter at all
Do you care.

—:—

A seguir divulgamos a letra (para os fãs de música popular brasileira) do samba-canção (sucesso de Carmen Costa, atualmente) de Mirabeau e J. Gonçalves, intitulado "Quase":

Foi pensando em você
Que eu escrevi esta triste canção
Foi pensando em você
Que é meu tormento e a minha paixão
É nestes versos que eu quero dizer
O amor profundo que eu sinto por você
Seu olhar me fascina, oh!
Como eu vivo a sofrer
Quase que eu disse agora
O seu nome sem querer.
Não quero que zombe
De nós, tôda essa gente
É por sua causa
que eu estou tão diferente.

II

Bem pertinho de mim, êle está
Me ouvindo cantar
E juntinho dêle, eu estou
Morrendo de amor.

—:—

Outra atração musical norte-americana, que divulgamos em primeira mão para todo o Brasil — "From the time you say goodbye" (The parting song), de autoria de Leslie Sturdy, gravado pela personalíssima cantora Dinah "Candy" Shrore:

Parting is such sweet sorrow
Why should it have to be
But, if it comes tomorrow
Will you remember me.

From the time you say goodbye
From the time you say cheerio
Take my fondest thoughts with you
For your journey as you go
Keep a pray'r within your heart
That the time will surely fly
To the day when we shall meet again
From the time you say goodbye.

Friendship's a gift from Heaven
To cheer the lonely heart
Mem'ries will always linger
So when we have to part.



Eis Sinatra, mais contente do que nunca! Quando todos o davam como "morto" para a música norte-americana, eis que sua nova gravadora o devolve aos seus milhares de "fans", em grande forma técnica. Um prazer ouvi-lo em "From here to eternity".

RITMOS GRAVADOS

Na RCA Victor

O cantor americano Eddie Fisher, que ainda tem um largo futuro pela frente, apresenta-se muito bem nestas gravações: "Oh! my pa-pa", canção, muito bonita e sentimental, por sinal, de autoria de John Turnes, Geoffrey Parsons e Paul Burkhard, e em "Until you said Goodbye", melódico de Harry Akat, Benny Davis e Milton Ager. Acompanhamentos pela excelente Orquestra de Hugo Winterhalter e Côro.

—:—

O harmonioso e ótimo Conjunto Vocal mexicano "Os Três Diamantes" delicia-nos com mais dois números interessantes do repertó6rio azteca. São êles: "Quiero más", bolero de Moniz e G. Ruiz, e, dos mesmos autores, o bolero "Rebeldia". Vale a pena, mas pela face "A"...

—:—

Os fãs do maior tenor do mundo — Beniamino Gigli — gostarão do seu disco, que reune, em suas faces, as canções "Havaiana" e "Papaveri e papere". A primeira é de autoria de Munzi e Di Varoli; a segunda, de Panzeri e Rostelli Mascheroni. Acompanhamentos por Côro e Orquestra.

Na Copacabana

O "Trio Marabá", conjunto vocal dos mais queridos em todo o Brasil, apresenta-se num disco (regular), onde ouvimos

(Conclui na página 59)

7ª ARTE

POR VAN JAFA



Uma "viuva alegre" triste.

"A Viuva Alegre"

Metro Goldwyn Mayer — Direção de Curtis Bernhardt — Cenário de Sonya Leviem e William Ludwig — Baseado na opereta honônima de Franz Lehar — Fotografia de Robert Surtees — Coreografia de Jack Cole — Tecnicolor — Produção de Joe Pastenak.

Esta nova versão, e em tecnicolor, da "Viuva Alegre", de tôdas, talvez, seja a mais triste. Não vi a primeira, com Mae Murray e John Gilbert. Assisti a uma de 1935, com Jeanette Mac Donald e Maurice Chevalier, dirigida esplendidamente por Ernest Lubitsch, a meu ver a maior "Viuva alegre" do cinema. Das três versões, por sinal, tôdas da Metro, esta de agora é a mais pobre de alegria e beleza. Tudo foi tamanhamente adulterado que até a música conhecidíssima de Franz Lehar não chega a entusiasmar. A orientação de Curtis Bernhardt, muito pouco indicado para o gênero e sem a malícia necessária do mestre Lubitsch, transformou a opereta arqui-famosa numa comédia boba. O "script", de Sonya Levien e William Ludwig, não podia ser mais infeliz e foge completamente ao clima gostoso da opereta, explorado com absoluto sucesso na segunda versão. Depois falharam na escolha dos artistas. Jamais Lana Turner poderia ser uma "Viuva alegre" convincente; primeiro, é uma atriz inexpressiva e só muito bem dirigida rende alguma coisa; segundo, não canta.. Consequentemente, tinha que ser "doublada", o que foi por Trudy Erwin. E o cara de pau Fernando Lamas nunca poderia ser um Danilo de sucesso. Acresce que o "suporting cast" muito pouco contribuiu para manter a retaguarda a salvo. A veterana



Disney fora de foco.

Una Merkel, quase nula, Richard Haydn, Thomas Gomes, Marcel Dalio, Ludwig Stossel e outros completam o elenco. Faltou a essa "Viuva alegre" justamente a alegria contagiante dessa opereta queridíssima. Até mesmo a coreografia do excelente Jack Cole é desabonadora. Lamento o desastre e sou de parecer que a fita devia chamar-se, com mais propriedade: "Mulheres, cheguei".

"As aveturas de Peter Pan"

(PETER PAN)

R.K.O. Rádio — Walt Disney — Desenho em longa metragem, baseado em "Peter Pan", de James M. Barrie — Tecnicolor — Produção de Walt Disney.

"As aventuras de Peter Pan" é um dos menos inspirados desenhos de Walt Disney, para não dizer o menos mesmo. E' de uma gritante ausência de beleza e infância. Tudo chega a parecer postiço e não convence nem mesmo às crianças. Seus animadores estão cansados, ou mal humorados. O desenho é pesado, sem "nuances", sem gestos de beleza, e amor. A história de James M. Barrie é contada a frio, quase que agrestemente. Onde a doçura, a suavidade, o encantamento do mestre Disney? Tudo aquilo que o celebrizou e caracteriza não aparece desta feita. E' um desenho adulto, no sentido de ausência de poesia e graça. Que se passa com Disney? Certa feita, comparei-o a uma Bá universal, que contava histórias para crianças de tôdas as idades. Mas a verdade é que Disney perdeu o "elan", aquêle encanto especial que possuia de transmitir, inesquecivelmente, uma história. Até mesmo aquela fada que espargia luz e sonho, é demasiadamente material, com remeleixos à la Marilyn Monroe. Onde o encantamento? Onde a poesia? Onde a infância? Diante do desenhor, o menino que eu fui continuou adormecido. Nada o despertou. "As aventuras de Peter Pan" é o desenho mais infeliz que Disney produziu. E' uma tristeza.

"Aves aquáticas"

É, também, dos "shorts" produzidos por Walt Disney, da série "Maravilhas da Natureza", o mais fraco. Mesmo a despeito de ter sido agraciado com um "Oscar", fica muito aquem dos outros. Principalmente em beleza e sugestão. Sertamente que "Aves aquáticas" possui instantes da mais elevada poesia, mas é inferior aos outros três produzidos por Disney. Mesmo assim, é um trabalho apreciável.

"O mistério da Casa Grande"

(JAMAICA RUN)

Paramount Pictures — Direção de Lewis R. Foster — Cenário de Lewis R. Foster — Baseado na novela de Max Murray — Tecnicolor — Produção de William Pine e William Thomas — Produção Clarion.

"O mistério da Casa Grande" é uma fita de linha, cujo maior mérito é o de esbanjar tempo, celulóide e artistas. Não há nada que se salve da aventura em tecnicolor "passada" numa imaginária Jamaica, com telões pintados, servindo de floresta, visíveis a ôlho nu, por qualquer espectador menos distraido. A história culmina por não ter história. Tudo é passado na Casa Grande, com seus personagens em decadência financeira, mas que luxam e ostentam os últimos modelos da elegância mundana. Ray Milland, metido na aventura, muito desconfiado dos resultados, procura passar o mais despercebido possível. A bela e "charmante" Arlene Dahl, sempre bonita, "chic" e sem oportunidade; Wendel Corey passeia, bebe "rum" e usa novidades esportivas e fica com Laura Elliot, que é uma nova mocinha sem novidades maiores. Carrol Mc Comas é o melhor tipo da história, na velha senhora Dacey, com suas visões dos antepassados ilustres. Michael Moore morre asfixiado no fundo do mar. Patrick Knowles é o homem ambicioso. Lewis R. Foster pensa que dirige o "week end", nessa Jamaica de cartão postal. Sua cenarização é uma coisa afogada. O tecnicolor serve para realçar a formosura de Arlene Dahl e o carro vermelho com o qual êles (mocinho e mocinha) cortam a ilha, no caminho. De resto, "O mistério da Casa Grande" consiste em não ter mistério algum. Não perca o seu tempo e, em vez de ir à Casa Grande, fique mesmo no seu apartamento.

"O implacável"

(LES MISERABLES)

20th Century Fox — Direção de Lewis Milestone — Cenário de Richard Murphy — Baseado no romance "Os Miseráveis" de Victor Hugo — Fotografia de Joseph La Shelle — Direção musical de Alfred Newman — Música de Alex North — Produção de Fred Kohlnar.

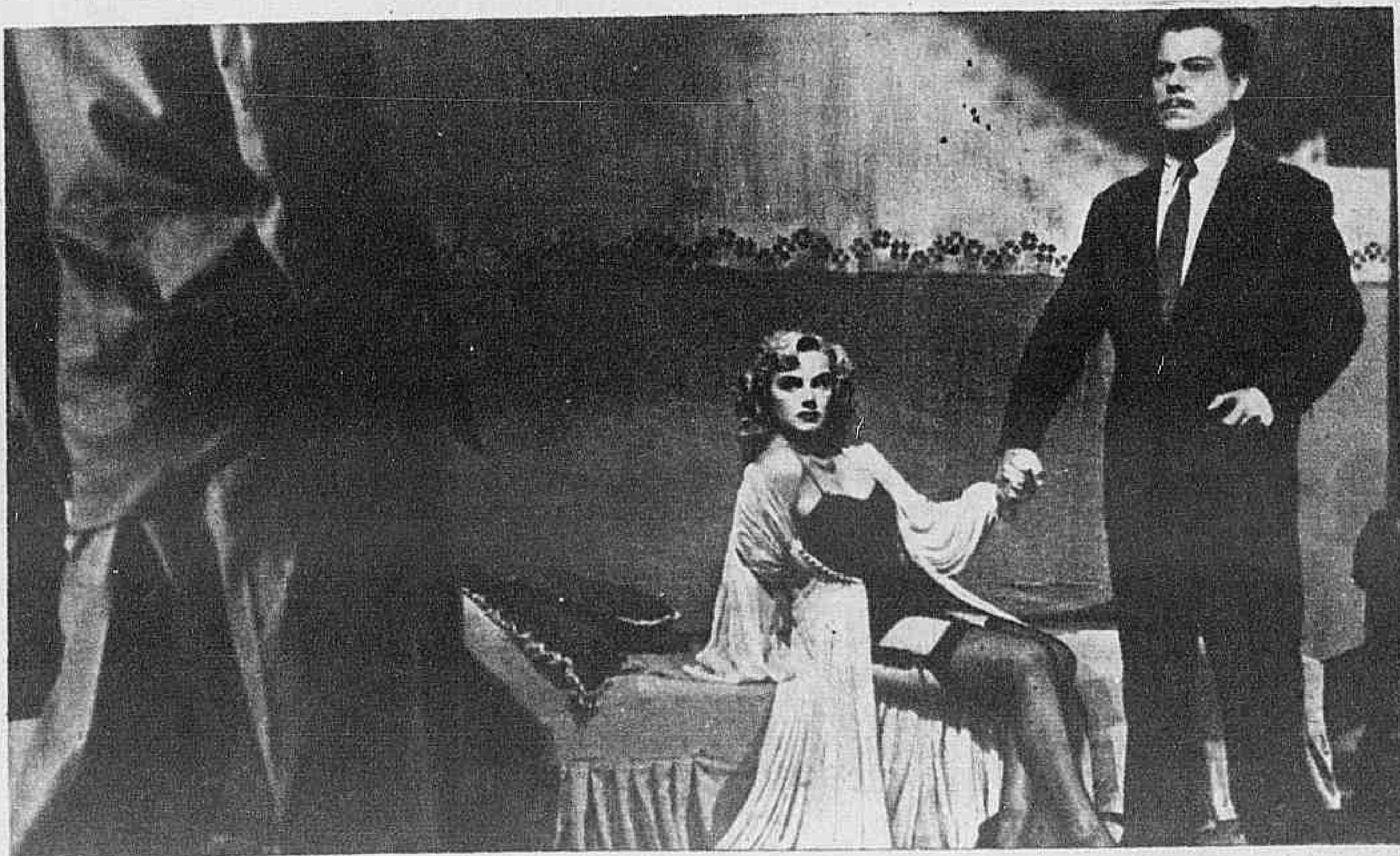
Esta deve ser a sexta ou sétima versão de "Os miseráveis", de Victor Hugo, e a segunda americana, falada. Os italianos também fizeram a sua e a França, certa feita, fêz uma integral do romance caudaloso de Hugo, a ponto de a fita ser dividida em "tomos", que valiam uma fita inteira. Se não me engano, acabaram de filmar uma co-produção franco-italiana, que ainda trata do mesmo tema. Esta agora, que nos dão com o nome de "O implacável", é a segunda versão americana da época do cinema falado. Evidentemente, não posso deixar de comparar e tirar ilações entre as duas versões. A primeira, com Fredric March e Charles Laughton, nos papéis de Jean Valjean e Javet, foi sem dúvida uma soberba história de ódio, angústia, amor e perseguição. O cenário, desta feita escrito por Richard Murphy, é uma anedota do romance de Hugo. E a orientação de Lewis Milestono (quem te vê e quem te viu) é destituida de qualquer vibração. "Os miseráveis" é uma história de perseguição, ódio, obsessão e misérias infinitas, a que se assiste friamente. Nada comove. Uma história passada em Marte despertaria mais o meu interêsse. Michael Ren-

(Conclui na página 57)

O QUE VAI PELO CINEMA NACIONAL



Gilda Valença, a rainha da canção portuguêsa, faz sua estréia em "O petróleo é nosso", direção de Watson Macedo.



Eliana e Renato Restier, em "A outra face do homem", direção de J. B. Tanko, para a Atlantida.



Respostas às Leitoras

As cartas para esta seção devem ser dirigidas a MARION. Redação de CARIOCA. Praça Mauá 7. Queiram juntar aos pedidos de modêlos a data completa do nascimento para o horóscopo.

MORENA FEIA — Bauru — A pala e o cinto pregueados dão graça a êsse encantador modêlo, feito em tecido leve. Horóscopo: Você possui um espirito inquieto, desconfiado, um tanto cético. É empreendedora e saberá conquistar uma posição se tiver confiança em si, fôrça de vontade e perseverança. Precisa modificar seu gênio, tornando-se mais acessível, dando mais suavidade ao que diz para não ferir os melindres alheios. É provável que as suas condições financeiras melhorem depois do casamento. Deve combater o ciume e evitar as paixões. Terá alguns inimigos e também amigos bons e prestativos. Aprenda a refletir antes de agir. Harmoniza-se com as pessoas nascidas entre 20 de fevereiro e 20 de março, 23 de agôsto e 22 de setembro, 22 de dezembro e 20 de janeiro.

MALVA — Ipanema — Você pode fazer um vestido de noite de tule e renda, ficará lindo e vistoso como deseja. Seu estudo: Se tiver perseverança poderá construir seu futuro no domínio das artes ou da literatura. Vejo que tem gôsto para escrever, facilidade e inspiração. Sua mente é povoada de fantasia, aproveite-a portanto transmitindo para o papel em forma de contos, novelas ou romances aquilo que imagina. O pessimismo é o seu inimigo número um. Procure vencê-lo e não mude constantemente de objetivo. Aprecia a vida social e gosta de divertir-se. Poderá ter duas profissões e exercê-las ao mesmo tempo. Muito cuidado com especulações impensadas e alianças desfavoráveis, porque poderá perder o que ganhar com o próprio esfôrço. Harmoniza-se com as pessoas nascidas entre 21 de junho e 21 de julho, 23 de outubro e 21 de novembro, 21 de abril e 20 de maio.

MIMI — Rio — Aqui tem um modêlo engraçadinho, que poderá ser feito em lã bem leve ou seda havana bem claro, como está na moda. Um tom mais escuro servirá para o chapéu, as luuvas e a bolsa. Horóscopo: Você possui uma atividade cerebral extraordinária, mas dificilmente realiza o que pensa por falta de firmeza ou de orientação. E' volúvel e caprichosa. Seu gênio é um tanto violento e infelizmente não sabe perdoar. Precisa controlar-se para não se tornar briguenta e desagradável. Pouca prosperidade na primeira parte da vida. Depois conseguirá mais equilíbrio. Gôsto pelas viagens. Há possibilidade de uma herança. E' possível que haja contrariedade em amor movida por pessoa de sua família ou tutor. Harmoniza-se com as pessoas nascidas entre 20 de fevereiro e 20 de março, 23 de agôsto e 22 de setembro, 22 de dezembro e 20 de janeiro, 21 de junho e 21 de julho.

VALÉRIA | CIGANA | ROSINHA



VALERIA FREITAS — Rio — Eis um bonito modêlo para o seu vestido de "nylon". E' guarnecido com debruns de seda lisa. Seu estudo: Você é uma jovem cismadora que gosta de se isolar para fazer projetos. Infelizmente porém nem sempre os realiza, embora seja esforçada e ativa. Não se preocupe. Com o correr dos anos irá garantindo seu futuro com esfôrço próprio e economia. Sua fôrça de vontade pode variar em seus objetivos mas, finalmente, encontrará o sucesso desejado. Às vêzes tem modos bruscos que deveriam ser controlados. Inconstância em assuntos amorosos mais por influência alheia. Intervenção de parentes em seus projetos matrimoniais. Harmoniza-se com as pessoas nascidas entre 21 de abril e 20 de maio, 20 de fevereiro e 20 de março, 23 de outubro e 21 de novembro.

CIGANA — Boa Viagem — Uma lã bem leve é usada nesse vestido guarnecido com babadinhos plissados. Horóscopo: Você é inteligente e possui uma boa intuição. Gosta de estudar porém deve controlar a distração que impede maior progresso em seus esforços. Seu gênio, embora violento na ira, se acalma rapidamente. Não guarda rancor. Sua fôrça de vontade é firme, mas falha em lógica. Não vê obstáculos na sua freente quando deseja alcançar alguma coisa. E' provável que receba uma herança. Viajará bastante, até mesmo contra a sua vontade. Sua vida será cheia de altos e baixos. Apesar disso, conseguirá vencer pelo esfôrço incessante ou pela assistência de amigos. Harmoniza-se com as pessoas nascidas entre 22 de maio e 21 de junho, 22 de março e 21 de abril, 23 de novembro e 21 de dezembro.

ROSINHA GOULART — Rio Grande — Uma pala bordada enfeita êsse vestido de noiva. Seu estudo: Caráter firme, reservado, persistente. Você confia em seus próprios méritos e saberá tirar proveito da sua inteligência e perseverança. Geralmente não se apressa para conseguir seus desejos, espera as boas oportunidades para realizá-los com mais eficiência. E' prestativa e saberá com isso conquistar boas amizades. Tendência para as coisas psíquicas. Poderá alcançar riqueza e vantajosa posição social. Lembre-se de que não deve se entregar à inércia nem à ociosidade. Dará uma boa mãe de família e boa dona de casa. Harmoniza-se com as pessoas nascidas entre 22 de dezembro e 20 de janeiro, 20 de fevereiro e 20 de março. Como vê, a data do nascimento de seu noivo está entre essas.

A NOITE *no lar*

Pela sua linguagem clara, escoimada de inconvenientes, pela informação fiel, pelas seções escolhidas, pela ilustração sugestiva, A NOITE é o jornal de grande aceitação nos lares brasileiros, onde já se consagrou, inclusive porque elegeu e premiou "A MELHOR DONA DE CASA" e mantém seções que colaboram com a mulher.

Por isso, é decisiva a influência publicitária de A NOITE junto das senhoras. E as senhoras, segundo estatística, por sua vez influem em noventa por cento do total das compras feitas no Brasil.

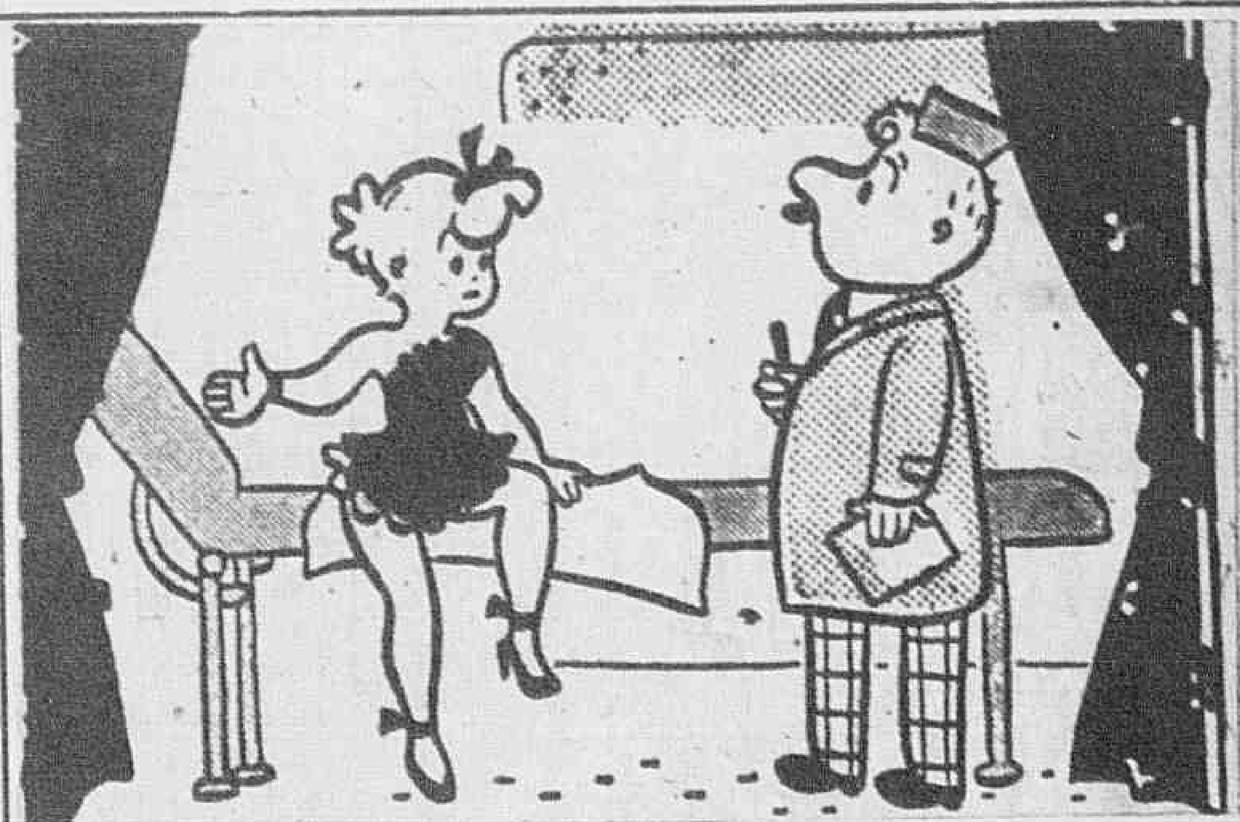


— Ao contrário, querida, gosto muito de dançar com você, mas tenho horror de comida fria!



— Escute Lulú: quer vir com uma amiguinha? É para o detetive que minha mulher contratou para me vigiar...

O ESPIRITO DOS OUTROS



— Quinhentos cruzeiros a consulta?! É um absurdo, doutor, sobretudo depois de um exame assim!



— E êste seu antepassado sofria de torcícolo?

— Oh, não! É que não cabia na moldura.



— ...Mas, patrão, o senhor não me mandou aplicar um corretivo à sua secretária?!

Escada de Lances

HILDON ROCHA



Adonias Filho

TÔDA a vez que o escritor se prepara consciente e premeditadamente para produzir um romance cheio de cenas fortes, violentas e horripilantes, êle estará entrando por um caminho vicioso. Não só: estará deixando de ser êle mesmo, ou de ser o criador natural e espontâneo, para entregar-se ao artifício e ao artificialismo literário, a que nenhuma vocação, por mais poderosa que seja, evitará sucumbir.

Há naturezas criadoras marcadas pelo sentimento da tragédia, pelo sortilégio do drama, pela atração do sombrio, — e a estas não conseguiremos encarar senão com o máximo de compreensão e simpatia. Mesmo que ultrapassem (e quantas vêzes o fazem!) o âmbito da verdade humana, da veracidade das coisas ainda que as suas produções possam comprometer-se pelo exagêro e pela aberração, — a atitude mais inteligente do leitor e mesmo da crítica, é compreender. Compreender sempre, mesmo aquilo que, por índole, somos forçados a negar. E que por gôsto tenhamos que repelir. O verdadeiro ficcionista nem sempre é assistido pela razão e pelo senso crítico das proporções, — produto que é de fôrças subconscientes, e que êle próprio desconhece.

Em tais casos, porém, nos é dado perceber e aquilatar. Muito embora as razões da arte recuem e soneguem diante dêsses excessos de temperamento, nada mais podemos fazer que lamentar o fato de uma vocação não descobrir em si mesma recursos para conduzir-se nos limites das leis da criação artística.

É neste ponto que se esconde a explicação de romancistas originalmente mais bem dotados realizarem obras inferiores às de outros que foram aquinhoados com menos talento criador, mas, que, altamente souberam aproveitar e conduzir as próprias qualidades.

No caso de Adonias Filho e do seu romance "Memórias de Lázaro", com lealdade acredito que muito tenha contribuido a atração do autor pelos aspectos horrorosos e doentios da vida. Mas, por outro lado, — e aqui a honestidade intelectual me manda ser explícito e sincero — há muito de cálculo e premeditação.

No romance, o drama não existe por assim dizer, porque a tragédia se instala fartamente logo nos primeiros movimentos e nos primeiros passos da "história". Nem sei se esta palavra aqui se encaixa, porque "história", no sentido correntio e intrínseco do têrmo, não ouso afirmar que se encontre em "Memórias de Lázaro".

Na verdade, o que se vê é uma repetição de "acontecimentos extraordinários", cada qual mais espantoso nas suas consequências humanas, mas que no livro não alcançam a repercussão que seria de esperar — talvez pelo fato de terem sido lançados de modo inoportuno e inexplicável. Apenas uma sucessividade de assassínios, crimes, monstruosidades que não apresentam uma causa convincente, que não revelam nenhum móvel ou justificativa: — autônomos, automáticos, sem ligação com nenhum drama. Crimes inesperados, sem origem e consequência.

CARTA A LIMA BARRETO

José Veríssimo, que, ao contrário da maioria dos contemporâneos de Lima Barreto, reconheciá o talento do jovem romancista, a quem estimava e procurava compreender — escrevendo-lhe, quando saiu o "Isaias Caminha", — uma carta de alto valor crítico, da qual transcreverei alguns trechos. Foi descoberta por Francisco de Assis Barbosa, que a aproveitou na sua biografia do romancista:

"Sr. Lima Barreto.

"Não me foi de todo possível agradecer-lhe há mais tempo a remessa do seu livro "Recordações de Escrivão Isaias Caminha" e as generosas expressões de que o acompanhou. Eu não queria lhe agradecer sem ter lido o livro, e só agora pude acabar de lê-lo, tão absorventes têm sido nestes últimos tempos as minhas ocupações. Há nele o elemento principal para os fazer, talento. Tem muitas imperfeições de composição, de linguagem, de estilo, e outras que o senhor mesmo, estou certo, será o primeiro a reconhecer-lhe, mas com todos os seus senões é um livro distinto, revelador, sem engano possível, de talento real. Não lhe estou fazendo a crítica, da qual estou quase por completo afastado, e nem poderia fazê-lo numa breve carta. Digo-lhe apenas chã e amistosamente, a minha impressão geral do seu livro, que é, e muito obrigado por êle, excelente. Há nele, porém, um defeito grave, julgo-o ao menos, e para o qual chamo a sua atenção o seu excessivo personalismo. É pessoalíssimo, e, o que é pior, sente-se demais que o é. Perdõe-me o pedantismo, mas a arte, a arte que o senhor tem capacidade para fazer é representação, é síntese, e, mesmo realista, idealização. Não há um só fato literário que me desminta. A cópia, a reprodução mais ou menos exata, mais ou menos caricatural, mas que se não chega a fazer a síntese de tipos, situações, estados da alma, a fotografia literária da vida, pode agradar à malícia dos contemporâneos que põem um nome sôbre cada pseudônimo, mas, escapando à posteridade, não a interessando, fazem efêmesua amargura, legítima, sincera, respeiro e ocasional o valor das obras... A sua amargura, legítima, sincera respeitável como todo nobre sentimento, ressumbra demais do seu livro tendo-lhe faltado a arte de a esconder quanto

(Conclui na página 63)



Lima Barreto

A ARTE EM FACE DO PROBLEMA FINANCEIRO

H. PEREIRA DA SILVA

ANALISANDO a arte como expressão ligada ao povo, não poderíamos colocá-la à margem dos fatores financeiros que a isolam da massa isenta de preocupações estéticas.

A situação financeira do artista corresponde, inevitàvelmente, à da sociedade em que êle vive. A propagação da sua arte não encontra, por êsse motivo, fora do meio em que ela é lançada, acolhimento capaz de registrar sua subsistência econômica. E o meio em que essa arte surge — seja qual fôr sua característica — está sempre subordinado a uma camada superior da sociedade humana: a elite espiritual.

Seria fastidioso fazer um levantamento das causas que determinam, financeiramente, o desenvolvimento artístico. Basta, a nosso ver, que salientemos algumas variante dessas causas. Elas são tantas quanto complexas. Fixaremos, porém, os limites da nossa excursão a tão árida região, desbravada por Marx e percorrida por epígonos menos eficientes, embora mais andarilhos, estabelecendo uma fronteira de reduzida extensão no assunto.

Comporta , antes de entrarmos na apreciação dos fatos em que se apoiarão nossas idéias, lembrar que somos um país em formação. E, como tal, tudo, entre nós, anda mesmo em desenvolvimento, lento que seja.

Ao contrário do que o tema, na sua aparência, indica, as artes caminham em linha de ascensão no campo literário e plástico nacional. Não há otimismo nessa assertiva. O que caracteriza uma época fecunda são as suas realizações, ninguém contesta. Em arte, entretanto, como em tudo, para se realizar, obter um resultado compensador, faz-se necessário, às vezes, um longo período de experimentação, procura tenaz de formas indefinidas no momento e identificadas ao classicismo com o passar dos anos.

Neste sentido, ninguém é mais atual e simultaneamente clássico do que El Greco. Sua arte, onde as figuras esguias tantas interpretações têm proporcionado, não deixa a menor dúvida de que também entre os artistas de hoje poderemos amanhã destinguir um clássico. Proporcionalmente, as deformações de El Greco eram tão ousadas como as de um Picasso em nossos dias. E ambos, cada um dentro do seu tempo, significam fases, etapas de um processo evolutivo, que não se detem.

Alheios a êsse sistema de progressão — mesmo que nos pareça, vez por outra, retroativo — é que não poderíamos permanecer. Nossa iniciação artística teria, como a história, de ser demorada. Mas, a exemplo do que sucede em nossa acidentada formação de povo, quatro vezes secular, ela vai tomando consciência de si mesma.

Exagêro seria proclamar a independência da arte brasileira a esta altura, de subserviência. Contudo, a outra, isto é, a independência verificada à margem do Ipiranga, — convém não esquecer — mais importante para nosso destino histórico, também nasceu de uma reação à subserviência política em que nos encontrávamos a cento e trinta anos.

Êsse rompimento de envergadura nacional poderá se repetir — e de fato existe ambiente para que se repita — se nossos artistas mais representativos tomarem a si a responsabilidade de um grito do Ipiranga simbólico, fazendo a arte convergir para os problemas estéticos e humanos que tenham raízes. Queremos dizer com isso não bastar ao artista a exteriorização de um sentimento latente, mas a afirmação interior, através da sua obra, de formas de vida brasileira, fomentada pelas inquietações adolescentes de um mundo novo.

Em parte, bem o sabemos, alguns pintores e escultores, um tanto apressados — não porque se tivessem antecipado ao grito simbólico a que nos referimos, mas por participarem de um movimento sem, contudo, nêle permanecerem — fizeram algumas tentativas de nacionalização artística. Essas tentativas, isoladas, soam assim como um «grito» sem éco, não encontram repercussão. E a independência da nossa arte, de certo modo, tão necessária quanto a política, aguarda o seu Pedro I.

Procurando explicação para êsse fenômeno de submissão voluntária a uma arte de importação quando poderíamos — se cerrássemos fileira em tôrno dos nossos moti-

(Conclui na página 63)



«Pietá», uma das obras primas de Miguel Angelo, produto de uma era de ouro para os artistas: a Renascença.



FIGURA VIVA

JOSÉ OLYMPIO
Editor

JOSÉ OLYMPIO PEREIRA FILHO nasceu em 1902, na cidade de Batatais, interior de São Paulo, onde viveu até os seus quinze anos. Seu pai fôra um modesto guarda-livros; sua mãe era filha de um professor de renome e muito pouco dinheiro. José trabalha desde os onze anos: foi caixeiro de farmácia, de bodega e botequim. Sua infância não foi infeliz, nem muito folgada. Não passou do curso primário, mas foi campeão de bola de gude, muito temido no jogo do pião e exímio pegador de bicudos no alçapão.

Sempre pensou em ser bacharel e promotor em Batatais. Os debates do juri o fascinavam.

Em 1917, seu padrinho, Altino Arantes, era governador do Estado. José foi ganhar trinta mil réis como empregado da casa Garraux. Realmente, o salário era pouco, mesmo naquela época — mas foi uma "chance" — como veremos. Novamente pensou em estudar — mas, trabalhando o dia inteiro no balcão, faltava-lhe apetite para encetar nova labuta à noite. Sempre conseguiu estudar alguma coisa. Quando não estudava, batia papo no Café Guarani, ao rigor de uma média simples. Nessa época, sua grande alegria era burlar a vigilância do condutor do trenzinho da Cantareira, que ia até o mercado. Êle morava no "Chora-Menino" e com o dinheiro (um tostão) do beiço do trenzinho, comprava um pastel, que ainda diz famoso e delicioso, que se vendia na ladeira do Pôrto Geral.

Naquela época, já a Casa Garraux era imensa. Suas prateleiras tinham de tudo. Guarda-chuva, guarda-sol, vinhos franceses, papelaria, charutaria, livros e até tipografia. José Olympio trabalhava na secção de livros. Como é um cabra amavel e insinuante, fez boas relações com a gente que comprava livros, bebia vinho e fumava charutos. Em 1926 ou 27 (não

(Conclui na página 57)

SHORT

De PAULO DE SINHA

ONTEM à noite (quarta-feira), um poeta e uma garota linda se despediram de mim. Prometeram suicidar-se. Perguntei-lhes se iam morrer os dois. Responderam-me afirmativamente, e decidi acompanhá-los — em mais um gole de uma "canícula" qualquer. Como ambos iam embora e no sétimo dia não queriam missa, fiz tôdas as suas vontades, algumas facécias e convenci-os de que deviam demorar mais um pouco na face da terra. Subimos os três, com mais dois violões, e fomos curtir nossas saudades num lugar bem alto. Como a lua nos seguisse enviamos mensagem pela postalista clara, inventada por um outro poeta que disse assim: "Lua, vai dizer à minha amada" — o resto não sei. Acredito que bebi [illegible] quando bebo, Leandro Caetano Fonseca me conta — espero que êle o faça. Ninguém se suicidou e sòmente a lua foi amada! O poeta continua poeta. A moça? Boemia linda e vocalista dôce...

Começou a inhana em "Long-Beach". Ana Morena é uruguaia e gostarei muito se ela ganhar. Afinal, os uruguaios merecem o título. Não o desejo para a moça da Bahia, porque ando apaixonado pelas coisas de lá. Soube agora que o pessoal de cinema foi, viu e gostou. Soube de coisas lindas e lindas coisas. Soube que Ilka Soares é quase baiana. O cronista Waldemir Paiva disse a todos, e à própria Fada Santoro, que ela é muito engraçadinha, tem olhos bonitos, mas nunca foi atriz. Isso foi uma retribuição ao jeitinho de Fadinha dizer que não existe crítico no Brasil. Êles se criticaram à bessa. Não fui lá, mas adorei seus movimentos. Da Bahia mandaram me convidar. Conheci o Dr. Percy Cardoso (diretor do arquivo da Prefeitura). Bacharel simpático. Almoçou comigo e me mandará uma Coleção Recôncavo. Não tive coragem de dizer-lhe que preciso de duas — digam vocês...

Mariza Prado, a mulher do Policarpo — viajou para a Europa. Que mal fez a Europa, para merecer isso?

Encontrei no Arpoador o repórter Antonio Rocha ("Manchete"), vestido de calças e mando uma elegante senhora. Eram treza horas. O mar molhou se usapato e a barra do vestido dela. Silvio Tullio anda vigilante pelas imediações do "Copacabana Palace". Às vinte e duas, surge Marlene, e Silvio, que anda na borda do Atlântico, atraca. Ela me perguntou, certa noite, se tinha pinta de "vedette". Êle perguntou-me se eu tinha acabado. Respondi-lhe que sou o fim, e estou sempre começando.

Patrícia Lacerda fugiu da "Nobreza Gaúcha", enquanto Vanja Orico era (quase) comida de onça. Quando soubemos dos acontecimentos, soubemos também que o operador da "Rádio Nacional", Sr. Ataulfo Xavier, quando ouve novelas, e é o chefe do estúdio, chora. Jacinto Benavente, escritor, pensador e dramaturgo espanhol, morreu, aos 87 anos, e Irving Piebel faleceu aos 63. Era um ótimo realizador de pequenas peças teatrais. No momento, dedicava-se ao cinema. Produzia uma película intitulada "Day of Triumph". No Recife, aonde nasceu Nestor de Holanda, o Sr. Barreto Jr. construiu o "Teatro Marrocos". A senhora Sonja D'Amoêdo ("Rainha do Carnaval" pernambucano 53/4), está no Rio. Jackson do Pandeiro voltou para a "Rádio Jornal do Comércio". Ouvimos Leda Barbosa, que está cantando bonitas canções da inspiração de Antônio Maria.

Sérgio Pôrto soube que Darwin Brandão vai ao Japão e comprou uma caixinha de música para o seu filhinho. Sérgio circulava pela Cinelândia e a caixinha tocava, tocava, tocava. As notícias que o repórter Arides Visconti me mandou da América são as seguintes: a música do momento é "Three Coins in the Fountain", por Frank Sinatra; o sucesso da música deve-se ao filme em Cinemascope, rodado na Itália e que tem o mesmo nome. Diz ainda que estão em grande voga as velhas melodias de Glenn Miller. King Cole e Pierre continuam como sucessos masculinos. Kitty Kaollen é, no momento, o maior sucesso feminino e sua grande gravação no momento é "Little things means a Lot". Patti Page gravou "Steam Heat". Arides considera-a um grande cartaz, e a música um sucesso estúpido. O resto da carta conto no próximo — senão o meu "short" será longo...

A senhorita Marly Fernandes vai a Londres, ser madrinha de Carmem Maria Paredes Fernandes. Carmem é filha do casal consul equatoriano Antonio José Paredes e senhora Ruth Fernandes. Encontrei Marly no casamento do Sr. Oscar Bloch. Ela estava dentro de um lindo vestido de lilaz — seda pura, plissado, e com um insinuante decote. — Seu chapeu de aba larga era preto, e seu casacão também...

(Conclui na página 57)



DA NOITE PARA O DIA

UMA SEMANA ENCANDORA PASSADA NA BAHIA

Escreve MARLY SOREL

Rainha do Cinema Brasileiro

Especial para "CARIOCA"

ESTOU na Bahia e verdadeiramente encantada com tudo: com a beleza típica da cidade do Salvador, com o êxito do Festival, com o interêsse popular demonstrado pelo cinema nacional e principalmente com o afetuoso acolhimento dispensado pelo público aos artistas. Aqui no Hotel da Bahia, onde estou hospedada, há sempre fãs no saguão, nas portas, no jardim, esperando a nossa saida. Fico emocionada com as conversas que tenho tido, vendo como o meu nome é conhecido na Bahia. Os fãs falam dos filmes em que me viram e dos programas radiofônicos de que tenho participado. Fazem perguntas, mostram-se interessados em conhecer o que me diz respeito, manifestam, enfim, por mil e uma maneiras, a sua afetuosa simpatia.

•

A minha maior emoção ao chegar em Salvador, o que constiuiu para mim a mais grata das surpresas, foi encontrar em numerosos pontos da cidade faixas com o meu nome e dizeres expressivos como êstes: "Salve Marly Sorel, Rainha do Cinema Brasileiro", "O povo baiano apresenta suas boas vindas a Marly Sorel", etc.. Fiquei tanto mais emocionada quanto fui eu a única, entre os artistas da delegação, a receber essa homenagem. Na noite mesmo de minha chegada tive a grata alegria de ser apresentada à sociedade numa linda festa realizada na Associação Atlética Baiana. Falei ao microfone, recebi muitas palmas e a mim foi entregue, ainda, em nome do clube, a flâmula da casa. Tive outros contatos com elementos da sociedade baiana no coquetel oferecido ao Congresso dos Médicos, para o qual recebi amável convite do prefeito da cidade, e, ainda, na recepção dada, pela Prefeitura ao Festival, na festa realizada na residência do casal Paiva Lima e no almoço do governador oferecido à delegação, no Palácio da Aclamação.

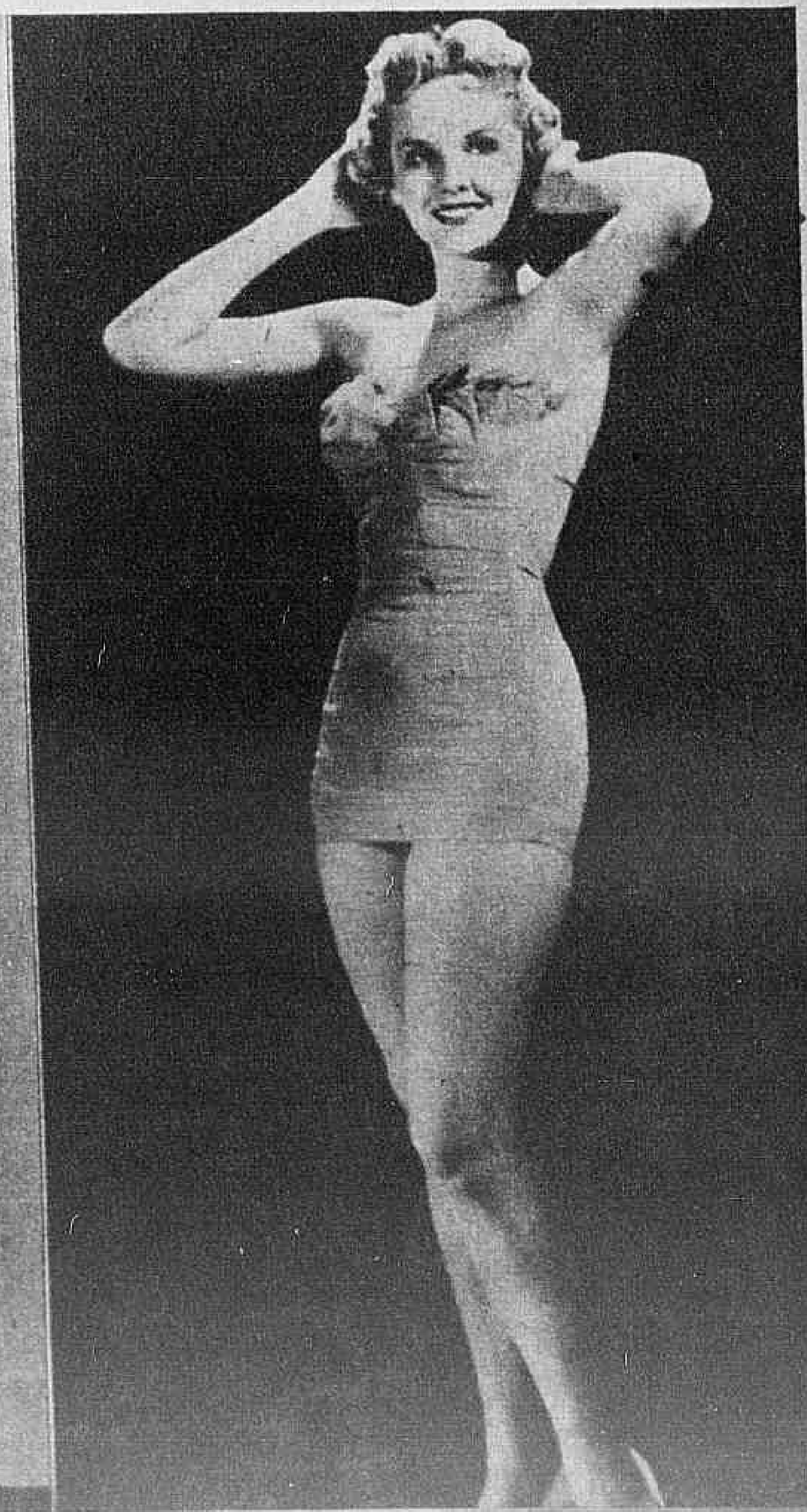
•

O que assinala, porém, o maior êxito da segunda semana do Cinema Brasileiro, são as apresentações em praça pública, o que deu um cunho nitidamente popular, ao contrário do que sucedeu em São Paulo, ao nosso Festival. No primeiro dia fomos apresentados na Praça onde está o monumento ao 2 de julho. Foi um trabalho para conseguirmos atravessar a multidão e chegar até o coreto reservado à delegação. Mais de 20 mil pessoas ali se achavam aglomeradas. Todos os artistas foram entusiasticamente aclamados. E, no final, atendendo aos pedidos e apêlos, tive de cantar, mesmo sem acompanhamento, para atender aos reclamos do povo. Nos dias subsequentes apresentamo-nos em outras concentrações populares, inclusive nos bairros mais afastados da cidade, e em toda parte recebiamos o mesmo acolhimento generoso e simpático, bem digno das tradições de hospitalidade do povo baiano. A Bahia e os baianos são realmente encantadores. Sabem dar valor aos artistas e isso é uma coisa muito grata aos nossos corações.

•

Muita coisa contarei ainda aos meus leitores em minha volta ao Rio. Neste momento venho de ser convidada para atuar na "boite" de Pituba, onde se têm feito ouvir algumas das mais destacadas figuras do nosso rádio. Tenho tido muitas ofertas, convites e oferecimentos inclusive para visitar cidades do interior, o que infelizmente não posso atender porque devo voltar para fazer face aos meus compromissos na Rádio Nacional. Mais uma vez, antes de terminar, desejo reiterar o meu cordial agradecimento à Bahia e aos baianos pelas atenções que me têm dispensado e pelos aplausos com que me têm distinguido.





Duas misses que concorrem ao título de Miss Universo: Sue Ravenskroff, Miss Kansas, de 19 anos de idade e Miss Utah, de 20 anos

COMO PENSAM OS RADIO

Tôda correspondência para esta seção deve ser dirigida a Paulo José — Redação de CARIOCA — Praça Mauá 7 — 3.° andar.

Cartas Selecionadas

Presado Sr. Paulo José — Pela presente, desejo expressar minha opinião sôbre um casal que é uma simpatia. Êle, Signey Más, é uma das vozes mais simpáticas da velha guarda, e que, segundo soubemos, voltou a gravar, e ela, Mara Silva, uma garota de quem nos lembramos muito bem, cuja voz é uma delícia para o ouvinte. Mara, cantando sambas, boleros, enfim, tôda a música que fala ao coração, consegue impressionar o ouvinte, tal a expressão com que interpreta a nossa e a música de ritmo portenho. No auditório da Rádio Mayrink Veiga, assistimos à "reentrée" de Mara, quando quando, também, conhecemos sua herdeirinha, uma garotinha rechomchuda. A êsse casal-simpatia desejo todo o sucesso possível, pois êle bem merece.

Grata pela publicação da presente, deseja-lhe felicidades, a leitora — SILVIA RAMALHO — Rio.

✶

Caro Sr. Paulo José. Saudações — Sendo leitora de CARIOCA há muitos anos, não me pude eximir ao desejo de também dar minha opinião sôbre uma cantora que considero possuidora de uma personalidade marcante, embora poucas tenham sido suas oportunidades no sem-fio, porque, sem dúvida alguma, Zezé Gonzaga bem merece ter um programa exclusivo, de meia hora. Como há algum tempo não a ouviamos nos programas da Nacional, procurei saber o motivo dêsse seu afastamento, tomando conhecimento da enfermidade que a acometeu recentemente. Felizmente, as notícias incluem seu próximo regresso ao microfone, o que nos deixa real-

O RADIO HÁ DEZ ANOS

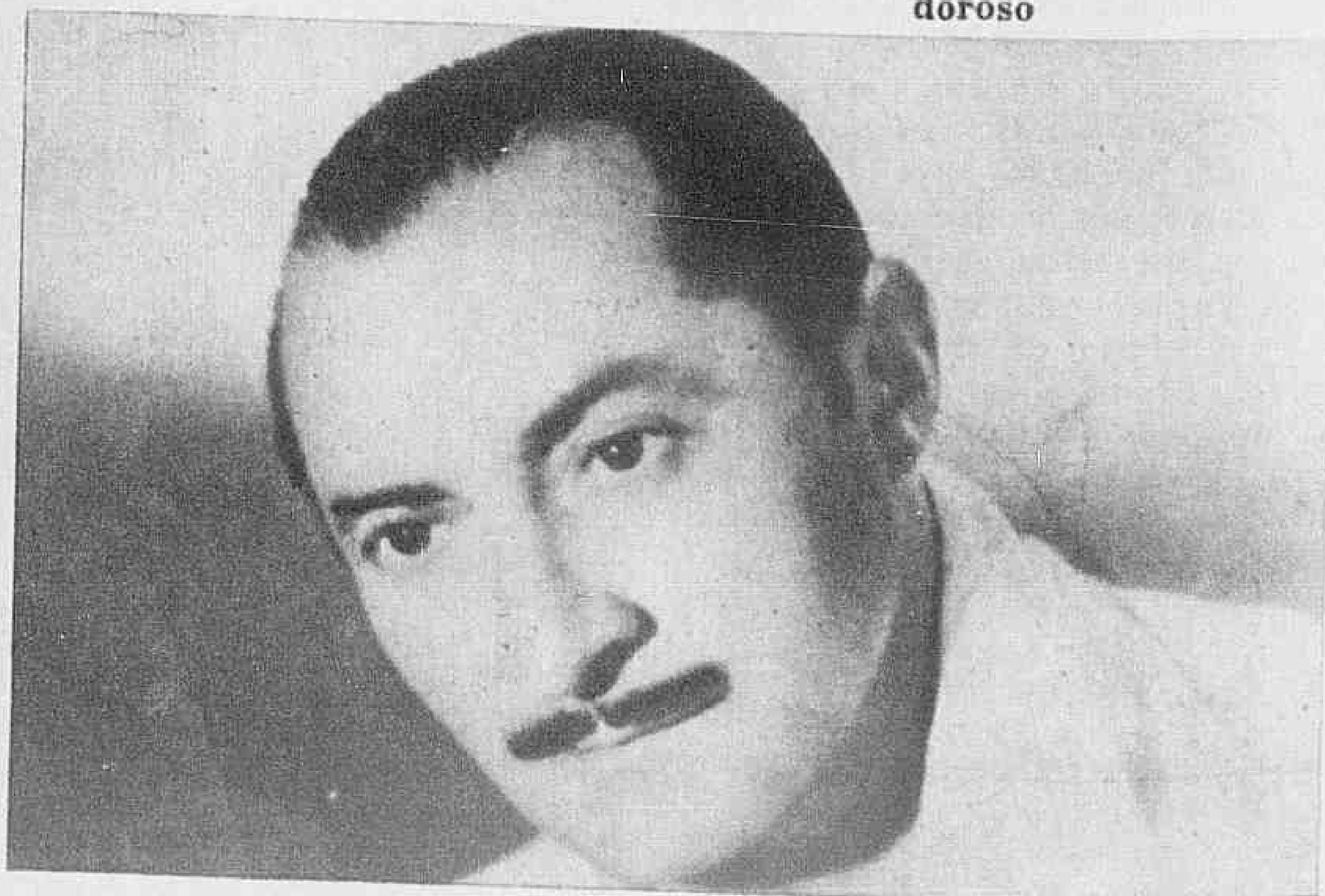


ZEZE' FONSECA era a radio-atriz n.° 1. Sua interpretação mexia com os nervos dos ouvintes e bem recordamos sua atuação como uma "francesinha", com um sotaque maravilhosamente característico, em uma das novelas transmitidas na época. Zezé era a coqueluche dos ouvintes do teatro seriado da Rádio Nacional



ELVIRA PAGA, voltando de uma excursão pelo exterior, anunciava sua "rentrée", que a crônica especializada espalhava pelos jornais. Segundo reportagem da época, Elvira recebera uma verdadeira apoteose, apresentando-se em um dos cassinos, onde conseguiu fazer de cada espectador um fã ardoroso

CARLOS GALHARDO, dez anos atrás, era já o "cantor que dispensa adjetivos" e o "rei da valsa", ritmo a que era atribuido seu grande sucesso. "Cortina de Veludo" vendera 10 mil discos, na época, e continua vendendo, até hoje, e o veterano Galhardo é ainda o "Cantor que dispensa adjetivos"



OUVINTES



O CARTAZ

AQUI está um trio que bem faz juz ao nosso CARTAZ de hoje. Trata-se de moreninha que tanto sucesso tem alcançado no rádio, nas "boites" e no teatro, Déo Maia, uma figura inconfundível dos nossos meios artísticos, e êles, os dois rapazes simpáticos que vemos em sua companhia, são os "Irmãos Guarás", que com ela têm se exibido nos nossos palcos, sempre com agrado geral. Déo Maia fez sua "reentrée" no teatro, juntamente com os "Irmãos Guarás", na peça, "Mulheres de Todo o Mundo", onde a "queridinha" mais brejeira que se conhece no Brasil apresentou números sensacionais, pela malícia e os requebros da irrequieta artista. Déo viajou por todo o Brasil, em "tournées", sempre vitoriosas. A garota é dona de uma classe e de uma bossa inconfundíveis e agrada sempre, onde quer que exiba sua arte.

Os "Irmãos Guarás", tal como a breejira Déo, também são donos de grande talento e sua atuação tem merecido aplausos por êste Brasil afora. Seus números são sempre bem escolhidos, e nós, que os vimos no teatro e no rádio, podemos afirmar que a dupla agrada plenamente.

Para os nossos leitores, aqui está um trio, dígno representante da música bem brasileira.

mente satisfeitos, porque Zezé possui a voz mais agradável que me foi dado ouvir. Esperando que muito breve possamos ouvi-la novamente, deixo minha simpatia para Zezé. Ao senhor, um grande abraço do — CARLOS COSTA — Rio.

*

Sr. Paulo José. Saúdo-o. — Leitora assídua de CARIOCA, principalmente dessa simpática seção, aqui estou novamente para falar sôbre os melhores rádio-atores e atrizes da Rádio Nacional. Com efeito, a E-8 possui o melhor cast radiofônico e, entre os elementos que o compõem, podemos destacar o veterano e sempre em forma, Celso Guimarães, o já consagrado Roberto Faissal, o inconfundível Domício Costa, Alvaro Aguiar, enfim, uma equipe perfeitamente homogênea. Quanto às rádio-atrizes, Isis de Oliveira e Olga Nobre formam um páreo duríssimo, com a diferença, apenas, que Olga Nobre, além de ter um timbre de voz bastante agradável, nele sabe imprimir tôda a malícia que pode haver numa alma de mulher, tôda a ternura de um coração... e tôda a maldade que o ser humano possa abrigar. Olga Nobre, é, sem dúvida, uma das rádio-atrizes mais completas. Ouvi-la é amá-la, sem nenhuma dúvida, amá-la com admiração. Quanto à Isis, é a eterna ingênua de voz cativante e convincente. Os corações derretem-se ouvindo-a chorar. Como chora bem, a nossa Isis de Oliveira!

Grato pela publicação, desta, ao se-

(Conclui na página 63)

INDISPENSAVEIS!



á Vida, Beleza e Vigor dos cabelos

PRODUTOS PHENOMENO TARRÉ



LOÇÃO fortifica



ÓLEO ondula



BRILHANTINA fixa



Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON n.º 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON n.º 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil
Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda.
Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" n.º ....
NOME ....
RUA .... N.º ....
CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

Por trás do Dial

As cartas, para esta seção, devem ser enviadas a MIGUEL CURI, Redação de CARIOCA, Praça Mauá, 7, Rio.

MÚSICA SEM A NOSSA ALMA

Para o seu arquivo particular, Hermínio de Carvalho pediu-me que respondesse a um questionário de música popular e clássica, brasileira e universal. Numa das respostas, estimaria incluir essa: a temática da nossa música popular, no meu entender, dissocia-se, na substância lírica, da fonte mais pura e legítima, da fonte que é, em verdade, a alma da nossa gente. Há uma passionalidade degenerada nas melodias que andam por aí, que, em absoluto, não reflete o sentimento da miscigenação racial do país. E' uma passionalidade inventada por compositores ávidos de lucros e vazios de cultura e inteligência.

Somos um buquê de raças líricas, cultivando o amor com as mais formosas regras românticas. Do que ficou dos índios, do que fica dos negros e portugueses, com a contribuição dos italianos, espanhóis e sírio-libaneses — não ficou nenhum caldo de explosão passional, no sentido perigoso esteriotipado na maioria das canções de hoje. O sentimento de família, o conteúdo cristão, o pundonor, a pudicícia tão sensível nos latinos e a irremovível concepção de amor dos orientais do Médio Oriente — não podem, ainda nos dias tumultuosos de hoje, perder a sua característica e inspiração como parece que perderam nas composições que enxameiam o repertório da nossa música popular.

Faça-se um relampeante estudo das páginas que mais ficaram no cerne de nossa memória e veremos que ficaram, exatamente, aquelas de doce lirismo, de idílios e suspiros, de suaves queixumes, de instantes de amor, de emoção ou de saudade. Nunca êsses versos de prevaricação conjugal, de infidelidade de amigos, de alcoolismo, de mancebismo declarado, etc. etc.

Não sabendo tratar com a linguagem do tempo o que deve, senão perenemente, ao menos, duradouramente, constituir e ser a nossa alma brasileira, a quase totalidade de nossos pseudos compositores populares (perdendo-se nos desvãos de sua incultura), tentam focalizar aquilo que vai para o noticiário policial da imprensa, e nunca o que fica nos recessos familiares, nos portões e caramanchões, sob o pálio de luz dos postes ou nas cartas e flores amarelecidos ou nas confidências.

A temática predominante não reflete o sentimento da gente e da terra. A poesia de um Mário Lago, por exemplo, espelha a nossa alma — porque é poesia, na naturalidade de seu estado ou floração. Os temas de Mário são os por nós defendidos — e sempre agradam ao povo. O repertório de Sílvio Caldas, parte menor do de Orlando Silva e de Galhardo, o de Nora Ney — para resumir e terminar — atestam o que só os ignorantes da nossa demo-psicologia não vêem.

Há uma degenerescência ou decrepitude, em grande parcela da música popular, que não é a de um povo que ainda não formou uma nação.

Notícias

Amália Rodrigues a caminho do Brasil — Elizete Cardoso, provavelmente, na Nacional — A orquestra Tabajara foi indenizada pela Tupi, não mais pertencendo a seu elenco — Odair Marzano, galã da Nacional de S. Paulo, está em temporada na do Rio — Dia 29 é a nova data para a inauguração da Rádio Mundial, sob a direção de Arnaldo Amaral e Luiz Quirino — Dircinha Batista e José Renato deverão iniciar uma excursão pelo Norte e Nordéste, em agôsto, descendo de Manáus — Do agrônomo Péricles Pestana, a Rádio Mauá está transmitindo, de segunda a sexta-feira, às 18 horas, o programa «No Campo e na Cidade» — Roberto Faissal foi convidado, e está propenso a aceitar, a candidatar-se a vereador, por Petrópolis, onde, sábado, 24, se casará, na matriz de S. Pedro de Alcantara — Aniversários: 21, de Silvino Neto; 24, de Vanderlino Nunes; 26, de Fernando Lobo, e 27, de Yara Sales.

Vamos trocar cartas?

Trechos do pedido de inscrição de Wilson Nunes de Oliveira, de Esteio:

— «Veterano cultor da epistolografia, não hesito em tê-la na conta de ameno e proveitoso diletantismo literário». «Esplêndido derivativo da insipidês de minha atividade quotidiana, como comerciante. Estudando, e escrevendo cartas, vou me distraindo e iluminando o espírito».

Cupão de inscrição

Isto aqui vale como um cupão. Mande-o junto com sua inscrição, na qual dirá porque pretende corresponder-se, dando, depois, e obrigatòriamente, o seu nome completo, idade, profissão, ocupação, endereço e, se os tiver seus temas, idiomas e lugares preferidos. Recorte e envie êste cupão.

Damos, a seguir, o nome das pessoas desejosas de iniciar uma troca de cartas com os nossos leitores, acompanhados de seus dados pessoais e preferenciais, se as tiverem:

DISTRITO FEDERAL — Jefferson R. Sanger, 26 anos, autárquico e estudante de línguas neo-latinas, com os 2 sexos, teatro, música, lit. e artes em geral; R. Dias Ferreira, 297, apt. S-104, Leblon — Erico Pereira, 27 anos, comerciário, cartas e trocas com moças de Barra Mansa, Barra do Piraí e V. Redonda; R. Emílio de Menezes, 157, Piedade — Cecília R. Gomes, 19 anos, estudante; R. Tajuri, 184, Vicente de Carvalho — Walquir da Fonseca, 19 anos, moedas e lapis de propaganda com Br. e América; R. Piracanjuba, 167, Vila Kosmos — Olinda Barbosa, 16 anos, estudante; R. Chaves Faria, 129, S. Cristovão — Eliana Godoy e Gleide Souza, 19 e 22 anos, datológrafa e comerciária; R. Pedro Ernesto, 64, casa 11, S. Cristovão — Manoel Oliveira e Florisval Amorim, 20 e 22 anos, Marinheiros, Manoel, com Belém, Goiás, Fortaleza e Londrina; CT. Apa, M. da Marinha.

PORTUGAL — Manuel da Cruz, 21 anos, estudante, em fr., ing., esp. e port.; R. do Mirante. 51-4º Esq. Lisboa — Lisete Ivone de Aguiar, 20 anos, estudante, com Rio e Bahia; Escola Oficial Masculina de Babosa, Monte, Ilha da Madeira — Carlos Alberto de Souza, 15 anos; Quinta do Gericó, Leiria — Antonio João Matos, operário; Apartado 5, Sorefame, Amadora.

ÁFRICA — Manuel Gouveia Terra, com os 2 sexos; C. Postal 174, Luanda, Angola, África Ocidental Portuguesa.

PARÁ — Belém — Andréa Mara das Neves, Marluci Menezes e Rosângela Rego, 22, 32 e 25 anos, comerciárias, com maiores de 25, 36 e 27 anos; R. Cons. João Alfredo, 12 — Sonia Sil-

via, 17 anos, estudante; R. 15 de Agosto, 222 — Adelia Martins, 17 anos, costureira, com maiores de Minas, S. P. e Rio; Trav. Barão do Triunfo, 680, Pedreira.

CEARÁ — Fortaleza — Artemizina N. Farias, 21 anos, escriturária; R. Solon Pinheiro, 541 — Regina Barbosa, 18 anos, estudante; R. Assunção, 2.368, José Bonifácio — Sandra Regina, 26 anos; R. Rufino Alencar, 129.

PIAUI — Carmem Lúcia Lima, 20 anos, estudante; Redação de «O Sino», Parnaiba.

MARANHÃO — Liana Maria, 28 anos, contadora, com maiores de 30 do Br., Port., Arg. e Canadá sôbre jornalismo, viagens e postais; Praça Cesário Lima, 11, Caxias.

PERNAMBUCO — Maria S. Figueirôa, 21 anos, estudante; R. Gonçalves Dias, 23, Caruaru — Glauce Meireles, 25 anos; R. Estevão Câmara, 66 Gravatá — Maria Dalva Silva e Valderez de Freitas, 18 e 20 anos, estudante e costureira, com maiores; R. Heitor Maia, 76, Casa Amarela, Recife — Ivo B. Duque, 20 anos, alfaiate; Casa de Detenção — Jane da Silva, 17 anos, estudante; C. Postal 1.523, Recife — Leila Helena Reis, 18 anos, estudante; R. Cel. Lima Botelho, 59, Torre, Recife.

PARAÍBA — Angela Regina, 26 anos, guarda-livro, com maiores de 28 do Br., Esp. Port. e Sul da América, e Vera Lúcia, 17 anos, estudante, com maiores; R. Artur Aquiles, 65, João Pessoa.

BAHIA — Leonor Rocha, 20 anos, professora, com maiores de 25, de S. P. e Rio; Av. 7 de Setembro, 112, Salvador.

ALAGOAS — Gisella Leite, 21 anos, escriturária, com Pernambuco, R. G. do Norte, S. P. e Paraná; Legião Brasileira de Assistência, S. José da Laje — Anita Maria de Oliveira, 19 anos, aux. de escritório; R. do Comércio, 394, Maceió.

MINAS GERAIS — Vania França, 15 anos, estudante; A/c de Jorge Artur Fernandes; Monte Carmelo — Elza Lopes, 21 anos, aux. de escritório, com maiores; R. Comendador Viana, 60, Sabará — Iracema Flor de Lis, 39 anos, doméstica, com maiores de 47; Av. 7 de Setembro, 1.020, Juiz de Fora.

ESTADO DO RIO — Rochele Duarte, 21 anos; R. 15 de Novembro, 42, Rio Bonito — Rosangela Ferreira, 17 anos, estudante de música; R. Cristovão Leal, 59, Barra Mansa.

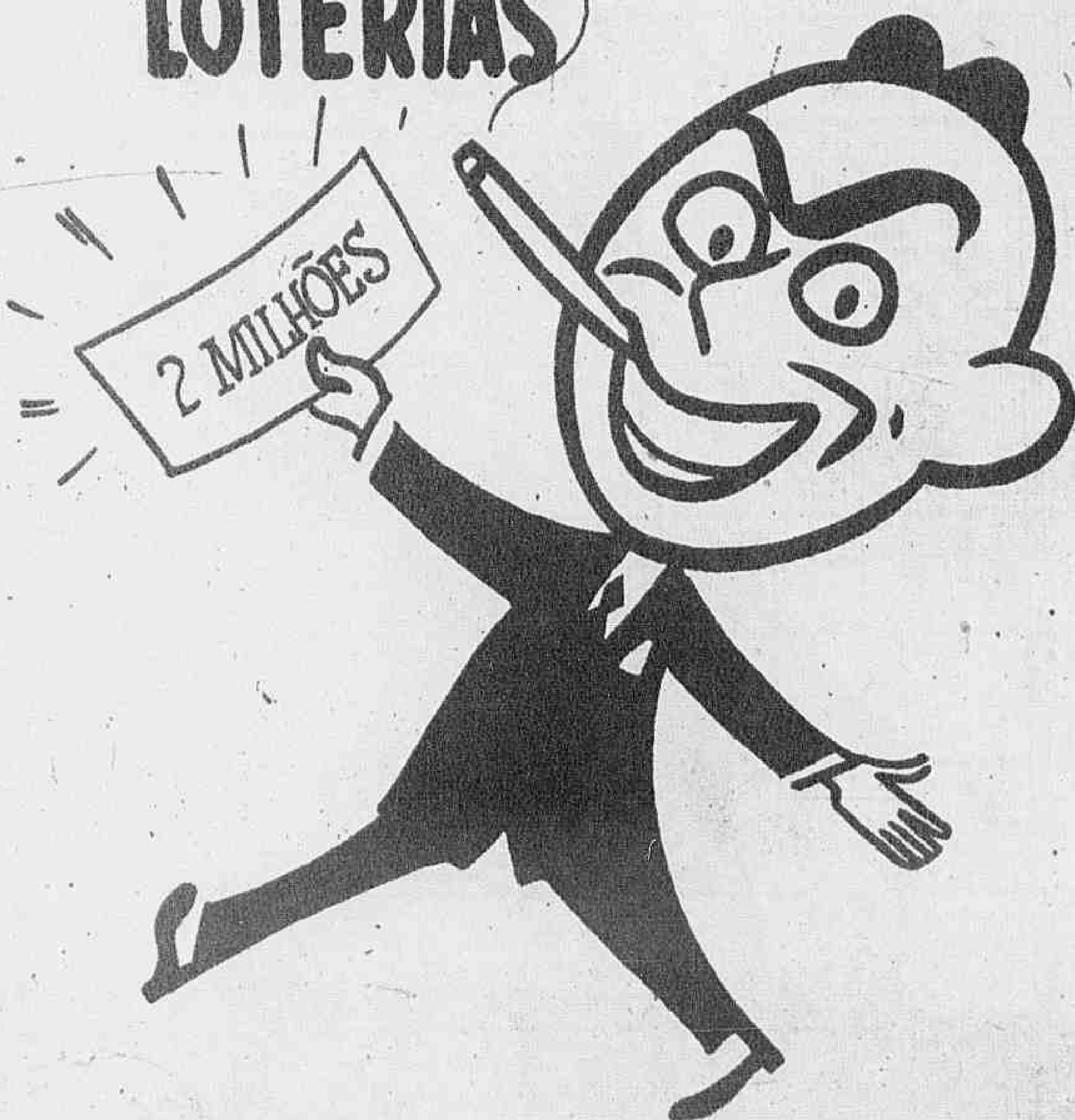
SÃO PAULO — Maria Lúcia Caldeira, 18 anos, estudante, em ing., fr. e port., com Br. e ext. sôbre cine, esportes, poesia e troca de selos e flâmulas; R. Bertioga, 86, Vila Cláudia, casa 40, Vila Mariana, capital — Henrique Boldrin, 20 anos, escriturário, cartas e postais; C. Postal 17, Jundiaí — Julieta Aparecida, 18 anos, estudante, com colegas e diplomados; R. Aparecida, 74, Sorocaba — Angela Lombardi e Mabel Ponzoni, 22 e 17 anos, domésticas; R. 9 de Julho, 196, Caçapava — Angélica Ramos, 14 anos; R. Araujo Leite, 4-77, Bauru — Amélia Morita, 17 anos, estudante, com colegas, cartas e trocas; C. Postal 176, S. José do Rio Prêto.

PARANÁ — Aristides de Amorim, 30 anos; Laranjeiras do Sul — Oswaldo Krause e Walfrido Limano, 18 e 16 anos, o primeiro, sôbre botânica e música; R. Teodoro Krupel, 236, Ponta Grossa — João da Silva e Agenor Santos, 22 e 26 anos, motorista e comerciante; Penitenciária Central, Curitiba.

SANTA CATARINA — Maria Cristina Soares, 16 anos, com colegas estudantes; R. Blumenau, 335, Joinville — Nilton Miranda, 16 anos; C. Postal 73, Criciuma.

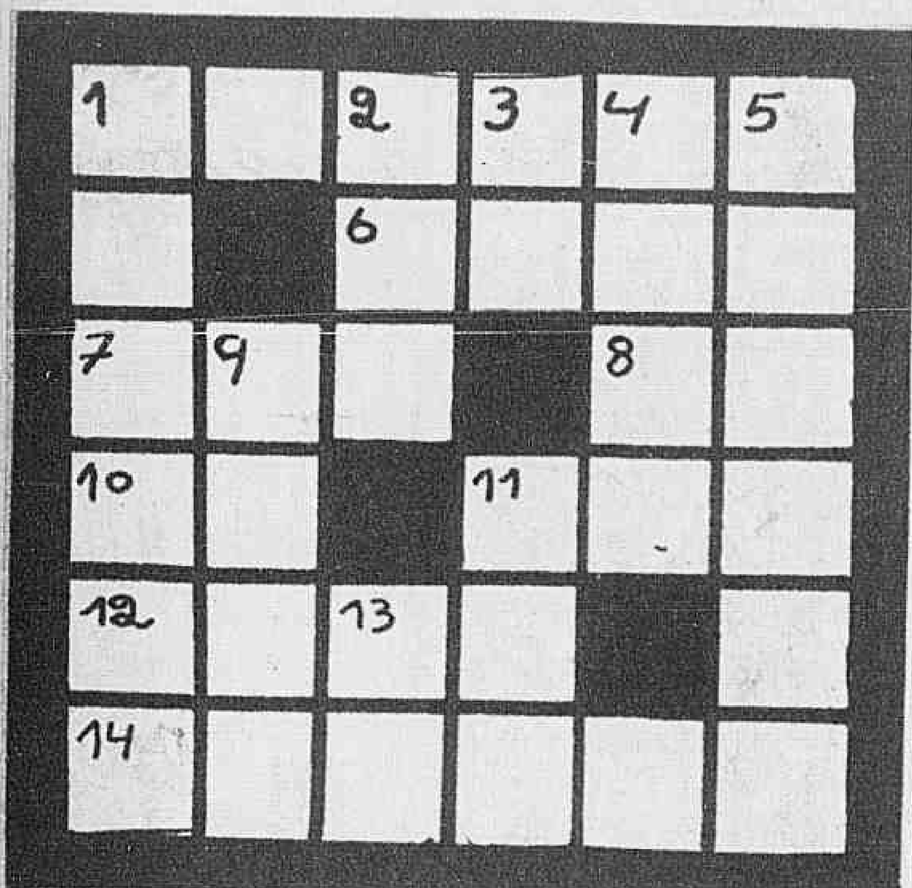
RIO GRANDE DO SUL — Wilson Nunes de Oliveira, 24 anos, estudante, em port. e esp., música, lit., filosofia, etc., com moças cultas de Port., Br. e América Latina; R. 4 de Agosto, 568, Esteio, Município de S. Leopoldo — Clarice Ferreira, com maiores de 25 anos, cartas e troca de flâmulas, lapis de propaganda e postais; R. Mal. Deodoro, 753, Pelotas — Yara Maria e Elcy Marylin, 24 anos, comerciárias, e Miriam Vieira e Ana Maria, 21 e 18 anos, estudante e bancária, tôdas com maiores de 25 anos; endereço geral: C. Postal 396, P. Alegre — Célia Teresinha Rodrigues, 23 anos, escriturária, com maiores de 24, cultos; C. Postal 444, P. Alegre — Cesar Junqueira, 20 anos, estudante, com Br. e Port.; R. Prof. Carvalho de Freitas, 1.206, P. Alegre — Francisco Grenink, 21 anos, comerciário; Vila, Porto Luceno, Município Santo ouso — Circe e Haydée Gonzalez, 19 e 20 anos, em port. e esp. com Br. e exterior; R. Cel. Pilar, 290, Cruz Alta — Sandra Maria Azambuja, 20 anos, normalista, em ing., fr., esp. e

(Conclui na página 60)



Para o seu RECREIO

POR WILSON COUTO



Problema Fernandópolis

HORIZONTAIS: — Amassadeira de pão — 6. Comprar garrote de um ano — 7. Grande quantidade — 8. Morrer — 10. Aroma — 11. Designação geral dos bovídeos — 12. Mulher nobre — 14. Dançarina dum bailado popular.

VERTICAIS: — 1. Navio de guerra — 2. Possuir — 3. Símbolo do Érbio — 4. Desisto — 5. Adiante; acima — 9. Lavrar — 11. Caixa retangular de folha ou madeira. 13. Perversa.

Soluções dos problemas do número anterior

PROBLEMA CURITIBA

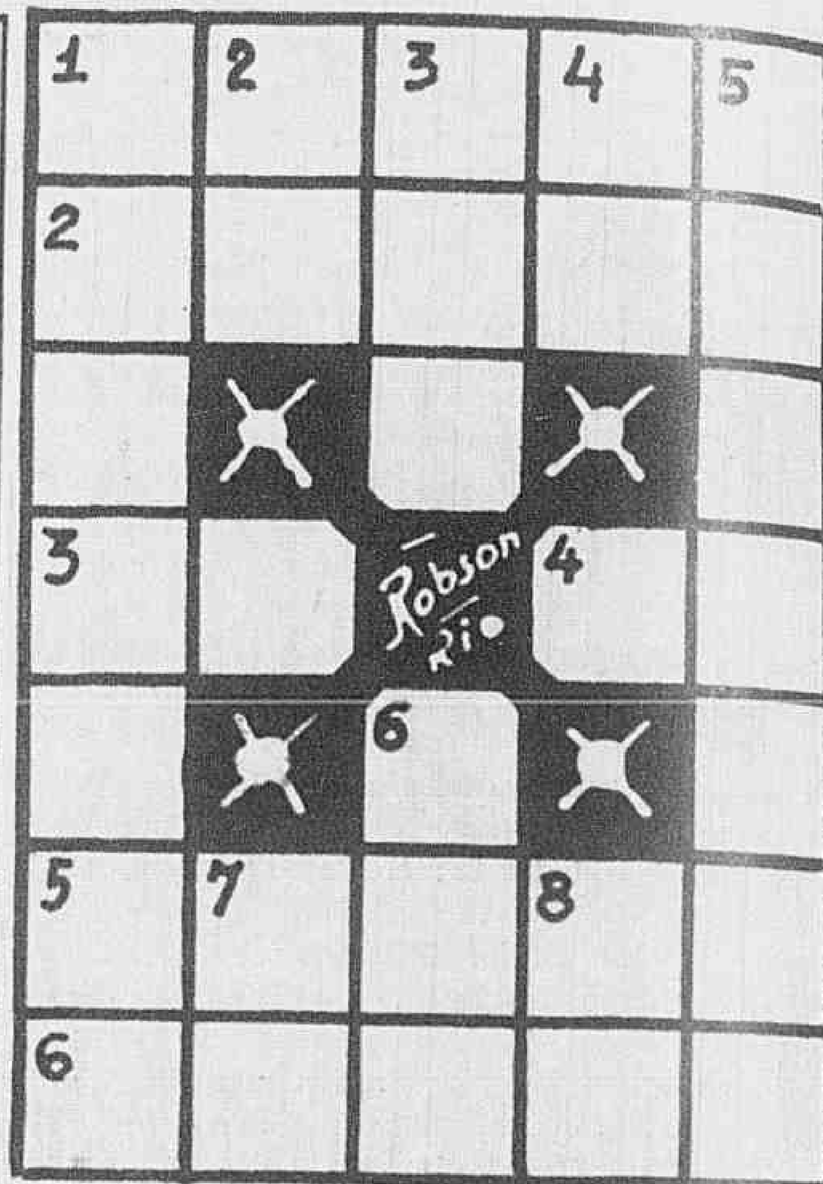
HORIZONTAIS: — Sapar — Parolim — Papa — Ator — Desamoroso — Côr — Rás — Arre — Efos — Sumi — Jaca — Sir — Aro — Ramonadeira — Sêlo — Aras — Lavadas — Salas.

VERTICAIS: — Sapa — Aram — Pó — Alar — Rito — Pás — Mos — Pereiras — Rorejara — Dormir — Sáfara — Crus — Soco — Ás — Sã — Mel — Olas — Nova — Dada — Alas — Ias — Al.

ROBLEMA SILHUETA

HORIZONTAIS: — Piar — Amarrava — Pé — Ar — Restritiva — Ir — Oi — Mó — Rá — Alastravas — Ar — Id — Retirara — Ária.

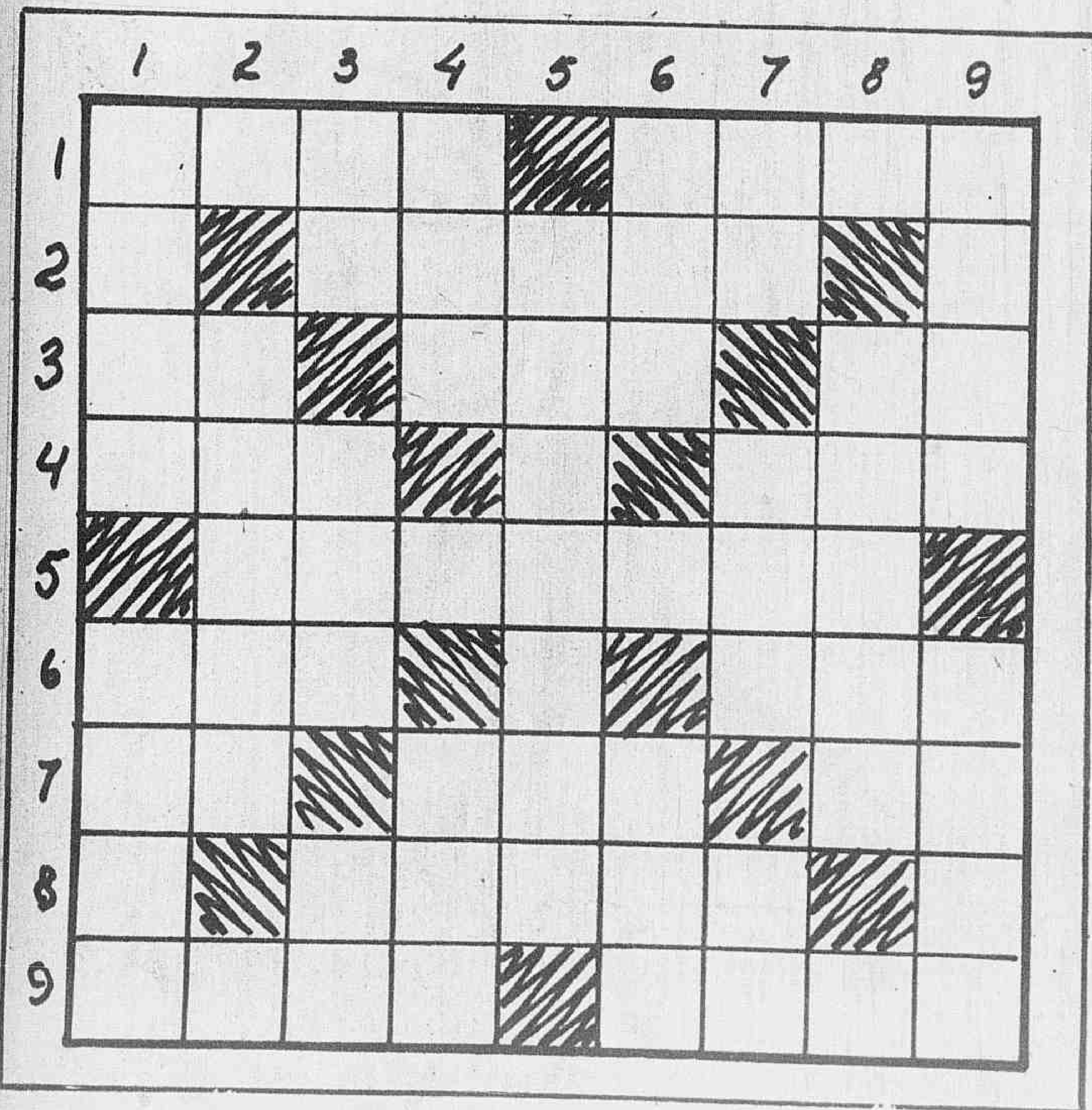
VERTICAIS: — Rima — Aperolar — Mês — Ara — Pá — Tá — Ir — Ir — Ar — Ri — Ra — Aa — Vir — Arvorada — Aias.



PROBLEMA ROBSON

HORIZONTAIS: — 1. Sinal que, no princípio da pauta de música, serve para indicar o grau de elevação exato de cada uma das notas — 2. Terreno em que se junta o sal, ao lado das marinhas (plu.) — 3. Esquadrão — 4. Em a — 5. Falha, rachadura em vidro ou louça, (plu.) — 6. O santo da invocação que dá o nome a um templo ou freguesia; oráculo.

VERTICAIS: — 1. Relativo aos grandes mamíferos, que têm forma de peixe — 2. Medida itinerária chinesa — 3. Tinhorão — 4. arta; andes — 5. Derramado; espalhado — 6. Designação genérica dos frutos das vinhas — 7. Ser transportado — 8. Símbolo da prata.



PROBLEMA LEAL

HORIZONTAIS: — 1. O clarão da lua — Engôdo que se põe no anzol para pescar — Substância resinosa que serve para fechar garrafas, selar cartas, etc. — 3. Caminhar — Retumba — Pronome pessoal — Nascido depois da morte do pai — 5. Designativo de afirmação — O mesmo que arara — 6. Casal — Duração sem fim — 7. Estupor — Cesto de palha de carnaúba provido de alça — O mais — 8. O mesmo que amargo — 9. Trabalho literário — Imbecil.

VERTIÇAIS: — 1. A ponta da verga — Pálácio real — 2. Gradear com ripas — 3. Símbolo do alumínio — Forma sincopada de maior — Gesto — 4. Título abissínio — Qualquer — 5. Arte — 6. Desejo de vingança — O mesmo que berne — 7. Igreja — Adore — Artigo — 8. Quadra popular — 9. O mesmo que arruá — Líquido gorduroso.

Pergunte o que quizer

Esta secção responderá às perguntas dos leitores sôbre assuntos de cinema. As cartas devem ser enviadas a PERY RIBAS. Redação de CARIOCA. Praça Mauá, 7. Rio.

MARIA CRESPO — Petrópolis — A filmografia incompleta de Lew Ayres, é a seguinte: «The Somophome», «O beijo», «Sem novidade no front», «A caminho do inferno», «Common Clay», «Pena de amor», «Por u'a mulher», «Proibida de amar», «Céu na terra», «Unidos venceremos», «A donzela impaciente», «Mundo noturno», «Vale sua filha 100.000 dólares?», «Ouros e trapos», «Meu beguin», «Feira de amostras», «O ônibus misterioso», «Ela e os três marujos», «Cinderela à fôrça», «O prazer de perdoar», «Hearts in Bondage» (diretor), «O último trem de Madri», «Boêmio encantador», «A mal falada», «King of the Newboys», «Muito custa casar», «O jovem Dr. Kildare», «A dança da primavera», «Serenata na Broadway», «Folia no gêlo», «Chamem o Dr. Kildare», «Estas granfinas de hoje», «O noivo de minha noiva», «O segrêdo do Dr. Kildare», «O estranho caso do Dr. Kildare», «Amor entre arrufos», «Dr. Kildare Goes Home», «A vitória do Dr. Kildare», «Maisie na alta roda», «Sonhos dissipados», «Minha vida é tua», «Seu grande triunfo», «Dedos diabólicos», «Espelho d'alma», «A cruz de um pecado», «Belinda», «Na solidão do inferno», «Homens verdadeiros», «No Escape» e «Donovan's Brain».

★

MÉRCIA ROCHA — Vitória — Hurd Hatfield trabalha pouco. O primeiro filme dele não foi «O retrato de Dorian Grey», mas «A estirpe do Dragão». Depois fez: «Segrêdos de alcôva», «O fim ou o princípio», «Torrents of Spring» (feito na França — que talvez tenha sido a fita de Georges Marchal e Renée Faure, «Torrentes de paixão»), «Sem sombra de suspeita», «Joana d'Arc», e «Meia noite no bairro chinês».

★

CARLOMAR — Rio — Na resposta que lhe dei sôbre aqueles filmes de Loretta, dos quais não tenho o título brasileiro esqueci de dizer que «Mulheres de negócios» é «Big Business Girl».

★

FÃ DE MAE CLARKE — Rio — Mae trabalha pouco e em papéis secundários. Os filmes dela são os seguintes: «No apogeu da fama», «Fall Guy», «Sofrer é da vida», «Os dançarinos», «Nix On Dames», «The Public Enemy» (que foi proibido pela censura brasileira há vinte anos e agora talvez seja exibido entre nós, com a re-apresentação recente da fita, nos Estados Unidos), «Última hora», «A ponte de Waterloo» (primeira versão), «Reckless Living», «Frankenstein», «A donzela impaciente», «Mundo noturno», «Tudo por um homem», «As the Devil Commands», «Malfeitora benigna», «Três garôtas ladinas», «Parole Girl», «Breach of Promisse», «Penguin Pool Murder», «Perdão, senhorita!», «Ouro flamejante», «Voltando ao passado», «O mulherengo», «Naná», «Pela vida de um homem», «A família», «Casamento sem condições», «O homem de duas caras», «A casa das 1.000 luzes», «A dama errante», «Jovem destemido», «Hearts in Bondage», «Pesos e medidas», «Legionário à fôrça», «Traição de caudilho», «Silk Hat Kiss», «Wild Briant Kent», «Feira de sensações», «Mulheres na guerra», «Os tigres voadores», «Don Juan da Armada», «China inconquistável», «Daredevils of the Clouds», «A tentação da sereia», «Streets of San Francisco», «O homem foguete» (seriado), «Por tua causa» e «Grito de sangue». Não, aquilo foi um «cochilo» de Louella Pearsons: Mae não fez nenhum filme silencioso.

★

JOHNNY'S FAN — Rio — A Monogram foi absorvida pela Allied-Artists. Os filmes da série «Bomba» até agora apresentados entre nós são: «Bomba, o filho das selvas», «Bomba e a Pantera Negra», «O tesouro do vulcão», «Bomba e a escrava», «A vingança dos elefantes» e «O tesouro africano». A idade dêle é 22 anos.

★

FERNANDO OLIVEIRA — Pôrto Alegre — A filmografia de Ginger Rogers é a seguinte: «Inconstância», «Honra de amantes», «O amor atravessa o mar», «Rainha de cópas», «Follow the Leader», «Tip Off», «A frota suicida», «O amor fez dêle um homem», «Valente como trinta», «Até debaixo dágua», «A Shriek in the Night», «Loucuras da noite», «Intrigas de Broadway», «Namoradeira profissional», «Adorada inimiga», «Amor que engana», «Finishing School», «Sonhos de glória», «Rua 42», «Cavadoras de ouro», «Ouros e trapos», «Vinte milhões de namoradas», «Alta roda», «O seu primeiro amor», «A alegre divorciada», «Voando para o Rio», «Roberta», «O rapto da meia-noite», «O picolino», «Em pessoa», «Nas águas da esquadra», «Romance em Nova Iorque», «Rítmo louco», «Vamos dançar?», «No teatro da vida», «O mundo se diverte» (realmente, Red Skelton trabalhou neste filme de Ginger), «Dance comigo», «Que papai não saiba», «A convidada n. 13», «A vida de Vernon e Irene Castle», «Mãe por acaso», «Garôta da 5 Avenida», «Boa sorte», «Kitty Foyle» («Oscar» da Academia). «Seus três amores», «Pernas provocantes», «Seis destinos», «Era uma lua de mél», «A incrível Suzana», «Mulheres de ninguém», «A mulher que não sabia amar», «Ver-te-ei outra vez», «Aqui começa a vida», «O bater de um coração», «No limiar da glória», «Tem que ser você!», «Ciume, sinal de amor», «Duas almas, dois destinos», «Dilema de uma consciência», «O marido não queria», «O gênio na televisão», «O inventor da mocidade», «Travessuras de casados» e «No entardecer da vida» — êste ainda inédito. Novo filme com Fred Astaire não parece provável.

★

DELMIRA MENDES — Rio — Antes de «Entre dois juramentos», Jeff Chandler apareceu-nos em sete filmes: «A parede invisível» (The Invisible Wall), «Equívoco fatal» (Roses Are Red), «Dama, valete e rei» (Johnny O Clock), «O gênio vai à escola» (Mr. Belvedere Goss To College), «Adagas no deserto» (Sword in the Desert), «Flechas de fogo» (Broken Arrow), e «Deportado» (Deported).

(Conclui na página 61)

FOTOGRAFIAS DE ARTISTAS DE CINEMA
AUTENTICAS FOTOGRAFIAS DOS MAIORES ASTROS E ESTRELAS DO CINEMA
PIN-UPS, FAR-WEST, ETC.
MAIS DE 5.000 POSES DIFERENTES
PEÇAM CATALOGOS Á
Cine-Foto HOLLYWOOD
CAIXA POSTAL, 1644 ★ BELO HORIZONTE

CELIA VILELA...

(Conclusão da página 17)

Guarani, no programa em que se iniciou: «Gurilândia».

Popular em Minas e com uma projeçãozinha em S. Paulo e Rio, a morena dos brincos enormes e pulseiras também, está para ser contratada por uma fábrica de discos, no Rio, tendo vindo até aqui para negociar os termos de um ajuste.

— E' um passo gigantesco, o disco — declarou. Se fechar contrato, penso que terei mais oportunidade de desejar transferir-me para o Rio... ou São Paulo, as duas praças, por excelência, dos artistas, onde as possibilidades se alongam e a vida tem uma dinâmica que lá não existe.

Cantando a batucada, o samba-canção e o baião, Célia Vilela, esfusiante, ciclotímica, adorando a vida gregaria, está estudando acordeon e bailado e continuando seu curso ginasial.

— Abandonaria tudo, pelo Rio — insiste.

Atuando na audição comemorativa do nono aniversário do «Programa Cesar de Alencar», a gostosa mineirinha foi bastante aplaudida e revelou o seu decidido jeito para os programas do gênero, cantando seguramente e transmitindo sua alegria ao público.

Tem uma irmã, Marlene, de quinze anos, também cantora, mas, de boleros.

Perguntada sôbre seus cantores favoritos, citou os nomes de Nelson Gonçalves, Ivon Curi e Lúcio Alves. Sôbre as cantoras, preferiu emudecer, para não julgar em dissonância com certas opiniões muito generalizadas.

— Sou fã de minha irmã.

Entre os produtores, nomeou Lourival Marques, Haroldo Barbosa e Paulo Roberto, em quem votaria, para deputado, se fosse eleitora, no Rio.

Não sendo capaz de viver sem rir (não pôde deixar de confessá-lo), Célia Vilela, já ao fim da entrevista, caiu num desalento, após ouvir algumas considerações do reporter, sujeito a quem muito preza e respeita, tendo-o como um oráculo. O reporter consolou-a, ressaltando o grande óbice que é a sua menoridade. Não pode, a menina, conformar-se com a realidade: boa cantora, sabendo comportar-se num palco, bonitinha, como é que é tão difícil sair de sua cidade para outra, mais tentacular e absorvente, cujas luzes e cartazes povoam a cabeça de tanta gente como ela!

Sofreguidão da idade! Mas, nem por isso, Célia descura de seu futuro, estudando e especializando-se, num ecletismo capaz de desvendar-lhe outros caminhos e triunfos.

Compreendemos a sua insatisfação — e será ela, justamente, a mola propulsora de sua vitória. Esperar não é verbo para ela, inda mais que já superou uma etapa e não vê maiores perspectivas para a sua carreira, nas Alterosas. Exato, porém, que fazer? A situação não é irremediável. Questão de hora e chance. Ou, mais pròpriamente, questão de idade.

O DESPONTAR...

(Conclusão da página 25)

Logo que se mudou para Los Angeles, Piper decidiu fazer um curso de arte dramática. Para isso, matriculou-se na turma de Batami Schneider, com o qual também tomou aulas particulares, aprendendo segredos e maneiras de ser de uma atriz. Nesse interim, enquanto tomava lições, aceitou a sugestão para mudar o seu verdadeiro nome, o que fez trocando-o para Piper Laurie.

No delírio de conseguir um «furo» na cortina dos estúdios, mexeu com os «pauzinhos», até ver satisfeito seu objetivo. Conseguiu que três grandes produtoras a submetessem a um teste... e depois a esquecessem. Contudo, o seu agente não «dormiu no ponto». Tanto pelejou que, ao cabo de algum tempo mais, fê-la penetrar pelo portão principal dos estúdios da Universal-International, cujos produtores se mostraram então interessados em sua figurinha viva, bonita e cheia de encantos. Isso, entretanto, não bastava. Precisavam vê-la sob outro aspecto. Antes de tomarem qualquer decisão, mandaram-na fazer um estágio com Sophie Rosenstein. Durante duas semanas, andou ela tomando instruções no Departamento Dramático, antes de ser chamada a se submeter ao teste tão ansiosamente esperado.

Após ter sido conhecido o valor do teste cinematográfico, Piper pulou de alegria. Enfim, o êxito estava próximo! Não demorou muito para que o primeiro papel lhe surgisse e, pela primeira vez, o seu nome fosse incluído no elenco de um filme. «Louisa» chamou-se êsse filme. De tal forma sua interpretação caiu no agrado dos diretores, que logo a seguir a incluiram no papel principal, ao lado de Donald O'Connor, de «O Leiteiro». Contudo, Piper sòmente veio a se firmar definitivamente no conceito da crítica e dos fãs na terceira e brilhante atuação que teve em «O Príncipe Ladrão». A consagração foi instantânea! Depois disso, outros papéis lhe foram entregues, sempre em escala ascendente, culminando com «A Espada de Damasco», o seu nono sucesso nos «sets» da Universal-International, no qual ela divide as honras estelares com Rock Hudson.

E assim vai Piper Laurie seguindo uma trilha luminosa, através do caminho da fama, tornando realidade os seus sonhos de criança, lembrando-se, por vezes, do tempo em que tudo lhe parecia inatingível.

Hoje, bem sente os bons resultados de seus esforços, sempre que algumas dezenas de cartas de fãs lhes vêm ter às mãos...

UM ESPETÁCLO...

(Conclusão da página 33)

dos especiais: o Sr. Heitor Moniz, diretor de CARIOCA, Murilo Berardo, Jaime Pinheiro e Orêncio Tinoco, presidente do Clube de Cinema.

Três foram os filmes inscritos no Festival e exibidos em Salvador: «Chamas do Cafezal», «Nem Sansão, nem Dalila» e «Carnaval em Caxias».

No que se refere ainda à delegação os nomes de Tônia Carrero, Marisa Prado, Dinah Mezzomo, Oscarito, Margot Louro e Miriam Teresa constavam da relação oficial. Êsses artistas foram realmente convidados, mas por motivo de fôrça maior deixaram de comparecer ao Festival.

A ORGANIZAÇAO LUIZ SEVERIANO RIBEIRO CONTRA A CRITICA

Uma das notas mais interessantes do Festival foi a mesa redonda realizada na Rádio Sociedade da Bahia e na qual tomaram parte vários artistas, diretores e críticos cinematográficos. A finalidade da «mesa redonda», ao que parece, era uma, mas terminou numa ofensiva da organização uiz Severiano Ribeiro contra a crítica cinematográfica.

Eis o que diz José Lewgoy, que foi, diga-se de passagem, uma das figuras centrais do Festival:

— Fui à Rádio Sociedade participar de um debate sôbre problemas do cinema brasileiro. Não foi sem surpresa que ouvi o Sr. Walter da Silveira anunciar o tema do debate, inteiramente diferente do que estava anunciado.

O fato é que inesperadamente a atriz Fada Santoro e o Sr. Carlos Manga, ambos da Atlantida, iniciaram pelo microfone da emissora em apreço uma veemente ofensiva contra a crítica cinematográfica, acusando-a de ser adversa ao cinema brasileiro. Os debates se generalizaram e os ânimos se exaltaram, sendo que Carlos Manga atacou nominalmente, dando às suas considerações um cunho nitidamente pessoal, o crítico Moniz Viana, do «Correio da Manhã», que é, entretanto, no consenso geral, uma das expressões de maior valor da crítica cinematográfica brasileira, um crítico inteligente, culto, probo e de grande honestidade profissional. Outro pessoalmente atingido foi Waldemir Paiva, a quem Fada Santoro recriminou haver dito, certa vez, que ela deveria deixar o cinema. Moniz Viana foi atacado na ausência. Mas Waldemir Paiva estava presente e retrucou:

— Pessoalmente Fada Santoro merece tôda minha simpatia e apreço. Mas como artista de cinema a verdade é que não teve ainda a oportunidade de revelar o seu valor. Ela é péssima.

A atitude de Manga e Fada foi muito comentada. Mas as palavras que um e outra proferiram tiveram maior repercussão pela circunstância de pertencerem os dois à Atlantida, sendo que Carlos Manga foi convidado para o Festival como representante pessoal do Sr. Luiz Severiano Ribeiro. Assim, é de considerar, salvo desmentido em contrário, que ela tenha expresso um ponto de vista da organização de que faz parte e do próprio Luiz Severiano.

FESTIVIDADES OFICIAIS

O Festival de Cinema realizado na Bahia foi promovido pela Associação Brasileira de Cronistas Cinematográficos, mas realizou-se sob os auspícios e com a ajuda do govêrno do Estado. No dia seguinte ao de sua chegada a Salvador a delegação foi recebida pelo Sr. Régis Pacheco, em audiência especial,

no Palácio da Aclamação. O prefeito da cidade, engenheiro Aristoteles de Góis, obsequiou a delegação com um grande coquetel que teve a presença de elementos destacados da sociedade baiana. Ao ser encerrado o Festival, o governador Régis Pacheco oferece nuà delegação um lauto almoço, que se realizou também no Palácio da Aclamação, estando presentes secretários de Estado, deputados, autoridades e pessoas gradas.

ISOLA-SE DO FESTIVAL A DELEGAÇÃO DA ATLANTIDA

O imprevisto sempre acontece... Em todos os festivais de cinema nunca deixa de haver incidentes, contra-tempos e qui-pro-quós. No Festival Internacional de São Paulo ocorreram muitos e rumorosos. No da Bahia os contratempos não chegaram a chocar o público, nem prejudicaram o êxito e brilhantismo da festa. Verificou-se, entretanto, que ao fim do Festival a «delegaão da Atlantida» separou-se do resto da delegação, isolando-se completamente dos demais componentes da mesma. Houve, aliás, uma excepção: José Lewgoy, que se manteve, até o fim, integrado ao Festival, do qual foi inegàvelmente a maior figura masculina.

A IMPRENSA BAIANA E O FESTIVAL

A imprensa baiana prestigiou inteiramente a iniciativa da A.B.C.C., publicando reportagens destacadas e fotografias dos participantes da Semana do Cinema Brasileiro.

Segundo o «Diário da Bahia», José Lewgoy, Marly Sorel e Emilio Castelar foram as figuras que centralizaram o Festival. «Todos os três são alvo dos mais entusiásticos aplausos em todos os lugares onde têm aparecido. Vêm, depois, as graciosas Fada Santoro e Ilka Soares e o galã Anselmo Duarte». Os demais jornais de Salvador não fizeram registro diferente. Para «A tarde», Marly Sorel foi «a primeira figura feminina da delegação». E para o «Diário da Bahia» a «estrêla» que conquistou o coração dos baianos».

O PRESIDENTE DA A.B.C.C. E O FESTIVAL

O nome de Joaquim Menezes não poderia ficar esquecido neste registro. Como presidente da Associação Brasileira de Cronistas Cinematográficos e presidente da Comissão Executiva Central de Festivais Brasileiros de Cinema nos Estados, recentemente fundada, êle foi o idealizador do certame de Salvador. A princípio sua iniciativa foi considerada um esfôrço vão e poucos acreditavam em que a Segunda Semana de Cinema Brasileiro viesse realmente a se concretisar. Entretanto Joaquim Menezes, com a sua persistência, o seu dinamismo e o seu entusiasmo, não desanimou um momento. Fez o Festival, proporcionou à Bahia um espetáculo gigantesco e prestou, mais uma vez, um serviço relevante ao cinema brasileiro.

A COOPERAÇÃO DO RADIO PARA O ÊXITO DO FESTIVAL

O rádio, como de costume, prestou a mais vallosa cooperação ao êxito do Festival. Dois radialistas faziam parte da delegação, Adolfo Cruz, representando a Rádio Nacional, e Manoel Jorge, representando a Continental. O serviço de ambos foi impecável e mereceu de todos as mais elogiosas referências. Manoel Jorge e Adolfo Cruz fizeram as apresentações dos artistas em suas exibições públicas. Por outro lado, tanto Adolfo quanto Manoel Jorge realizaram gravações dos principais acontecimentos da Semana do Cinema, tomaram depoimentos, entrevistaram os participantes do Festival, colheram impressões gerais.

OS ROMANCES DO FESTIVAL E O NOIVADO DE ROSANGELA

Em todo o Festival de Cinema há sempre romances... Isso é inevitável no Brasil e em tôda parte do mundo porque está na própria contingência das coisas. Apenas os romances da Semana de Cinema Brasileiro da Bahia não se revestiram de maior importância. Romances que não têm continuação e acabam por si mesmos.

Antes do Festival terminar foi anunciado, entretanto, o noivado de Rosangela Maldonado com o baiano Nilson de Oliva Cesar, um rapaz muito simpático a quem se chama na intimidade o Pixóxó. Todos em Salvador conhecem o Pixóxó e o estimam. O pedido em casamento foi anunciado a tôda a delegação e comunicado ao próprio governador por ocasião da recepção do Festival no Palácio da Aclamação.

A SEDE DO FESTIVAL

O Hotel da Bahia, imponente e majestoso, um dos mais belos do Brasil, foi a séde do Festival de Cinema Brasileiro na Bahia. Ali ficaram hospedados todos os membros da delegação. Para ali acorreu, durante os dias do Festival, uma multidão de fãs a procura de seus astros e estrelas preferidos. E houve mesmo aquela tarde, após a irradiação realizada na Rádio Cultura, em que o povo invadiu o Hotel, sendo preciso que a gerência do estabelecimento pedisse o auxilio da polícia para esvasiar as dependências repletas de fãs que se lançavam continuamente sôbre os artistas. José Lewgoy ficou todo rasgado e Marly Sorel com os braços arranhados. Os fãs avançavam para tocar os seus ídolos e levar para casa uma recordação, mesmo que fôsse um pedaço da camisa de Lewgoy ou do vestido da rainha.

SÉTIMA ARTE

(Conclusão da página 41)

nie pouco convence em Jean Valjean. Robert Newton, fraquissimo em Javert. Debra Paget, bonitinha apenas. Cameron Mitchell está com a cara de Burges Meredith. Sylvia Sydney reaparece em Fantine, com a "velha" dignidade. Robertson Justice, o Henrique VIII de "Entre a rosa e a espada", é o amigo de Valjean. Excelentes artistas completam o elenco. Elsa Lanchester, Edmund Gwenn, Joseph Wiseman. "O implacável é uma fita monótona, sem maior interêsse, realizada completamente fora do espírito da obra.

SHORT

(Conclusão da página 48)

Saibam todos que a "Livraria São José" apresenta tôdas semanas um escritor que autografa o livro que você comprar. Simeão Leal vai organizar as obras de Arthur Azevedo para as comemorações do centenário de nascimento do autor de "Vida Alheia". Os "Cadernos de Cultura" nos darão, na próxima semana, "Páginas de Humor e Humorismo". Trabalho do poeta Paulo Mendes Campos, que compendiou crônicas de autores nossos conhecidos.

A "Revista Branca" publicou, de Constantino Paleólogo, um ensaio sôbre "Machado, Poe e Dostoiewisky", e José Olympio mostra a "Coleção de José de Alencar". São treze volumes com os mais importantes trabalhos do suficiente Alencar.

O "Teatro Municipal" completou muitos anos, a senhorita Avany Moreira, completou alguns, o Sr. Nelson Quadros diretor da ("Manchete") não gostou de não encontrar na Bahia o cronista Paulo Pereira, e a conversa de que Jorge Ileli completou anos — foi baianada. Farei, um dia, um "short" baiano e, depois, mostrarei o "short das meninas".

Por agora, é só... "Short".

FIGURA VIVA

(Continuação da página 48)

precisamos bem o ano) êle já era chefe da seção de livros.

Antes de se tornar chefe da seção de livros — residiu no Palácio dos Campos Elyseos, por dois anos. Zé dormia no porão e comia na cozinha. Era grande amigo do copeiro-chefe, o japonês Maeda, que gostava do rapazinho, que o ajudava a moer café, e iam juntos ao cinema.

Quando seu padrinho deixou o govêrno do Estado, Zé também deixou o Palácio. Começou a morar em pensão. Também seu emprêgo já era melhor. Também já se notava alguma iniciativa e, certa vez, apareceram duas senhoras para comprar livros franceses Êle gentilmente lhes apresentou um romance e assegurou-lhes que havia sido publicado um mês antes, em Paris. Era o "Salambô", de Flaubert...

O rapaz foi lendo, aprendendo e conhecendo muita gente. Fez mais amizades e conheceu alguns fregueses ilustres: Paulo Prado, Antoninho Alcântara, Plinio Salgado, Mario de Andrade, Ceccillo Matarazzo, Washington Luiz e mais alguns outros. Em 1930, morreu Alfredo Pujou, seu amigo. Teve uma idéia: comprar sua biblioteca e vender os livros a retalho. Entretanto, precisava arranjar cento e cinquenta contos. Apelou para os amigos que tomavam vinho e foi surpreendido — conseguiu o dinheiro ! José Carlos de Macedo Soares foi o homem. José Olympio começou a vender os livros na própria casa da viuva. Em principios de 1932, nossa "figura viva" montava, na rua da Quitanda (São Paulo), 19-A, sua própria livraria, para aonde conseguiu levar também os seus fregueses.

Um ano mais tarde, o livreiro começa a editar. O Dr. José de Almeida Camar-

(Conclui na página 63)

JANTAR AS OITO

(Conclusão da página 6)

Hildas, vestidas com cinco vestidos diferentes.

— O preto — digo, por fim, cautelosamente. O preto é sempre apropriado.

— Eu pensara em pôr o «vilux rose» — replica.

— Então, põe-o.

— Mas não gosto muito da linha dos ombros. Quem sabe o verde claro ?...

— Sempre te disse que te ficava bem.

— Mas não achas que me engorda muito ?

Replico que nunca ouvi disparate maior. Nada, acrescento sorrindo, poderá fazer minha elegante Hilda parecer menos esbelta.

— Creio que porei o azul turquesa... — murmura, pensativamente.

— Não importa o que ponhas — replico, tendo chegado ao limite minha paciência — contanto que ponhas algo e saiamos de uma vez.

Compreende imediatamente que devia ter procedido com mais tato. Hilda está ofendida.

— Oh ! — exclama. De modo que não te importa como me vista quando saio contigo !

Defendo-me, argumentando que acho que seja qual fôr o vestido que ponha está sempre linda.

— Penso — diz com calma perigosa — que se fôsse Eliane que te pedisse uma opinião sôbre o assunto terias uma infinidade de sugestões...

Isso é monstruoso. Falso. Decido pois falar razoavelmente.

— Bem, querida — começo e não vou além.

— Não me venhas com «querida» ! — exclama, furiosa.

— Pois não, querida, não te chamarei mais de «querida», se isso te aborrece. Mas — acrescento — considerando que há mais de três semanas sabias que tinhámos êsse jantar hoje às oito horas com os Powder, podias ter escolhido o vestido que ias pôr e estar pronta mais cedo...

Hilda diz que sou um idiota presunsoso. Mas há pessoas — diz com tom de despeito — que, por pouco que pareça, trabalham o dia todo. Há pessoas — continua — que não podem dar-se ao luxo de ficar sentadas horas e horas girando os polegares.

Percebo que é uma indireta para mim, mas como não posso relacioná-la com nenhum fato concreto, acho melhor silenciar. Suspiro.

— Põe o vestido que quiseres, querida — digo. Espero-te lá em baixo.

Faltam agora dez para as oito. Ando de um lado para o outro, nervoso. Resolvo subir.

Hilda pôs o vestido «vieux rose».

— Oh ! — exclama. De modo que deixaste de resmungar ?...

Finjo que não ouço. Digo que está muito bem com aquêle vestido e que me sinto orgulhoso de ter uma espôsa tão bonita. E não só digo como sinto isso. Animo-me a perguntar, com minha voz mais doce, se já está pronta.

— Só falta pentear-me — diz.

Sento-me na cama e fico vendo-a pentear-se. Nenhum dos dois fala. Por fim:

— Gostas dêsse penteado ? — pergunta, olhando-me pelo espêlho.

Apresso-me a dizer que está lindo. Comparo-o, favoràvelmente, está claro, com o que Ava Gardner trazia num filme que vimos dias atrás.

Mas Hilda não se sente lisongeada.

— Pelo menos podias olhar-me com mais atenção ! — protesta.

Evidentemente, espera que eu descubra alguma pequena imperfeição.

— Há uma machazinha solta — aventuro — do lado esquerdo...

— Ah ! — exclama triunfante. Viste ? Pareceram-me.

Logo desmancha o penteado e faz outro exatamente igual ao primeiro.

Digo então, audaciosamente, que êsse está muito melhor.

Passa a outro problema.

— E agora, que meias porei ?

Depois de uma busca prolongada em três caixas, levanta alternadamente quatro pares contra a luz, comparando-os com a côr do vestido. Voto pelo último, porque é o que ainda está em suas mãos.

Com lentidão irritante, põe as meias. Digo-lhe que tem umas pernas lindas.

— Oh, os homens ! — replica com uma intonação especial.

Pergunto a mim mesmo se teria preferido que eu dissesse que tinha pernas feias, quando a ouço esclamar: — Maldição !

A palavra é estranha em seus lábios. Parece que enquanto prendia a jarreteira à meia, escapou um fio.

Com mais cuidado e lentidão maior, tira-as. Escolhe outro par e calça-o.

— Pronto ! — exclama, esperançado. Estás linda !

Mas fui um tanto prematuro.

— Como podes dizer que estou linda com essa cara ? — grita aborrecida. Se ainda não me maquilei !... — e inicia a operação. — Mas, como não te importa que eu saia de qualquer jeito, vou fazer uma maquilagem sumária.

Fico a conjecturar o que aconteceria se realmente se dedicasse com vontade à tarefa. Está dispondo sôbre a penteadeira uma infinidade de batons, pós e carmins. Há uma cuidadosa seleção de côres, seguida por uma seleção não menos cuidadosa de densidades.

As pinturas escolhidas são aplicadas cuidadosamente. Há agora a esperança de que dentro de segundos partiremos rumo à casa dos Powder.

Mas, talvez me mostre demasiado otimista. Hilda lembrou-se das unhas. Os apetrechos de maquilagem afundam numa caixa e surgem em seu lugar cinco vidros de esmalte de tons variados. Nos tons, do mais claro ao mais intenso, estão os cinco frasquinhos enfileirados. Hilda pinta a unha do dedo mínimo com o esmalte do primeiro vidro, a do dedo anular com o do segundo, a do médio com o do terceiro e assim sucessivamente. Logo tem as cinco unhas pintadas, cada uma com uma côr diferente. O efeito é espetacular, mas não sem atrativo.

Parece-me uma lástima quando tira as quatro côres e se resolve por um tom, e digo-lhe. Replico que eu não seja sarcástico.

— Agora — diz — só faltam os últimos toques.

Umedece o indicador na saliva e passa-o nas pestanas. Põe perfume e escolhe um lenço. Abre o armário, retira de dentro o casaco de pele e coloca-o cuidadosamente sôbre os ombros.

Agora está pronta. Parece haver a possibilidade de que não cheguemos com mais de quarenta e cinco minutos de atraso. Detém-se para dirigir um último e implacável olhar prescrutador ao espêlho. Eu também o olho, admirando o triunfo dessa paciente combinação de arte e natureza. E convenho em que a espera valeu a pena.

Não obstante, consulto meu relógio de pulso.

— Que espantalho ! — exclama, convencida.

Não digo uma palavra. Não me atrevo a abrir a bôca. Tenho medo, um medo horrível de que resolva voltar e recomeçar do princípio, como fêz com o penteado. Mas, de repente, encolhe os ombros e joga a cabeça para trás, embora muito suavemente para não despentear-se.

— Ah, agora fica assim mesmo ! — diz. Enfim, são só os Powder. Felizmente que não vamos a nenhum lugar importante !

Pela única vez, esta noite, estou de acôrdo com ela.

HISTÓRIA DOLOROSA...

(Conclusão da página 7)

de Max, e que se pôde observar naquela ocasião, foi quando Frances expôs seu enxoval, por três dias, para que as amigas o admirassem. No último dia, Max apareceu em casa da noiva, com uma valise. Abriu-a e começou a estender num sofá da sala de visitas os pijamas, camisas e demais peças... É fácil imaginar a impressão que isso causou.

— Tomaram como uma brincadeira ?

— De mau gôsto, em todo caso — replicou o Dr. Vieli. Bem. Uma vez casados, vieram as visitas de agradecimento, novas apresentações, ressentimentos, pessoas que não o cumprimentavam na rua, partidas de bridge, incidente desagradáveis, pois o Sr. rperesentante da British Machinery Company detestava o Sr. Villatonga. A família viajou para a Europa e êles ficaram. Depois, nasceu uma criança. Então, Max não tinha mãos a vencer. O telefone não dava sossêgo. Eram pessoas que queriam saber se era menino ou menina. A casa de saúde ficava repleta, de tias, amigas e amigos de Frances. Max era uma verdadeira máquina de frases polidas, de cumprimentos, de amabilidades. Veiu a seguir o batismo, a festa, a distribuição de cartões e medalhinhas a cada um, segundo a categoria, e depois, as visitas os chás, os jantares e bailes...

Poucas semanas depois, Max caiu doente. Uma hérnia. Frances disse que era melhor não dizer a ninguém que era hérnia e, sim, apendicite. Max tinha que narrar vinte vêzes no dia tôda uma história sôbre seu apêndice. Operaram-no. Os amigos, parentes e conhecidos acorriam às dezenas à casa de saúde. Debilitado, com febre, aturdido, Max ouvia o zum-zum dos conselhos, das exclamações, das sugestões, dos bons prognósticos e das dúvidas, o abrir e fechar de pacotes, o ir e vir pelo quarto de pessoas silenciosas. Quan-

do acontecia ouvir alguém dizer, por exemplo: "Voltarei logo mais à tarde", erguia-se agitado, sentava-se no leito, olhar febril, apavorado. Aumentava-lhe a febre. Uma tarde, soltou um brado, que veio interromper o murmúrio das visitas.

— Por que não veio? Por que a Sra. Santon não veio? Por que? Por que? Por que? — exclamou, sentando na cama e jogando ao chão, violentamente, tudo que estava em cima da mesinha de cabeceira.

Chamaram o médico. Injeções, banhos, nada. Max já não falava senão sôbre as visitas, enfurecendo-se quando não apareciam. Como era de supor-se, ninguém mais aparecia. A loucura de Max tornara-se perigosa, e aqui o tem você... Felizmente, a doença já estacionou e geralmente se mantém calmo. Passa o dia deixando cartões nos quartos dos outros doentes, convidando-os para tomar chá, jogar bridge, organizando bailes e recepções, sempre de casaca, amável, sorridente, polido... Ah, mas cuidado que um louco não lhe retribua a visita ou lhe deixe o cartão. Então, é preciso amarrá-lo.

— E como o faz? — perguntei, admirado.

— O pessoal já está a par e se encarrega dessa tarefa.

— Cuidado, cuidado... — pensava, de volta para casa. Amanhã tenho uma recepção em casa dos Torres.

FESTA DE...

(Conclusão da página 15)

Cartas grandes, extensas, iguais
Ao meu grande sofrer

(Refrain)

Cartas d'amor
Quem as não tem?
Cartas d'amor
Pedaços de dor
Sentidas d'alguém
Cartas d'amor
Andorinhas
Que num vai vem
Levam bem
Saudades minhas
Cartas d'amor
Quem as não tem?

Porém de ti
Nem sequer uma carta d'amor
Uma carta vulgar recebi
Pra acalmar minha dor
Mas mesmo assim
Eu pra ti não deixei de escrever
Pois bem sabes que tu para mim
És todo o meu viver.

ADEUS!

Fado-marcha de Raul Ferrão e José Galhardo

Meu amor na vida
Sem vida eu vivo aquí
Desde que a partida
Meu Zé fiquei sem ti
Bem peço aos retratos socorro
São mudos ingratos
Vem tu se não morro

Nem mesmo a saudade
Me traz consolação
Quero a uma verdade
Não quero a uma ilusão
N'alma ainda me doi
Meiga a tua voz
Quando o barço foi tão mau pra nós

Adeus!
Não afastes os teus olhos dos meus
Até quando ao longe a bruma .. ....
A pairar me consuma entre as ondas [do mar
E o céus

Adeus!
Não afastes os teus olhos dos meus
Dá-lhes carinhos
Que partem ceguinhos
D'amor pelos teus

Adeus! Quem sabe alma querida?
Adeus! Se é por toda vida?

Adeus! Não afastes os teus olhos dos [meus
Dá-lhes carinhos que partem ceguinhos
D'amor pelos teus
Adeus!

SEU DESTINO...

(Conclusão da página 23)

se submeteu com o fito de se determinar a sua fotogenia diante das câmeras. «Lorna Doone» foi o filme que primeiro trouxe o seu nome no elenco. Embora fazendo uma «pontinha», esta bastou para lhe assegurar a continuidade e, por conseguinte, a garantia de um sucesso sempre crescente. A sorte, aliada ao seu talento de atriz, muito influiu para que a garôta ràpidamente alcançasse o climax de sua carreira — a fama. Graças a êsses dois fatores, não demorou a se ver contratada. Logo a seguir, desempenhou o seu primeiro papel como «estrêla» de verdade, no filme «The Stars Look Down». O êxito foi completo! Daí por diante, fez «Quiet Wedding», «Night Train to Munich», «Dear Octopus» e alcançou consagração definitiva em «The Man in Grey». Em pouco tempo, tornava-se o maior cartaz feminino da Grã-Bretanha e a «estrêla» campeã de bilheteria.

Aconteceu, porém, que, quando sua popularidade chegou ao ponto mais alto, um hiato se verificou em sua carreira cinematográfica. E' que, como os estúdios não lhe fornecessem papéis à altura do seu real valor, preferiu retornar à ribalta, até que alguém, conhecedor do seu verdadeiro talento, a fôsse «descobrir» novamente, por certo, não estava fadada a permanecer no ostracismo durante muito tempo. Uma pequena ausência das télas não bastaria para que os fãs esquecessem aquela que, durante três anos consecutivos — 46, 47 e 48 — lograra encabeçar a lista de quase todos os concursos promovidos para a eleição da «estrêla» mais popular da Inglaterra.

Finalmente surgiu o homem de «ôlho clínico», aquêle que viu realmente muito além da sua beleza radiante. O responsável pela sua volta às câmeras foi o produtor-diretor Herbert Wilcox, que conseguiu convencê-la a satisfazer os milhões de pedidos dos fãs. Para isso, Wilcox ofereceu-lhe o principal papel feminino em «Torturada Pela Paixão» (título português de «Laughing Anne»), no qual Margaret tem uma forte atuação, ao lado de Wendell Corey e Forrest Tucker.

Tendo-a prêsa sob contrato, o produtor Herbert Wilcox pretende usá-la em vários tipos de papéis, todos de primeira grandeza, sendo que, para comêço dos planos prèviamente traçados, já a incluiu como «leading-lady» de «O Vale da Esperança» (Trouble in the Glen») uma produção inteiramente filmada entre as belas paisagens da Escócia.

Como vemos, parece que Margaret Lockwood encontrou agora quem lhe desse o merecido valor, assim como a fizesse crer que o seu destino pertence mesmo ao cinema...

VARIEDADES MUSICAIS

(Conclusão da página 39)

a valsa de Adrian Flores, "Alma, coração e vida", em versão de Wilson Batista, e o baião de Pancho e Panchito, "A Moreninha". O conjunto de Nozinho acompanha-o na face "A", enquanto que, na face "B", o Ritmo de Lucca resolveu meter o nariz onde foi chamado...

—:—

Gostamos imensamente do recente disco do solista de sax-tenor, Moacyr Silva, que apresenta, em suas faces, o sucesso internacional de Robert Mellin e Lotar Olias, "You, you, you" (muito sugestivo para as festinhas caseiras), e o chôro "Cativante", de Carlito. Contudo, "Você, você, você" é que está com às ordens!

—:—

"That's amore", um dos êxitos do momento, e que faz parte do "score" musical do filme "Sofrendo da bola", com a dupla-coqueluche do momento (Jerry "Biruta" Lewis e Dean "Folgado" Martin), foi gravado, também, por Orlando Silveira e seu Conjunto, de modo satisfatório. Completando o disco, o fox "Pretend" — outro sucesso do momento.

SOFRE DO ESTOMAGO?



Se tem úlcera gástrica ou duodenal (inclusive úlcera crônica), dispepsia gastro-intestinal, gastralgia, azia ou outras enfermidades do estômago ou do intestino, e vem experimentando vários remédios, sem melhoras satisfatórias, apenas com a famosa fórmula holandesa SALICILATO DE BISMUTO COMPOSTO VAN ROOSMALEN (8 sais minerais, em pó), você mesmo obterá cura completa. Milhares de curas já realizadas, comprovadas com radiografia. Desejando certificar-se, peça-nos provas.

LABORATORIOS VAN ROOSMALEN DO BRASIL LTDA.
Rua Paulino Fernandes, 32 - Botafogo - Rio de Janeiro. T. 26-1072
Procure nas drogarias e farmácias. Atende-se pelo reembolso postal

LUCIO ALVES...

(Continuação da página 13)

Lua". Desfeito êste, Lucio, em 1947, com vinte e um anos, cantou em Havana e nos Estados Unidos, como solista dos "Anjos do Inferno". Em agôsto e setembro do ano pretérito, cantou na Rádio Esplendid, de Buenos Aires, onde seu êxito se avalia pelo que escreveu a revista "Antena", em sua edição de 4 de agosto; "Poucas vezes o público argentino tem consagrado uma figura como o fez nesta oportunidade com Lucio Alves". Mais no "Quadro de Honra" da conceituada revista "Sintonia", obtinha a nota máxima do mês, distinção de que pode orgulhar-se qualquer artista. Recentemente, esteve na Rádio Carve, em Montevidéu, e no Cassino San Rafael, em Punta del Este.

Em agosto, se a Rádio Nacional lhe conceder permissão, como espera, iniciará uma temporada no exterior, cantando na Argentina, Uruguai, Espanha e França, devendo regressar em fins de janeiro de 1955. Só em Buenos Aires deverá permanecer dois meses.

NÃO CONCORDO

Não acho procedente a crítica que me fazem de cantar à moda americana. A harmonia é universal e de todos. Como cantar, hoje, com a técnica ou sensibilidade de ontem? Repare: do Ford de "bigode" chegamos ao Cadillac e, mais, foram os americanos os primeiros a difundir a "nova harmonia".

"EU ASSINARIA"

— Quais as músicas da autoria dos outros que gostaria de assinar?

— "João Valentão", de Caymmi, e "Chão de Estrêlas", de Orestes Barbosa.

"NADA TENHO COM VERA LUCIA"

Andaram propalando que Lucio e Vera Lucia estavam de amores. Uma revista chegou a insistir no assunto. A propósito, Lucio esclarece:

— Noticiaram um romance que não houve. Sou, apenas, colega de Vera. Ou será que é proibido a gente ter colegas?

Tomamos o último gole do uisque e já íamos saindo quando Lucio alteou a voz:

— Não esqueça de dizer que canto também na Mayrink.

VALE A PENA...

(Continuação da página 21)

ca produção. Naturalmente que, por serem ainda desconhecidas, seus nomes não figuram em primeiro plano. Mas é assim que as coisas começam. Basta uma vez, e pronto! Daí, bem pode surgir uma oportunidade para o estrelato.

E, a propósito, vale a pena assinalar a presença de um grupo de garotas modelos numa comédia musical, o tão falado filme de Jane Russell, "Um Romance em Paris" ("The French Line"), em tecnicolor, dirigida por Lloyd Bacon. Vejam as fotos destas páginas e nos digam se não sairá dentre elas alguma "estrêla" do futuro!

DIAL...

(Continuação da página 52)

port. com maiores de Minas, P. Alegre, S. P. e Fortaleza; R. João Pessoa, 111. Cruz Alta — Rubem Kampff, 32 anos, gurda-livro e encadernador manual, com profissionais da encadernação de livros, do Br. e exterior; R. Joaquim Pedro Soares, s/n. Novo Hamburgo— Iolanda Silva, 18 anos, normalista, com maiores; R. João Pessoa, 471, Rio Prado — Jane Ribeiro e Marisa Duarte, 28 e 26 anos, comerciárias; R. Prudente de Morais, 262, e R. Barão de Santa Tecla, 415, Pelotas — Elva Simões, 18 anos, estudante; R. 7 de Setembro, 1.367, Cachoeira do Sul.

MATO GROSSO — José Shakespeare, 25 anos, motorista, com estudantes; C. Postal 424, Campo Grande.

QUANDO...

(Continuação da página 29)

em três atos", no teatro Regina, com a interpretação de Ludy Veloso e Armando Couto; Uma "reprise" de "Daqui não saio", com Mme. Morineau e os contratados de Carlos Brand, sendo também apresentada a comédia-farsa "Mulher do diabo". Ambas as peças foram montadas no teatro Carlos Gomes. Outro espetáculo foi a apresentação de "Uma certa viuva", no teatro Regina, com a atriz Dercy Gonçalves e sua Companhia, e, finalmente, o espetáculo bem brasileiro e notàvelmente divertido — a peça de Teofilo de Vasconcelos e Silveira Sampaio, "Sua Excia., o Ministro em 26 poses". Como original brasileiro, é vitorioso em tôda a linha, mesmo sendo pràticamente a única obra encenada nesta cidade, onde se faz pouquíssimo teatro. É verdade que tivemos "A cartomante", interessante estudo de um personagem, apenas.

Há ainda que ser mencionada a visita que nos fêz o Teatro de Arena, que nos mostrou duas interessantes peças (estrangeiras), em magnifica interpretação e adaptação para o gênero (arena) e que falaram bem alto de um teatro de cultura.

A Companhia Dulcina-Odilon, no princípio dêste ano, no seu teatro Dulcina (ex-Regina), deu ao público carioca "Os inocentes".

Eis uma síntese do teatro da primeira metade de 1954. Muita coisa, é verdade, mas quase nada importante. As traduções predominando, os teatros de revistas pouco sugestivos e nada de novo para a outra metade do ano, até agora.

Como extra profissional, podemos anotar a estréia do teatro Duse, em Santa Teresa. Ali foi montada a primeira peça — "Lampião", em muito boa apresentação, embora num minúsculo palco. O teatro-laboratório de Pascoal Carlos Magno (ou o teatro Vestibular, como o chamamos) continúa a ser um templo de Talia e um fornecedor de bons artistas para o Teatro Nacional.

Para os cinco meses restantes do presente ano de 54, esperamos coisas bem melhores, nesse precioso setor artístico — que é o Teatro.



Completa no dia 21 do corrente, o primeiro aniversário natalício o interessante Idílio, filho do casal Vitória Paiva Dias e Arlindo Miragaia Dias, elementos da melhor sociedade de São Paulo. Em regosijo à data, oferecerão em sua residência uma recepção ao amplo círculo de amizades.



Transcorreu no dia 24 próximo passado o aniversário natalício da graciosa menina Regina Helena de Souza, filha do Sr. Waldir de Souza, alto funcionário do Ministério do Trabalho, e de sua espôsa, Sra. Nazareth de Souza. Por êsse motivo, seus pais ofereceram uma animada festa, acompanhada de uma linda mesa de doces, às suas coleguinhas e parentes. Na foto, uma pose de Regina no dia de seu aniversário

DR. JOSÉ DE ALBUQUERQUE
Membro efetivo da
Sociedade de Sexologia de Paris
DOENÇAS SEXUAIS DO HOMEM
Rua do Rosário, 98 — De 13 às 18 hs.
Rio de Janeiro

PERGUNTE O QUE...

(Conclusão da página 55

ROSINHA — Campinas — Os filmes de Dennis Morgan são os seguintes: "Suzy", "Quando Cúpido quer...", "Ziegfeld, o Criador de estrêlas", "Melodia da metrópole", "Sejamos chics", "O terror do cáis", "Regimento heróico" "Fogo nas veias", "Anjos da terra", "Gente sem medo", "Kitty Foyle", "O segrêdo do morto", "Kisses for Breakfast" (fita que não sei se foi exibida no Brasil), "Volta para mim", "Três homens máus", "Nascida para o mal", "Corsários das nuvens", "Asas da Vitória", "É difícil ser feliz", "A canção do deserto" (segunda versão do assunto), "Graças à minha boa estrêla", "Um sonho em Hollywood", "Pensando sempre em você", "Melodia do amor", "A mão que nos guia", "Indiscrição", "Entre dois corações", "Um trono por um amor", "Um sonho e uma canção", "O covil do diabo", "Minha rosa silvestre", "Ninho de abutres", "Dois aventureiros do Texas", "Recordações de ontem", "Mademoiselle Fifi", "Até parece mentira", "Duas almas, dois destinos", "Linda embusteira", "Escrava da cobiça", "Garotas e melodias", "A tragédia de meu destino" e "O rincão das tormentas". O endereço de Dennis é Warner Bros-Studios, Burbank, Cal. USA. Use o título original "Cattle Town". Sim, o verdadeiro nome do ator é Stanley Morner. Aliás Dennis trabalhou com êle nos cinco primeiros filmes em que apareceu. Não me consta que tenha perdido a voz...

★

ARZELINA — S. Paulo — Dick Powell fez os seguintes filmes com sua primeira espôsa — Joan Blondell: "Que semana!", "Colleen, a modista", "Mulheres e música", "O gondoleiro de Broadway", "Caprichos de estrêla", "Cavadoras de Ouro de 1937", "Mania do divórcio" e "Espôsa modêlo". Com sua atual espôsa, June Allyson: "Como ganhar um marido" e "Por um amor".

★

FAN DE B. S. — Filmes inéditos de Barbara até o momento em que lhe respondo, existem oito: "Sangue da terra" (Blowing Wild), com Gary Cooper mais uma vez; "The Moonlighter", novo filme com Fred Mac Murray (êste em terceira dimensão), "Náufragos do Titanic" (Titanic), "All I Desire", com Richard Carlson; "Executive Suite", com William Holden; "Witness To Murder", com George Sanders; "The Bandits", "western" com Edward G. Robinson; e "Cattle Queen of Montana", outro "western", ainda em filmagem, fotografado em "Superscope". Não há mais esperança de reconciliação com Robert Taylor. Êle casará com Ursula Thiess.

Culinária



Por H. R. BARROSO

FILETS DE LINGUADO

Tome alguns linguados, ou na falta dêstes 1 1/2 quilos de peixe fino e tire 12 bons filets. Lave bem com escova, umas 25 ostras, deite em uma panela com um pouco de água, sal, uma pitada de pimenta do reino, 1 xícara de vinho branco e leve ao fogo. Assim que elas se abrirem retire do fogo, tape a panela e guarde. Enrole os filets, amarre com linha, deite em uma vasilha esmaltada, cubra com o caldo das ostras depois de coado, tape com um prato e leve ao fôrno por 8 minutos. Cozinhe 1/2 quilo de camarões quase sem água, descasque e guarde. Tôste 1 colher de sopa de manteiga com 1/2 de farinha, junte o môlho dos filets, o dos camarões e 3 gemas. Deve ficar como crême ralo. Coloque os filets em pé no centro do prato, retire as ostras das conchas, junte os camarões e ponha no môlho, despejando êste sôbre os filets. Ao redor faça uma cercadura de batatas avelãs.

BATATAS AVELÃS

Descasque 2 quilos de batatas grandes, tire com a colher redonda de ferro (colher especial que existe de diferentes tamanhos), batatinhas do tamanho de avelãs e deite n'água fria. Quase na hora de jantar, leve as batatinhas a cozinhar n'água a ferver com sal durante alguns minutos apenas, a fim de não se desmancharem, escorra e regue com manteiga.

COSTELETAS DE CARNEIRO

Leve ao fogo forte uma frigideira com 2 colheres de manteiga e aí frite 12 belas costeletas bem arregaçadas. No fim de 5 minutos a parte de baixo deve estar corada. Retire as costeletas do fogo e arrume num prato com a parte frita para cima. Escorra os champignons de 2 latas e coloque uns 4 sôbre cada costeleta. Faça um crême grosso com 1 colher de manteiga, 1 de farinha e 1 xícara de leite. Deite um pouco sôbre os champignons, polvilhe com queijo, regue com um pouco de manteiga derretida e leve ao fôrno por uns 5 ou 7 minutos.

SALADA DE QUIABOS

Tome quiabos compridos e bem tenros, corte as pontas e as cabeças e leve a cozinhar em água e sal. Depois escorra tendo o cuidado de não esmigalhar. Deixe esfriar na saladeira e regue com 2 colheres de azeite, 1 de vinagre e sal.

MEIA LUA

Dissolve-se 1 tablete de fermento Fleischmann com 1/2 xícara de água morna, juntam-se-lhe 1 xícara de farinha de trigo, 1 colherinha de açúcar e 1/2 colherinha de sal. Bate-se tudo muito bem, a massa deve ficar uma pasta bem mole. Deixa-se descansar durante duas horas em lugar quente.

Deitam-se no mármore 500 g. de farinha de trigo, juntam-se-lhe o fermento, 1 ovo, 1 colherinha de açúcar, outra de sal e 1 colherinha de banha. Amassa-se bem com 1 xícara de leite môrno. Guarda-se em lugar quente para crescer, até dobrar o volume. Em seguida polvilha-se o mármore com farinha e abre-se a massa com o rôlo na espessura de 1 cm., passam-se sôbre esta 100 g. de manteiga. Dobra-se em três e torna-se a abrí-la e assim se faz mais três vezes. Depois abre-se na espessura de 1/2 cm. e cortam-se quadrados de 9 cms. e êstes em triângulos em diagonal e dá-se-lhe a forma de meia lua. Deitam-se em bandeja polvilhada com farinha e deixam-se crescer durante 2 horas. Levam-se a assar em fôrno quente.

Podem-se enrolar os triângulos com presunto passado na máquina e amassado com manteiga.

Servem-se quente no lanche.

MOUSSE DE MORANGOS

Limpam-se e lavam-se 2 xícaras de morangos, amassa-se e passa-se em peneira. Bate-se bem 1 1/2 xícara de creme de leiteria. Mistura-se 1 xícara de açúcar à massa dos morangos e vai se adicionando o crême de leiteria já batido, batendo sempre. Deita-se numa tigela e vai à geladeira.

VOUGAT

1/2 quilo de açúcar, 4 claras, sem bater, 2 xícaras d'água, 2 colheres de mel. Mistura-se bem e leva-se ao fogo até dar ponto de bala, retira-se do fogo, bate-se um pouco e junta-se um pires de amêndoas, peladas, torradas e picadas. Despeja-se sôbre uma fôlha de hóstia cobre-se com outra e corta-se em fatias.

"FILOMENA"

(Conclusão da página 26)

— Boa noite — saudei-o. Como está passando o senhor? — Não obtive resposta e prossegui: — Não se lembra mais de mim? Acabo de chegar da cidade e já vim cumprimentá-lo e perguntar-lhe por "Filomena". Não voltou a saltar a cêrca da quinta do hotel?

— Entre — murmurou o ancião, abrindo um pouco mais a porta do rancho.

— Obrigada — disse-lhe. Mas tenho muita vontade de ver "Filomena".

— Então, venha por cá

Acompanhei o velho até o fundo do terreno, olhando sempre para o chão para não tropeçar.

— Olhe! — disse com orgulho, apontando para a frente.

Ao procurar ver na semi-escuridão, dei com uma vaca, cuja cria nos observava com seus grandes olhos úmidos, enquanto se apertava aos flancos de mãe.

— Oh! — exclamei, avançando em sua direção. — Êsse bezerrinho é de "Filomena"?

— Sim, pois. Dela. Que o cuida dia e noite. Para ela não existe mais nada que êsse animalzinho. Esqueceu-se de saltar a cêrca da quinta... e também de mim.

Não soube que responder, e, acariciando o bezerrinho, que se esquivava com certo receio, disse:

— E' muito bonito. O senhor tinha razão quando me disse que "Filomena" mesma se prenderia...

O velho Roque não disse nada e eu compreendi que chegava outra vez o fim da minha visita.

— Felicito-o — murmurei — como se se tratasse de um neto, e voltei sôbre meus passos. Ao chegar à cancelinha, encontrei um rapaz que gritava do outro lado:

— Papai! Papai!... Onde está?

O velho correu para êle, balbuciando:

— Filho!... Filho!... — E abraçaram-se.

— Voltei, papai — disse o jovem, após uma pausa longa em que os dois homens se contemplaram profundamente. — Mas venho acompanhado. Vá até à estrada e veja o que lhe trago...

Do velho carro de boi, uma jovem descia cuidadosamente com uma criança nos braços.

— Êste é seu neto. Beije-o, papai — pediu o filho com doçura.

O ancião tomou-o em seus braços trêmulos e acariciou-o com ternura.

Quando me despedi do ancião, êle sorriu feliz.

— Não vê? — disse. E' preciso ter paciência. Esperar que êles mesmos se prendam...

HOMERO MARQUES...

(Conclusão da página 31)

leitores, a futura Sarah Bernhard (?). Maria, «nurse» de Carla Nell, que é uma «novidade». Maria vem tôda faceira, com a bandeja coberta de copos de refrescos. Chamou-nos a atenção o seu penteado: puxado para cima, com dois «pega-rapazes» de cada lado. Maria explica, com certa vaidade, que quem lhe ensinou a fazer aquele penteado fôra Ivana, o «travesti» mais famoso ora em cartaz. Agradecemos os refrescos. Maria promete voltar dentro de momentos com o cafézinho e o bôlo que ela mesma preparou para a reporter.

Maria é amiga de todos os reporteres especializados em teatro. Conta que Matos Pacheco vai arranjar-lhe «lugarzinho» no Teatro Brasileiro de Comédia. Será, Maria?

*

Onde estávamos, mesmo. Ah! Homero dizia que confiava, desconfiando. É isso.

— Pois é. No dia seguinte, fui doido pra Rádio Bandeirante. Não era piada, não. O homem me recebeu e prometeu salário formidável! Acontece que êle não ficou muito tempo na Bandeirante, indo logo depois, para o lugar dêle, o Nicolini, meu particular amigo. Êsse, porém, a primeira coisa que fez foi reduzir meu ordenado para metade, pois o achou absurdo: 600 mil réis! Conformei-me e incontinente eu havia conquistado a amizade e a confiança de José Nicolini e passando até a substituí-lo durante sua ausência. Estabilizei-me, portanto, no rádio.

Minha vida tomava outro rumo, sem dúvida alguma. Minha atividade era absoluta: «fazia» o fanho, da famosa «Família encrencada», ao lado de Walter Forster, Pagano Sobrinho, e outros tantos, escrevia «sketchs», redigia, se necessário, textos de propaganda, enfim, «pau pra tôda obra». Com isso, e por isso, já grande amigo de Nicolini, acompanhei-o na sua ida para a Cultura. Na vida de todos nós, porém, há sempre um «rabo-se-saia» a nos danificar a existência.

— Você acha que a mulher só danifica a existência dos homens?

— Nem tôdas, é claro, mas essa, foi um «desastre». No duro, que foi.

— Continue, com sua história, Homero.

— Pois é. Foi um tremendo desgosto por que passei, não me permitindo ficasse em São Paulo, pelo menos por algum tempo. Fui para Santos. Lá cantei em «cabarets» os mais réles e consegui (sem falsa modéstia) melhorá-los todos. Tanto que o diretor do Cassino Atlântico, ao saber de minha existência, me levou sem demora para lá. Nessa época foi que gravei meu primeiro disco: «Na onda do frêvo» e «Sonhei que estava em Pernambuco». O dono de uma emprêsa que acaba de ser criada, a Elite, convidou-me para dar um pulo ao Rio, onde eu deveria gravar, e surgiu daí nova fase em minha carreira. Fase de maior responsabilidade que renova sempre as emoções do cantor por ouvir a si próprio a cantar nas casas de discos ou em emissoras a cujo elenco êle não pertença, e a quase necessidade de cada gravação redundar em sucesso. Tornei a São Paulo e passei a integrar o «cast» da Rádio América. Mas, «financista» como sempre fui, tendo melhor proposta para a Piratininga, não hesitei em aceitá-la.

GRANDE CARTAZ DA RÁDIO NACIONAL DE S. PAULO

Atualmente, Homero Marques abrilhanta vários dos mais simpáticos programas da Nacional paulista. Podemos ouvi-lo com prazer tôdas as terças-feiras, às 20,30 no explêndido programa de Gaó. Às quintas-feiras, também no mesmo horário, é no programa de Guerra Peixe, que êle se apresenta, e, além de outros tantos horários, ainda temos um todos os sábados, às 21 horas.

— Homero, iamos esquecendo de perguntar a você quais as suas gravações que você considera de maior sucesso?

— «Mulher rendera», que canto no filme «O Cangaceiro», «Feiticeira», «Um lugar ao sol», «Tu solo tu», e «Floresta de chaminés», de autoria de Luiz Antonio, e «Salve a terra da garôa», de Campos Filho e Newton Teixeira. Aliás, esses dois últimos são novidades. As duas últimas gravações minhas.

MARIA, OUTRA VEZ

Lá vem Maria, bamboleante, mais parecendo «marron glacé» do que propriamente Maria. Tôda catita no seu vestido de linho azul-marinho, ela sobraça outra bandeja, agora cheia de xicaras de fina porcelana, e o gostoso bôlo feito por ela mesma.

Pedimos à Maria que tirasse fotos com os artistas entrevistados, e ela apressou a vestir o guarda-pó, amarrar pano na cabeça e desmanchar os «pega-rapazes» que atingiam à metade de suas rechonchudas faces. «E' que não quero parecer patrôa», — explica-nos, a título de piada, a rara Maria. Estava servido o prometido cafézinho. E, para ir bem de encontro à personalidade de Maria, assim agradecemos:

— «Merci», ó «vedette» das «nurses»!

DE VOLTA AO ENTREVISTADO

Os planos de Homero Marques não são de bitola estreita, não! Êle tem muita coisa em mente, para surpreender os ouvintes que o consagram,. aliás com muita justiça.

Está formando dupla com Sandra Samarah, sua noiva. Ensaia números caipiras, sambas a duas vozes, «sketchs» humorísticos e tudo isso escolhido com o mais rigoroso critério. O carinho com que ambos pensam nos fãs não lhes permite fazer números à messa.

Temos certeza de que o sucesso dessa dupla que surge será absoluto. Os dois têm valor.

O POVO DO NORTE, POVO ACOLHEDOR

Já estão prontas as malas de Homero Marques e Sandra Samarah, para a excursão ao norte. Percorrerão vários Estados daquela região do país, porém não se limitarão às suas românticas capitais: tôdas as cidades pequenas, do interior das plagas nortistas, serão igualmente visitadas pelo querido casal da Nacional daqui de São Paulo.

— Antes de embarcar para o norte, — revela-nos Homero, — atuaremos, durante uma temporada, no Rio de Janeiro, na Rádio Nacional. Em seguida, rumo ao norte! Daquelas bandas, só conheço, mesmo, a Bahia.

— Você vai tirar férias, na Nacional, ou licença?

— Férias acumuladas. Dois meses e meio. Após êsse período de afastamento, voltarei para a Nacional de São Paulo. Mas aí, já em dupla com minha noiva Sandra.

Depois dêsse alegre e amistoso «bate-papo», iamos despedir-nos e Homero Marques nos pediu mandássemos uns Saudares, com S maiúsculo, ao pesosal nortista. «Gente camarada, essa de lá! Amiga dos artistas, nunca faltou com a peculiar «boa vontade de ajudar a todos que as visitam, prestigiando-os e estimulando-os com os mais calorosos aplausos», arrematou o simpático cantor.

ESCADA DE LANCES

(Conclusão da página 46)

lvez a arte o exija. E seria mais al-ivo não a mostrar tanto. Demais, e é o pior, ela se exprime frequentemente uma forma muito direta, sem as ate-nuações e os matizes que porventura lhe dariam mais relêvo, mais expres-são... Não recease eu ser acoimado de impertinente, lhe diria que fuja ao vulgar preconceito da honra ou vaidade literária, e ofereceria à sua meditação êste belo pensamento de Joaquim Na-buco: "O escritor juvenil que não se resignar ao sacrifício da sua "honra" literária, não fará progressos em lite-ratura". Há no senhor, digo sem ânimo de comprimentá-lo, tudo o que é pre-ciso para fazê-los e completos. Felici-to-o pelo seu livro, ao qual desejo o bom sucesso que merece, e rogo-lhe creia nos sentimentos cordiais com que sou seu confrade e obrigado. — José Veríssimo.

ATUALIDADES LITERARIAS

Herberto Sales, romancista de "Cas-calho", estreou como ensaista, por in-termédio do livro recentemente lança-do pelo "Cruzeiro": "Baixo Relêvo". Coletânea de vários vultos literários.

•

H. Pereira da Silva, autor de conheci-dos ensaios psicanalíticos como "A Megalomania Literária de Machado de Assis", reeditou o seu livro sôbre Gra-ciliano Ramos. Diz o autor: — "Reven-do dois anos após o que publicamos em 1951, nada acrescentamos nem omi-timos ao seu conteúdo, apenas nos pre-ocupamos com o estilo.

•

Wilson W. Rodrigues lança "Pai João Menino", uma volta ao seu velho e que-rido tema folclórico e lendário. Desta vez por meio da ficção infantil, tendo realizado uma história rica de poesia e de símbolos.

COMO PENSAM OS...

(Conclusão da página 51)

nhor Paulo José o meu abraço amigo — ROGERIO MEDEIROS — S. Paulo.

★

Sr. Paulo José — Ouvindo a novela das 10,30 horas, das terças-feiras, na E-8, fiquei surpreendida quando me pa-receu ouvir a voz de Nélio Pinheiro, o inesquecível Nélio, vivendo um dos prin-cipais papéis. Logo procurei saber a verdade, conhecendo então que se tra-ta de Odair Marzano, um nome novo no rádio-teatro da Nacional. Nós, as fãs de Nélio, estamos contentes em ou-vir Odair, cuja voz nos lembra tão in-tensamente à daquele rádio-ator. Com o tempo, estou certa, de que saberei descobrir o caracteristico que deve mar-car a voz a voz de Odair, levando-me a identificá-lo como êle próprio, e não mais confundi-lo, porque o rapaz, fran-camente, é uma delícia de personagem de novela.

Na expectativa da publicação desta, muito agradecida, subscrevo-me — LU-CIA SILVA — Salvador.

★

Sr. Paulo José. Cordiais saudações — Leitora de sua bem organizada seção, aqui estou para um comentário sôbre a cantora "diferente", Nora Ney, a voz feminina cuja gravidade é um encanto. Nora possui uma dessas vozes repou-santes, que tanto bem fazem a quem a ouve e, assim, sempre que me é possível, ouço suas gravações. Foi com prazer que verifiquei ser essa cantora a "rai-nha dos discos", porque no momento, Nora é, sem nenhum favor, a preferida de milhares de ouvintes. Dou, portanto, meus parabens à Rádio Nacional por possuir em seu "cast" um elemento dês-se valor e que Nora continue brilhando por muitos anos. Para o Sr. Paulo José, os meus cumprimentos. — MARIA HE-LENA — Rio.

A ARTE EM...

(Conclusão da página 47)

vos — possuir uma arte peculiar, carac-terizada pelos nossos costumes, clima e índole, chegamos à conclusão de que isto ainda não ocorreu devido à situa-ção financeira precária dos artistas em geral.

A escultura e a pintura que não re-produzam coisas convencionais, agradá-veis à vista, são endereçadas aos salões oficiais. Contam com escassas probabi-lidades de aquisição particular. E quan-do são aceitas, se estão fora da orienta-ção a que se filiam os membros do juri, com suas escolas e tendências, notòria-mente conhecidas, não obtêm premiação alguma.

Essa espécie de coação dissimulada limita a inspiração, tolhe os movimen-tos espontâneos dos impulsos íntimos, transformando, o artista em prisioneiro de uma corrente da qual êle é, ao mes-mo tempo, um simples êlo.

Não fôssem, entretanto, as imposições financeiras decorrentes do idealismo que o impossibilita para a vida prática, essa sujeição não se verificaria. Mas, o artis-ta não sabe e nem pode fazer outra coi-sa que a sua arte. Sacrifica, então, parte do seu idealismo, a fim de não perdê-lo totalmente. Resignado, segue a orienta-ção do júri, que, por sua vez, obedece as instruções exteriores. Aqui teremos que mencionar a Bienal, como se sabe fi-nanciada no intuito visível de implan-tar, numa terra cem por cento «figura-tivista», pela exuberância da sua natu-reza, o abstracionismo de um mundo que perdeu seus encantos naturais.

Prêmios em dinheiro, como até então não foram estipulados, atraiam o artista que se inscrevesse naquele certame. E muitos se inscreveram, pois muitas eram as necessidades financeiras, a par da fútil vaidade pessoal de figurar, nos can-tos escuros que fossem, daquele recinto onde a luz não faltava aos trabalhos prèviamente distinguidos.

Está claro que o povo ignora o que relatamos. A elite, não. Seja como fôr, porém, ambos, povo e elite, neste ponto, se entendem: a arte fôra sacrificada pelo interêsse financeiro. Êste interêsse, a que se subordina o artista, contrari-ando todos seus impulsos criadores, se preciso fôr, está fora da cogitação do povo pensar sequer, satisfazê-lo. E' ou-tro privilégio de que dispõe a elite. Ela tem recursos para amparár o artista. E sòmente ela — não o deixa negar a evidência histórica dos fatos — o tem amparado.

FIGURA VIVA

(Conclusão da página 57)

go traduzia, de J. Ralph, — "Conhece-te pela Psicanálise" (que êle reedita até hoje) e daí José Olympio partiu para a grande aventura.

O "Diário de São Paulo" reproduzia, naquela época, as crônicas de Humberto de Campos. José Olympio procurou o es-critor e editou tôda a sua obra. Leu os dois primeiros romances de José Lins do Rêgo e comprou-lhe os direitos para uma edição de dez mil exemplares de "Banguê".

Convenceu-se de que o centro intelec-tual do Brasil é o Rio de Janeiro e, em 1934, com coragem, armas e bagagens, instalou suas estantes na rua do Ouvi-dor, 110 (onde funciona até hoje).

1954. — José Olympio tem várias agên-cias no Brasil, quase quatrocentos em-pregados e já editou noventa por cento dos escritores publicaveis do Brasil.

Nunca deixa de nos dizer que o cami-nho não foi facil. Houve sérias crises a serem vencidas. Da última, o que o salvou foi a venda a prestação, com agentes batendo de porta em porta. Ain-da hoje, seu grande movimento é a cré-dito — o livreiro tem que ir à casa do freguês.

Nossa "figura Viva" conhece quase tôda gente — inclusive gente da direita, esquerda, ponta, centro, jogador de fu-tebol, "book-makers", artistas, jornalis-tas, generais e até estancieiros.

Tôdas as vezes que conversa com um amigo, chama-o pelo nome inteiro, e diz: "Zé Lins do Rêgo, vamos jantar ama-nhã ?" "Rubem Braga, venha tomar café"...

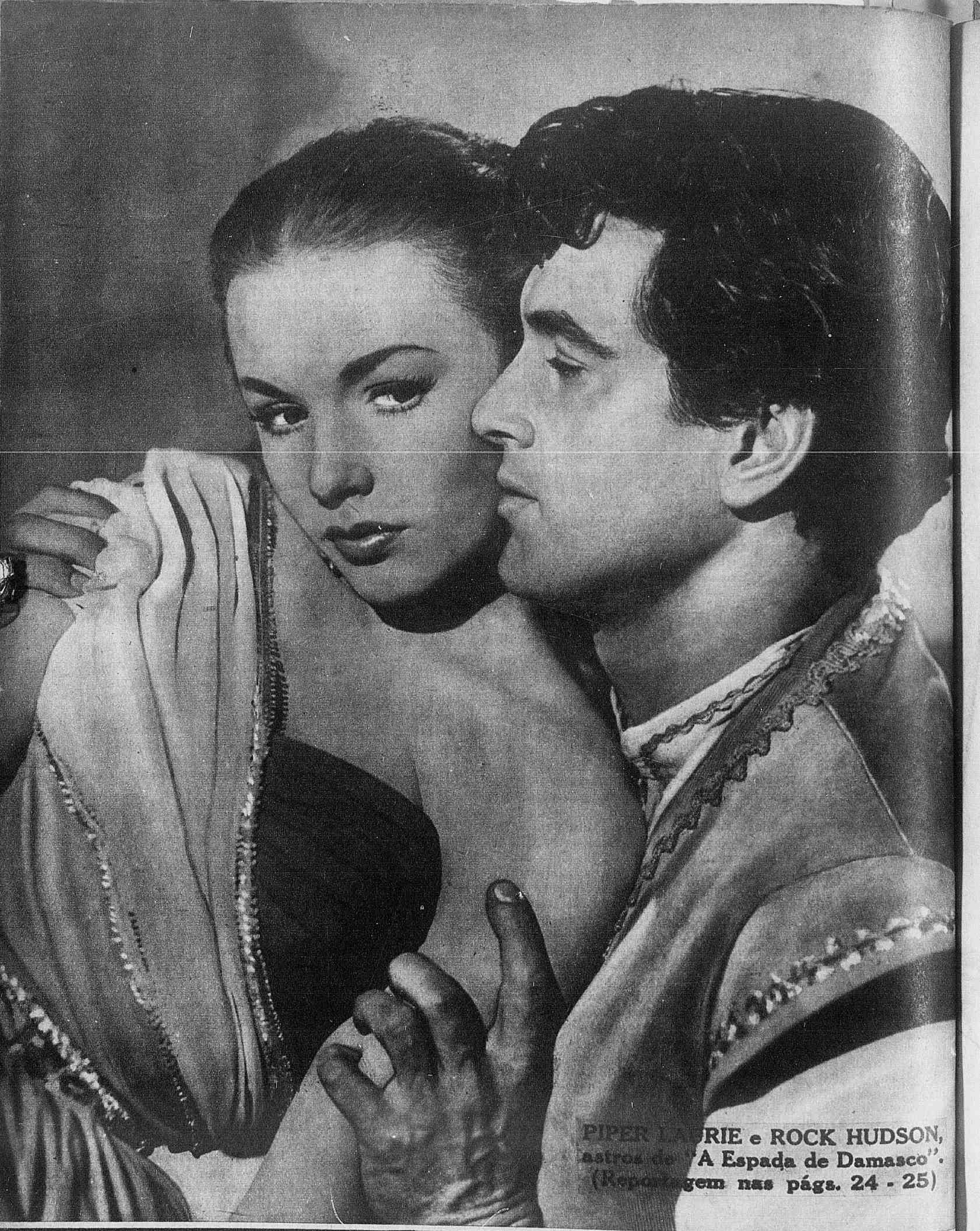
José Olympio gosta de ir ao prado, cinema (lembra-se do japonês Maeda), joga pôquer, com direito aos pasteis de Sebastiana, que êle diz serem inferiores aos da ladeira do Pôrto Geral. Bebe mo-deradamente: chope, batida, conhaque — Uisqui, só "do nosso Brasil". Conversa sôbre livros, doenças, cavalos, política e mulheres. Está sempre ao par da "ve-dette" em cartaz.

Tem uma filha bonita, Vera, de de-zessete anos, fazendo o clássico, e um rapaz, Geraldo — que estudará letras e será editor. Acompanha com carinho os estudos dos filhos.

Lembro-me de quando Nelson Romero disse: "José Olympio, dia a dia, se vai tornando um grande benfeitor das letras pátrias, pela divulgação que vem fazen-do do que há de bom entre nós e de que de útil nos chega de fóra. Empreen-dedor tenaz, idealista incansavel e cora-joso, êle vem aplicando em favor da cul-tura brasileira sua invejavel capacidade de trabalho, seu amor ao pensamento, sua rara elevação moral, seu inequivoco faro para os livros úteis, com sagaci-dade invulgar no reconhecimento do que é aproveitavel".

O menino de Batatais é, hoje, o maior editor do Brasil, e lamenta não ter sido bacharel, nem alguma vez ter sido fu-rado...

PAULO DE SINHA



PIPER LAURIE e ROCK HUDSON, astros de "A Espada de Damasco". (Reportagem nas págs. 24 - 25)

AO PRESENTEAR UMA PESSOA DE SUAS RELAÇÕES, LEMBRE-SE DO "TRIO MARAVILHOSO" REGINA: AGUA DE COLONIA, SABONETE E TALCO REGINA